UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

JHONATAN STIVEN GUTIÉRREZ BOBADILLA

Transformações dos espaços rurais no *Piemonte Amazônico* colombiano. O caso do vale do rio San Pedro no município de Florência-Caquetá, no período 1990 - 2010.

Rio de Janeiro, RJ - Brasil
2011

Jhonatan Stiven Gutiérrez Bobadilla

Transformações dos espaços rurais no Piemonte Amazônico colombiano. O caso do vale do rio San Pedro no município de Florência-Caquetá, no período 1990 - 2010.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia (Planejamento e Ordenamento Territorial), Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do titulo de Mestre em Geografia.

Orientador: Profª. Pós-Doc. Ana Maria de Souza Mello Bicalho

Rio de Janeiro, RJ - Brasil
2011

Gutiérrez, Jhonatan Stiven B.

Transformações dos espaços rurais no Piemonte Amazônico Colombiano. O Caso do vale do rio San Pedro no município de Florência-Caquetá, no período 1990 – 2010/Jhonatan Stiven Gutiérrez Bobadilla. -- 2011.

136 f.: Il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2011.

Orientador: Ana Maria de Souza Mello Bicalho

1. Território 2. Piemonte Amazônico. 3. Colômbia. 4. Cultivos Ilícitos de Coca. 5. Colonos Camponeses. I. Bicalho, Ana Maria de Souza M. (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Titulo.

Jhonatan Stiven Gutiérrez Bobadilla

Transformações dos espaços rurais no Piemonte Amazônico colombiano. O caso do vale do rio San Pedro no município de Florência-Caquetá, no período 1990 - 2010.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia (Planejamento e Ordenamento Territorial), Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do titulo de Mestre em Geografia.

Aprovada em:____/____/_____

_____

Profª. Pós-Doc. Ana Maria de Souza Mello Bicalho – IGEO/UFRJ

_____

Profª. Dra. Ana Maria Lima Daou – IGEO/UFRJ

_____

Profª. Dra. Olga Maria Shild Becker – IGEO/UFRJ

_____

Prof. Dr. Vicente Paulo dos Santos Pinto – PPGE/UFJF

RESUMO

BOBADILLA, Jhonatan Stiven Gutiérrez. **Transformações dos espaços rurais no *Piemonte Amazônico* colombiano**. O caso do vale do rio San Pedro no município de Florência-Caquetá, no período 1990 - 2010. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A transformação do vale do rio San Pedro é resultado das mudanças nas práticas rurais, as quais aconteceram dentro do contexto social das décadas de 1990 e de 2000, como parte das novas dinâmicas econômicas implementadas no setor agropecuário colombiano. Esse território é construído a partir dos limites impostos pelos usos do solo e o decorrente controle exercido pela população, além das redes estabelecidas no comércio rural, representando, a área de estudo, um fenômeno espacial da região do Piemonte Amazônico Colombiano. As atividades econômicas desenvolvidas na região como a pecuária bovina, o cultivo de café, o cultivo de coca ilícito e as atividades de subsistência camponesa são resultado da combinação dos processos ocorridos na colonização dirigida e espontânea da região, desenvolvimento inicialmente isolados que constituíram a região como espaço de conflitos territoriais e de continua expansão da fronteira agrícola. O contexto das dinâmicas econômicas levaram à transformação dos usos do solo no vale do rio San Pedro, que em duas décadas consolidou-se em um espaço dominado pela pecuária bovina, atuando como uma monocultura rural. Dessa forma, explica-se neste trabalho o processo de transformação do território, interpretado a partir dos usos do solo, sendo um espaço ocupado pelos colonos camponeses que são diretamente afetados por essas mudanças na Amazônia colombiana.

Palavras chave: Território. Piemonte Amazônico. Colômbia. Cultivos Ilícitos de Coca. Colonos Camponeses.

ABSTRACT

BOBADILLA, Jhonatan Stiven Gutiérrez. **Transformações dos espaços rurais no *Piemonte Amazônico* Colombiano**. O caso do vale do rio San Pedro no município de Florência-Caquetá, no período 1990 - 2010. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

The transformation of the San Pedro River Valley is a result of changes in rural practices, which occurred within the social context of the decades of 1990 and 2000, through new economic dynamics in the Colombian agricultural sector. This being a territory built from the limits imposed in the new land uses and social controls in the population, in addition to the established networks in rural trading market. Forming in the study area a space phenomenon that affects the entire region of piedmont Amazon Colombian. The economic activities in the region such as cattle ranching, coffee growing, illicit coca crops and subsistence activities, which correspond to the dynamics established land uses, result from the combination of processes of spontaneous and directed colonization, which conformed a region characterized by territorial disputes and the continued expansion of agriculture. This context of economic dynamics, led to the San Pedro River valley undergo changes in the uses of soil, which in two decades came to be a space dominated by cattle with large areas occupied and consolidating a monoculture countryside. Therefore, this work explains the transformations process of the territory and seeks to identify the major changes in a space occupied by the colonists - farmers in the Colombian Amazon region, which is established in the history of Colombia recently.

Key words: Territory. Piedmont Amazon. Livestock. Colombia. Illicit Cultivation of Coca. Economic Rural Activity. Peasant Settler.

RESUMEN

BOBADILLA, Jhonatan Stiven Gutiérrez. **Transformações dos espaços rurais no *Piemonte Amazônico* Colombiano**. O caso do vale do rio San Pedro no município de Florência-Caquetá, no período 1990 - 2010. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

La transformación del valle del río San pedro, es resultado de los cambios en las prácticas rurales, que acontecieron dentro del contexto social de las décadas de 1990 y de 2000, como nuevas dinámicas económicas en el sector agropecuario colombiano. Siendo este un territorio construido, a partir de los limites impuestos en los nuevos usos del suelo y los controles sociales en la población, además de las redes de comercio establecidas en el mercado rural, formando en el área de estudio un fenómeno espacial que se presenta en toda la región del Piemonte Amazónico colombiano. Las actividades económicas desarrolladas en la región como: la ganadería, el cultivo de café, los cultivos ilícitos de coca y las actividades de auto consumo, son resultado de la combinación de procesos acontecidos en la colonización dirigida y espontánea, conformando una región caracterizada por los conflictos territoriales y la continua expansión de la frontera agrícola. Este contexto de dinámicas sociales, repercutieron en transformaciones en el uso del suelo al interior del valle del río San Pedro, que en dos décadas pasó a ser un espacio dominado por la ganadería extensiva, ocupando amplias áreas y creando una monocultura rural. Por tanto, este documento explica como acontecieron estos cambios en el territorio e identifica los principales cambios en el espacio habitado por los colonos de la Amazonía colombiana, una región recién constituida en la historia colombiana.

Palabras clave: Territorio. Piemonte Amazónico. Colombia. Ganadería. Actividades Económicas Rurales. Cultivos Ilicitos de Coca. Colonos Campesinos.

Para minha linda Mãe

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho, é resultado do apoio decidido de pessoas que participaram neste processo de minha formação acadêmica, principalmente daqueles que incentivaram desde o inicio, a construção desta grande experiência, sendo um período inesquecível, como é estudar em um país estrangeiro.

Agradeço a minha mãe, por sempre estar ai desde a distância com seu apoio afetivo, necessário para batalhar frente a inúmeros acontecimentos decorrentes de morar longe da família. Não foi somente o amor de mãe, foi também na ajuda intelectual para tentar resolver problemas no mundo acadêmico.

A minha família e amigos que na Colômbia, sempre torceram porque todo dei certo.

Agradeço a professora Ana Maria Bicalho, que me acolho, apoiou e orientou nesta fase acadêmica, além de me vincular nos projetos que mostraram esse maravilhoso país que o Brasil.

Agradeço aos grandes amigos, que com muita disposição me ajudaram em diversos momentos com a revisão do português e a orientação em temas chave, muito obrigado Carla Ramôa e Fabio Araujo.

Ao Alexis Cusva, geógrafo colombiano, *parcero* que desde a distância recebi todo o apoio e colaboração na realização da cartografia, muito obrigado.

Ao Arthur Almeida e Tatiana Peixoto, que em diversos momentos me ajudaram na leitura do documento.

Aos colegas e amigos do mestrado de geografia, Ana Gabriela Araujo, Ingrid del Pozo, Elton Simões pelo apoio e companhia.

Devo agradecimentos aos moradores do vale do rio San Pedro, por relatar de forma gentil seus conhecimentos e historias de vida, além de oferecer confiança para me guiar na área de estudo

Ao funcionário da prefeitura de Florência que me apresentou os moradores e colaborou com a informação importante em campo.

Às instituições que disponibilizaram informação dos produtos da região, federação de Cafeteiros do Caquetá, SINCHI, Secretaria da agricultura do departamento de Caquetá, UNDOC e DANE.

As professoras Ana Daou e Olga Beker, pelas sugestões e correções na banca de qualificação.

Ao Programa PEC/PG do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, que por intermédio da CNPq disponibilizaram todo o apoio institucional e econômico para conseguir fazer o mestrado na UFRJ.

A Sra. Ildione e aos funcionários da secretaria do PPGG, por atender em vários ocasiões minhas duvidas e requerimentos, muito obrigado.

Ao s funcionários da Biblioteca do PPGG

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia e aos professores que participaram neste processo e disponibilizaram o espaço do departamento.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro.

À cidade do Rio de Janeiro e ao povo brasileiro por me acolher e mostrar essa bela cultura do maior povo latino-americano.

Aos amigos de aqui e de outros países que sempre estiveram atentos deste processo.

ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1: Estrutura da pesquisa 32
Figura 2: Vale do Rio San Pedro – Florência. Fonte: Leica geosystems, path and row 859 de 1989. RGB 453. 42

Fotos

Foto 1: Tipo de transporte da região, Gutierrez J. Junho 2005. 38
Foto 2: Estrada principal do vale do rio San Pedro. Gutierrez J, 2010 39
Foto 3: Paisagem do vale do rio San Pedro. Fonte: Gutierrez, 2009 42
Foto 4: Estrada do vale do rio San Pedro. Fonte: Gutierrez, J. 2010. 78
Foto 5: Paisagem da encosta, leste da bacia do rio San Pedro. Fonte: (Gutierrez, J. 2000) 103
Foto 6: Solo pronto para lavoura após desmantelamento de um cultivo de coca. Fonte: (Gutierrez, J. 2005) 103
Foto 7: Rua do povoado de Norcasia, antiga zona de bares na década de 1980 e de 1890. Fonte: (Gutierrez, J, 2010) 105
Foto 8:Área de pecuária próximo ao povoado de Maracaíbo. Fonte: (Gutierrez, J, 2005) 107
Foto 9: Pecuária de corte no limite entre o piemonte e a várzea. Fonte: (Gutierrez, J, 2010) 108
Foto 10: Antiga área de cultivo de coca. (pós-erradicação) Fonte: (Gutierrez, J. 2006) 115
Foto 11: Paisagem da encostas leste do vale do rio San Pedro. Fonte: (Gutierrez J, 2010) 119
Foto 12: Extração de madeira. Fonte: (Gutierrez, J, 2010) 119
Foto 13: Fazendas pecuárias. Fonte: (Gutierrez, J, 2010) 120
Foto 14: Transporte contratado pela Nestlé. Fonte: (Gutierrez, J, 2010) 121

Gráficos

Gráfico 1: Usos do solos no Caquetá Fonte (DANE, 2005) 66
Gráfico 2: Departamentos com pecuária. (FEDEGAN, 2011; DANE, 2009) 69
Gráfico 3: Área em pecuária bovina utilizada em cada departamento. Fonte: (FEDEGAN, 2011) 72
Gráfico 4: Produção de leite em litros – Caquetá e Colômbia. Fonte: (DANE, 2009) 78
Gráfico 5: Preço do leite em Florência Fonte: (DANE, 2010) 79
Gráfico 6: Comparação em hectares de cada uso entre os anos 1989 e 2002. Fonte: classificação das imagens de satélite 87
Gráfico 7: Produção de coca nos municípios de Florência e Montañita – Caquetá. Fonte: (UNDOC, 2010) 88
Gráfico 8: Produção de coca por área e Nº de lotes nos municípios de Florência e Montañita. Fonte: (UNDOC, 2010) 89
Gráfico 9: Principais produtos de Exportação Fonte: (BANREP, 2010) 91
Gráfico 10: Produção de Café na Colômbia. Fonte: (FEDECAFE, 2010) 92
Gráfico 11: Área de produção de café no Caquetá por municípios. Fonte: (DANE, 2010) 94
Gráfico 12: Média de preço externo do café colombiano. Fonte (FEDECAFE, 2010) 94
Gráfico 13: Produtores de café no Caquetá. Fonte: (FEDEACAFE, 2010) 95
Gráfico 14: Comparação das áreas em hectares do mapa de 1989 e de 2007 114
Gráfico 15: Uso de solo floresta degradada, 2007 116
Gráfico 16: Uso do solo em Agricultura, 2007 117
Gráfico 17: Uso de solo em pastagens, 2007 118

MAPAS

Mapa 1: A divisão territorial de Florência em corregimentos. San Pedro em cor amarelo com os três povoados, Maracaibo, Norcasia e Pará *35*
Mapa 2: Municípios de Florência e Montañita, departamento de Caquetá - Colômbia *37*
Mapa 3: Localização geral departamento do Caquetá, Colômbia *44*
Mapa 4: Níveis de ocupação no departamento de Caquetá. *56*
Mapa 5: Saídas de rebanho bovino do Caquetá *73*
Mapa 6: Uso do solo 1989, município de Florência e Montañita. *85*
Mapa 7: Usos do solo 2007. Municípios de Florência e Montañita. *86*
Mapa 8: Classificação de imagem. Uso do solo ano 1989 ..... *102*
Mapa 9: Classificação de imagem. Uso do solo ano de 2007. ..... *113*

QUADROS

Quadro 1: Informantes entrevistados em campo 31
Quadro 2: Tipo de Informação da Pesquisa 32
Quadro 3: Principais povoados do corregimento de San Pedro. Fonte (DANE, 2005) 36
Quadro 4: Principais características dos atores rurais no piemonte amazônico. 46
Quadro 5: períodos cronológicos e os impactos espaciais no Piemonte Amazônico Colombiano 50
Quadro 6: Elementos estruturais de produção camponesa 63
Quadro 7: O negocio da pecuária 68
Quadro 8: Características das propriedades com pecuária em Florência 75
Quadro 9: Produção de Café na Colômbia e no Caquetá, dados de 2010. 93
Quadro 10: Uso do solo. Ano 1989 101
Quadro 11: Estrutura do território ano de 1989 110

SIGLAS

DANE (Departamento Nacional de Estadistica)

FEDEGAN (Federación nacional de ganaderos)

ICA (Instituto Colombiano Agropecuario)

FEDECAFÉ (Federación Nacional de Cafeteros)

UNDOC (Escritório das Nações Unidas sobre a Droga e o Crime)

ENA (Encuesta Nacional Agropecauria)

SINCHI (Instituto de Investigaciones Amazonicas)

ASOHECA (Asociación de reflorestadores de Caucho de Caquetá)

FARC (Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia)

M -19 (Movimento diez y nueve de Abril)

GPS (Global Position Sistems)

IGAC (Instituto Geográfico Agustín Codazi)

AUC (Auto defensas Unidas de Colombia)

INCORA (Instituto Colombiano para la Reforma Agrária)

ELN (Ejercito de Liberación Nacional)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
Hipóteses 21
Objetivo 21
1. Abordagem Teórica Metodológica 22
1.1. Espaço e Ruralidade no piemonte 22
1.2. Território e Organização da Sociedade Colono-Camponês 24
1.3. Metodologia 28
1.3.1. Entrevistados 30
1.3.2. As Imagens de Satélite 33
2. Contexto Histórico E Geográfico Do Piemonte Amazônico 34
2.1. Caracterização da região e da área do vale do Rio San Pedro 34
2.2. O piemonte 39
2.3. As características biofísicas do piemonte 41
2.4. A espacialidade no vale do Rio San Pedro 45
2.5. Os colonos – camponeses 47
2.6. Os processos da colonização do piemonte amazônico 50
2.7. A colonização dirigida pelo Estado no piemonte 53
2.8. A Colonização no período 1977 -1990 57
3. A Dinâmica Econômica E Seus Impactos No *Piemonte Amazônico*. 60
3.1. A produção do Espaço e a Dinâmica Rural 60
3.2. Caracterização das dinâmicas econômicas no piemonte amazônico 64
3.3. A Atividade pecuária 66
3.4. A produção de leite 76
3.5. Produção de folha de coca (atividade ilegal) 80
3.6. A produção de Café no *piemonte amazônico* 90
3.7. Atividades de subsistência 95
4. Transformações Territoriais No Vale Do Rio San Pedro 98
4.1. Análises das variáveis 98
4.2. A exploração dos solos no vale do rio San Pedro 99
4.3. Estrutura do território no ano de 1989 109
4.4. O território do vale do Rio San Pedro 111
4.5. Estrutura do território do vale do rio San Pedro no ano 2010 122
5. Conclusões 124
6. Bibliografia 127

INTRODUÇÃO

Interpretar as transformações sociais dos espaços rurais, tem se tornado um tema importante para explicar os problemas regionais, os quais geram impactos e criam novas dinâmicas que se manifestam no uso e nas formas de apropriação do espaço, consolidando territorialidades influenciadas pelas estruturas políticas, econômicas e culturais. Neste sentido a transformação do espaço, entende-se como uma ocorrência da dinâmica regional dentro de um contexto social determinado, e desta maneira, marcando diferenças espaciais.

Segundo Corrêa, a diferenciação espacial "encontra-se ancorada em padrões culturais próprios a cada tipo de sociedade e nas possibilidades técnicas disponíveis em cada momento" (2008, p. 35). Tal diferenciação fornece contextos sociais diferentes, como o urbano e o rural, diretamente dependentes, o que torna complexas as diversas relações espaciais entre eles. Desta maneira, interpretar as mudanças no espaço rural leva a compreender o contexto regional[1] e seus diversos problemas, num local especifico.

O recorte espacial desta dissertação é a área rural do município de Florência na Colômbia. Esta se localiza no vale do rio San Pedro, na região do *piemonte amazônico*. Este espaço caracteriza-se por expressar os principais fenômenos espaciais que abrangem a cultura, a política e a economia da comunidade desta região colombiana.

A história da Colômbia na última metade do século XX evidenciou o povoamento de varias regiões, principalmente de origem camponês, que criou enclaves de assentamento em espaços afastados, via expansão da fronteira agrícola, tornando o *piemonte* referência do processo de colonização recente na Amazônia colombiana.

Os deslocamentos internos da população no país, através do processo da colonização, junto às políticas de desenvolvimento formuladas pelo Estado, constituíram na década de 1970[2] transformações espaciais, resultado das dinâmicas rurais que criaram condições sociais, que se manifestaram no uso do solo, principalmente na região amazônica.

Estas dinâmicas estruturaram os espaços, com características de ocupação em torno do uso e controle das terras, para que os colonos camponeses produzissem dentro de um contexto de subsistência econômica e após, se tornarem em novos agentes capitalistas com domínio de

---

[1] A região é um conceito de amplo debate na geografia pela complexidade, segundo Gomes (2010) se aborda o caráter cientifico, as definições a partir da linguagem e as discuções epistemologicas. "A região tem em sua etimologia o significado de domínio, de relação entre um poder central e um espaço diversificado" (p. 72).

[2] Segundo Kalmanovitz e López (2006), a economia colombiana teve um processo evolutivo de forma constante a partir dos anos 50, que se ampliaram até o inicio da década de 90, quando mudou a política macro econômica.

grandes extensões de terra, seja através das atividades de exploração de recursos naturais nestas áreas ou da pecuária bovina.

No inicio da década de 1990, a Colômbia sofreu transformações importantes em sua estrutura política e social, marcadas por acontecimentos políticos e sociais, junto à formulação de uma nova constituição política e à entrada do modelo de desenvolvimento neoliberal[3], sendo este último, o responsável pelos impactos mais fortes na estrutura organizativa e participativa dos setores produtivos do país. Assim, este contexto de uma nova dinâmica econômica, colocou no espaço rural colombiano mudanças espaciais e culturais em resposta as políticas de desenvolvimento agropecuário, adotadas pelo governo nacional, dentro do contexto da política neoliberal implantada no início da década de 1990 (JARAMILLO, 1994). A partir deste momento, o setor agropecuário criou novos usos do solo, gerando transformações nas práticas rurais que se manifestaram no aumento da atividade pecuária bovina, além dos produtos agrícolas de exportação como a cana de açúcar, a banana, a palmeira do dendê, as rosas e o café. (KALMANOVITZ; LOPÉZ, 2006, p. 249). Pois, estes criaram novas condições nas pautas de comercialização de produtos agrícolas para os pequenos produtores, junto a decorrente expansão da fronteira agrícola, que também foi pressionada pela influência dos cultivos ilícitos.

Deste modo, a colonização camponesa e a dinâmica econômica agropecuária ocorrida na Colômbia, em associação com os movimentos internos e as estruturas externas, levaram à transformação do território do vale do rio San Pedro. Os atores presentes neste território lhe imprimiram novas pautas de organização e controle do espaço rural. Assim, famílias de camponeses que chegaram a esta região nas décadas de 1960 e de 1970, com o imaginário de construir um território semelhante da região andina colombiana, tiveram que se adaptar às mudanças impostas pela economia agropecuária, e ao surgimento de novos atores que procuravam poder na terra, situação decorrente da colonização de terras devolutas[4].

As transformações do território, se manifestaram no uso do solo e nas mudanças das dinâmicas rurais, decorrentes da própria colonização camponesa. Isto, devido às estruturas

---

[3] Desde o ano de 1989 até de 1991, ocorreram processos que tiveram relação com a situação social dos últimos viente anos na Colômbia, a desmobilização do M-19, o assassinato de tres candidatos presidenciais, o aumento do poder dos carteis da droga de Medellin e de Cali, a consolidação de estrutras paramilitares, a assembleia constituiente e abertura dos mercados no contexto neoliberal, todos com forte impacto na dinâmica social, política e econômica do país neste periódo. Acontecimentos descritos em inúmeras publicações de caráter histórico, político e econômico. Ver em (Jaramillo et al, 1986; Jaramillo, 1994; Molano, 2000; Tovar, 1999; kalmanivitz e López, 2006; Ramirez, 2001; Fajardo; 1993)

[4] Conceito utilizado nos processos acontecidos na Amazônia Brasileira, o qual tem o mesmo significado para o caso colombiano, de terras livres, neste caso de terras devolutas.

externas ligadas aos projetos de desenvolvimento, sendo os mesmos camponeses, os responsáveis por modificar as práticas que se desenvolvem no espaço, construindo desta maneira, um novo território.

As análises do oeste da Amazônia colombiana, constitui-se no incremento do acervo de pesquisas da região que tentam explicar e dar resposta as questões decorrentes do problema social e ambiental, porem, o estudo dos fatos sociais e políticos tem sido o foco das análises nesta área, especialmente na questão do conflito político e militar que atinge a Colômbia e as consequências destes na Amazônia. Portanto, o conflito converteu-se na origem direta de vários problemas da região, abrangendo diversos componentes espaciais, entre eles, a dinâmica rural e as continuas transformações no uso do solo em períodos relativamente curtos. Interpretar esses problemas, esta vez, a partir das mudanças nos usos dos solo e as decorrentes variações na dinâmica rural, nesta região aproximam-se mais a uma mudança na territorialidade exercida, e, assim entender o problema rural do *piemonte* amazônico colombiano desde outra variável social.

O objetivo de interpretar as transformações na dinâmica rural do vale do rio San Pedro, no município de Florência, ancora-se nos espaços que apresentam um conjunto de problemas que atingem atualmente o *piemonte*, e, em geral, na região amazônica colombiana. Portanto a área de estudo coloca-se como referência das mudanças de tipo espacial, que tem transformado os usos do solo e a paisagem rural da Amazônia.

O vale do Rio San Pedro representa duas características que abrangem o contexto espacial do *piemonte amazônico*, e pelo qual se pode abordar como objeto de estudo para entender os problemas da região.

1. É uma área rural que pertence ao município de Florência, sendo esta a capital de departamento e a maior cidade da região amazônica, e portanto, alvo dos principais projetos de desenvolvimento executados nesta parte do país.

2. A forma topográfica e a extensão do vale do rio San Pedro, configuram uma paisagem diversa, onde se apresentam quatro tipos de ambientes relacionados com os usos do solo, mais tradicionais da região do *piemonte* amazônico colombiano, como: a) área de produção de café, b) a atividade pecuária bovina, c) a configuração de pequenas propriedades decorrentes da colonização, e d) as áreas de cultivos ilícitos.

Deste modo, o Vale do Rio San Pedro pode ser estudado dentro da proposta, de abordar o fenômeno em pequena escala geográfica, como uma unidade de observação com

tendência à homogeneização (CASTRO, 2006). Porém, este representa mudanças no uso do solo e nas práticas rurais, como novas manifestações das dinâmicas que se estruturam em um novo território no *piemonte* amazônico colombiano.

Abordar os fenômenos em uma escala definida, significa utilizar uma amostragem, que represente um tipo de espaço continuo com características semelhantes, ou seja, é um passo no entendimento dos problemas e as dinâmicas de uma região, ou como disse Moreira "Cada recorte é um plano que faz do todo do espaço um entrecruzamento de múltiplos recortes." (2001, p. 23). Significa interpretar a partir daquele cenário rural, os processos que transformam o território, fenômeno representado pela mudança na dinâmica econômica e política, que atinge múltiplos espaços que conformam uma região.

No contexto dessas dinâmicas sociais, a questão principal da pesquisa procura interpretar, como as novas dinâmicas econômicas geraram mudanças sociais, representadas em práticas dentro do espaço rural, as quais criaram novos usos do solo, estruturando um novo território no vale do Rio San Pedro.

A interpretação da territorialidade exercida neste espaço é fundamental, para entender os problemas sociais, e a relação direta com a dinâmica rural no *piemonte*. O conceito de território fornece um marco de análise da materialidade, junto aos processos espaciais da sociedade. Deste modo, relacionar a territorialidade exercida com as dinâmicas sociais, amplia o conhecimento do processo territorial do vale do Rio San Pedro e do *piemonte* amazônico colombiano.

As pesquisas científicas existentes de cunho social, não são satisfatórias na construção de propostas mais efetivas na região. Portanto, a realização deste tipo de pesquisa de caráter geográfico, fundamenta-se na necessidade de construir um conhecimento do *piemonte* amazônico, e de fato na área rural de Florência, com o estudo do recorte espacial do vale do Rio San Pedro.

A pesquisa em pauta está dividida em quatro partes, iniciando com: a contextualização do marco teórico e metodológico; o processo histórico de formação de um território; as dinâmicas econômicas e os impactos no território; e por último as transformações mais significativas dos últimos 20 anos, no vale do Rio San Pedro, resultado de um período agitado de transformações sociais continuas.

O primeiro capítulo, apresenta o marco teórico, que cria a pauta para analisar o contexto social da área de estudo, constituindo a metodologia elaborada para atingir o objetivo geral e comprovar a hipótese levantada.

O segundo capítulo, trata da descrição do contexto histórico e geográfico do *piemonte* amazônico colombiano, refletido no município de Florência, além de caracterizar o colono camponês como ocupante deste espaço, e alvo dos diversos processos de transformação, como a dinâmica econômica, os conflitos decorrentes da história recente do campo colombiano.

No terceiro capítulo, são analisadas as principais dinâmicas econômicas, que se desenvolvem no *piemonte*, com foco nas décadas de 1990 e de 2000, além dos impactos causados na sociedade, dentro do contexto dos problemas que atingem a região, como os cultivos ilícitos e o conflito político militar.

No último capítulo, aborda-se o uso do solo no vale do Rio San Pedro, e as transformações acontecidas no período 1990 – 2010, identificando a estrutura rural exercida no território e as transformações socioeconômicas. No final serão apresentadas as conclusões desta pesquisa com intuito de aproximar mais no conhecimento da região amazônica colombiana e em especifico na parte mais oeste desta.

Hipóteses

As transformações no uso do solo acontecidas no vale do rio San Pedro no município de Florência são decorrentes das dinâmicas econômicas introduzidas a partir do inicio de década de 1990 relacionadas às novas políticas neoliberais na Colômbia, como a abertura de mercados da economia nacional ao contexto internacional. As mudanças dos mercados agropecuários que dominaram o *Piemonte* Amazônico Colombiano, constituíam-se de atividades originadas na região andina, transportadas à região por migrantes portanto, trazendo consigo culturas alheias ao ambiente amazônico. Estabelecendo uma agropecuária de subsistência camponesa, com atividades de pecuária bovina, cultivo de café e cultivo ilícito de coca, formando uma nova estrutura territorial a partir de processos da colonização dirigida e espontânea.

Os embates políticos do conflito armado na Colômbia e o crescimento do cultivo ilícito de coca são responsáveis pela mudança no uso do solo e as territorialidades exercidas pelos diferentes atores da região. Manifestam as causas mais diretas do problema social e ambiental que significa a ampliação da fronteira agrícola no piemonte amazônico.

Objetivo

Considerando as hipóteses, o objetivo geral desta dissertação é analisar a transformação territorial do vale do Rio San Pedro e interpretar as mudanças ocorridas nas práticas rurais no período de 1990 até de 2010. Como o aumento da pecuária bovina e expansão da fronteira agrícola.

Para atingir tal objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos

- A partir de uma base conceitual sobre território analisar o fenômeno, que constituiu a mudança no uso do solo na região, definindo os atores e as relações espaciais do território responsáveis pelas mudanças.

- Analisar a dinâmica econômica e social do *Piemonte Amazônico* entre os anos das décadas de 1990 e de 2010, através da análise do contexto histórico e geográfico do piemonte e a caracterização dos colonos camponeses como ocupantes desse espaço.

- Identificar e analisar as principais transformações territoriais e a relação com a mudança nas práticas sociais que incidiram nos novos usos do solo no vale do rio San Pedro.

1. ABORDAGEM TEÓRICA METODOLÓGICA

1.1. Espaço e Ruralidade no piemonte

O espaço geográfico tem sido um campo de múltiplos debates no interior das ciências sociais, tema que surge do conceito e o objeto de estudo, além dos marcos epistemológicos em que se ancora a discussão (DELGADO, 2003; UNWIM, 1995), fazendo da geografia uma disciplina, que aborda pontos de encontro de vários objetos, que acontecem nas relações entre homem – natureza.

O espaço converte-se em um marco de discussão sobre o tipo de relações, principalmente sociais, que organizam, criam conhecimento e faz controle da mesma sociedade. A geografia tem como objeto de estudo o espaço, que pode ser analisado a partir de cinco conceitos de análises: a paisagem, a região, o espaço, o lugar, o território, para assim, entender como o homem modela a superfície terrestre (CORRÊA, 2008).

As tendências epistemológicas da geografia procuram identificar as relações espaciais, dentro de um marco filosófico, articulando os conceitos de análises espaciais para explicar um fenômeno ou acontecimento. Destas tendências se toma aquela que aborde uma discussão dialética entre as relações sociais, tentado abstrair a realidade da dinâmica rural, que se encaixa em vários sistemas sociais.

Neste sentido, o espaço converte-se numa percepção abstrata da totalidade no conjunto de objetos da realidade, produto de uma produção do espaço, que a sociedade tem transformado em objetos, criando um espaço concreto (LEFEBVRE, 1991), porém, os processos técnicos se explicam na dialética como produto material da sociedade, que também podem ser acrescentados nas ações humanas ao interior do contexto técnico cientifico (SANTOS, 2008).

Esta é uma interpretação social, percebida desde as ações coletivas e no contexto de quem produz, transforma, ocupa e destrói seu próprio espaço, criando um conhecimento aprendido sob a mesma construção social (SANTOS, 2008; LEFEBVRE, 1991; DELGADO, 2003; CORRÊA, 2008).

As práticas espaciais são as ações da sociedade no espaço, precisam ser interpretadas para distinguir as diferenças entre o rural e o agrário, e atuam no espaço de forma diferente. Nesta pesquisa é um fator importante pelo objetivo da mesma, ou seja, aborda-se um conceito

mais abrangente quanto ao uso das práticas desenvolvidas. Porém, estas são produto de duas características:

> As práticas espaciais resultam, de um lado, da consciência que o Homem tem da diferenciação espacial. Consciência que está ancorada em padrões culturais próprios a cada tipo de sociedade e nas possibilidades técnicas disponíveis em cada momento [...] de outro lado, dos diversos projetos, também derivados de cada tipo de sociedade, que são engendrados para viabilizar a existência e a reprodução de uma atividade ou de uma empresa, de uma cultura especifica, étnica ou religiosa. (CORRÊA, 2008, p. 35).

As práticas espaciais fragmentam, fazem processos seletivos e reproduzem, e, desta forma, pode-se interpretar como as diversas ações atuam no espaço e cada ação gera impactos, além de criar pautas de organização ou controle do espaço produzido pela mesma sociedade. Neste caso a classificação dos atores indica a forma e o processo de transformação do espaço. Sendo a forma de interpretar, a traves das práticas dos atores sociais, o espaço rural que constitui o vale do Rio San Pedro

O espaço rural é um complexo ecúmeno de população dispersa e profundamente ligado com seu meio natural moderadamente transformado (VASQUEZ, 2000). Moderadamente porque o homem sedentário adapta-se em torno de seus costumes e sua concepção política é transformada através dos intercâmbios com a cidade, construindo o território sobre os traços dos processos herdados neste espaço. Assim, o conceito de território aproxima-se ao entendimento das dinâmicas rurais, ancoradas dentro de uma escala regional, sendo uma expressão cotidiana que liga o rural e o urbano (GARCIA ET AL, 1995).

O *piemonte* amazônico é uma região construída de vários processos populacionais, que marcaram esses traços, é resultado de uma sucessão de costumes e intercâmbios onde os atuais moradores exercem controle, através do relacionamento com o espaço. O vale do rio San Pedro é uma relação direta com um entorno rural, sempre ligado com o espaço urbano de Florência.

A sociedade rural expressa uma diversidade cultural, por que a noção do rural representa um universo simbólico ou visão do mundo, que orienta práticas sociais distintas, em ambientes culturais heterogêneos (MARSDEN et al, 1993). Neste sentido, a sociedade rural atualmente identifica-se, como característica da contemporaneidade, não apenas pela mobilidade no espaço, mas, sobretudo, pela capacidade dos indivíduos rurais de se movimentar entre vários universos culturais e, em diferentes escalas espaço-temporais, além de lidar com um amplo repertório de material simbólico de tradições.

Com as novas dinâmicas de uma economia de maior concorrência, a sociedade rural do *piemonte* amazônico, insere-se em um contexto de consumo e de linguagens próprios do capitalismo, mediados pela mídia ou pelas dinâmicas hegemônicas, embora se tente manter a herança cultural das tradições. A coexistência destes códigos simbólicos [em um mesmo grupo, indivíduo ou localidade] distingue o cenário social das sociedades contemporâneas (PANELLI, 2006).

Os indivíduos não pertencem mais a um grupo ou localidade somente, portanto não tem mais uma única identidade distintiva e coerente, situação que ocorre com os colonos camponeses, que mudaram as práticas desenvolvidas pelas mudanças no cenário territorial e na estrutura social. As possibilidades tecnológicas e sociais de nossa época, possibilitam aos indivíduos e aos grupos intervir em escalas territoriais múltiplas (COSTA, 1995, p. 85). Essa construção de identidade acaba por internalizar muitas vezes as contradições [os paradoxos] entre as diversas escalas de pertencimento, com o argumento de interpretar, como os colonos camponeses ainda fazem parte de um povo marginal.

O espaço é construído a partir das práticas sociais, portanto, os grupos encontram neste, as bases materiais para ordenar seu novo entorno espacial, porém, a fragilidade da identidade constituída pelo grupo social no espaço está sempre exposta, as mudanças das dinâmicas, sejam econômicas, políticas ou culturais, que transformam as práticas usadas em seu entorno espacial.

1.2. Território e Organização da Sociedade Colono-Camponês

O território como categoria geográfica está relacionado, com o conceito de apropriação do espaço pelo ser humano como um conjunto, além do espaço físico e seus objetos, no qual a sociedade acha o espaço para seu desenvolvimento e sobrevivência (DELGADO, 2003; MONTAÑEZ, 2001). Embora Raffestin (1993), dê prioridade para entender bem o que é espaço anteriormente ao território, ele define este último como resultado das ações no espaço e a forma de apropriação. Assim, a apropriação tem sentimentos subjetivos que o coletivo os converte em objetivas, é um conceito relacional que insinua uma série de vínculos de domínio, de influência, ou controle entre uma parte ou a totalidade do espaço geográfico e um sujeito (MONTAÑEZ, 2001, p. 58). Esta afirmação aderiu-se a outras categorias de tipo político e também, a explicações dos processos históricos geográficos que se expressam na territorialidade.

Para entender o território e a territorialidade exercida no *piemonte* amazônico, tem-se que relacionar com os processos históricos acontecidos ali, neste caso a colonização desta região no século XX, ocorrida nas décadas de 1960 e de 1970 (FAJARDO, 2002b; URIBE, 1992; DOMÍNGUEZ, 2005).

Neste contexto de transformações territoriais, em Florência e outros municípios do *piemonte*, as políticas econômicas no setor rural impuseram novos usos do solo, identificando processos de desterritorialização, convertendo-se em tema central, para interpretar as dinâmicas sociais e a mesma territorialidade exercida sob esses acontecimentos:

> No cotidiano, a dinâmica mais comum é que passemos constantemente de um território para outro. Trata-se de uma desterritorialização cotidiana, onde se abandona, mas não se destrói o território abandonado. (COSTA, 2009, p.138).

De fato, é entender a dinâmica em uma hibridação, entre a cultura que também é transformada e a mudança do território, neste caso, do vale do Rio San Pedro.

O território é usualmente utilizado ou focalizado em dimensões políticas, culturais e econômicas, sendo esta última a mais importante para interpretar o *piemonte* no contexto histórico. Como essas dimensões "se inserem dentro da fundamentação filosófica de cada abordagem" (COSTA, 2009, p. 41), é importante ter em conta, sob que abordagem se constitui o território em questão, assumindo o contexto social dentro de uma estrutura que esteja sujeita a uma ideologia, a qual materializa-se a territorialidade que se exerce ali, como um produto social que está sempre presente na construção do espaço (LEFEBVRE, 1991).

As estruturas sociais constituem a espacialidade a partir do poder gerado na interação direta da sociedade com o dito espaço. O território tem sido abordado, como o espaço somado ao poder, sendo uma definição do conceito como instrumento de dominação (SOUZA, 2008). Assim, sugere abordar território com uma definição mais autônoma, longe de conceitos impostos desde a modernidade e sob o argumento:

> O espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo é suporte material da existência e, mais ou menos fortemente, catalisador cultural-simbólico – e, nessa qualidade, indispensável fator de autonomia. (SOUZA, 2008, p. 108).

Desta maneira, pode-se relacionar os processos de colonização do *piemonte* amazônico, como formas de apropriação do território, definidas pelos interesses coletivos dos camponeses que exerceram a ocupação.

O território está ligado às estruturas sociais, e estas se superpõem para constituir um território, Di Méo (1991) define o conceito como algo objetivo e com ressonância coletiva, ao

especificar que o "território é resultado de uma tríplice operação de coisificação, de estruturação e de dominação" (p.144). Mas os atores deste espaço, neste caso os camponeses de origem na colonização, não estão submetidos a uma estrutura social de organização, sendo uma população de diversos origens e com recentes relações, o que, dificulta encontrar ligações entre eles e de encaixar os colonos como um povo organizado e com interesses em comum. Os múltiplos interesses e as origens culturais são expressados, em práticas de subsistência e de instabilidade social no contexto de colonização desorganizada.

Neste sentido é importante definir o conceito de territorialidade para entender o território em questão, por ser a maneira como o coletivo social atua no espaço, através dos agentes e os atores:

> A territorialidade será definida pela tentativa de um indivíduo ou grupo de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, determinando ou estabelecendo o controle sobre uma área geográfica. Essa área será chamada de território (SACK, 1986, p. 19, tradução nossa)[5].

Esta é uma definição, que estabelece limites que o homem impõe no espaço, gerando controle sobre o aceso aos objetos e às relações, ou seja, não é somente um espaço que tem uma atividade. É uma tentativa de exercer poder sobre o imaterial que estabelece limites, convertendo-se em material. Para definir melhor a proposta, Sack (1986), menciona que deve ter três facetas chaves para abordar a multiplicidade de contextos, onde a territorialidade atua, como: 1) classificação das áreas, 2) nas formas de comunicação e, 3) na forma de controle social. Dessa maneira, surge o entendimento de como a sociedade atua no território e cria formas de organização espacial.

Outro aspecto da territorialidade é referente à variabilidade geográfica, em especifico, à mobilidade no espaço com os processos de desterritorialização, tema proposto na discussão do território por Costa (2009), que traz a alusão os movimentos e os novos agenciamentos que criam as dinâmicas sociais no contexto atual.

No caso, do vale do rio San Pedro, a dinâmica econômica e política constituem esses processos de desterritorialização, onde o estabelecimento de fronteiras como conceito de territorialidade é ultrapassado pela dinâmica dominante, expressando não estar ancorada ao território predefinido. Portanto, é adequado, nesta pesquisa, iniciar com a interpretação dos processos de mudança nos usos do solo no espaço rural, os quais estão sujeitos a uma

---

[5] Texto original: "Territoriality will be defined as the attempt by an individual or group to affect, influence, or control people, phenomena, and realtionships, by delimiting and asserting control over a geographic area. This area will be called by territory"

dinâmica econômica, que se expressa em um território de múltiplas dimensiones como "respostas diferentes a um mesmo processo de desterritorialização" (COSTA, 2009, p. 172).

O conceito de território usado é discutido por Santos e Silveira (2003), dá a entender como os processos técnicos criam mudanças. Para eles, a interação sociedade-natureza é relacional, entre o ator e o objeto dentro de uma ação, que por sua vez é mediada pela técnica, fazendo parte de um processo evolutivo na historia social da transformação do meio. Sendo os processos definidos por Santos e Silveira (2003), como períodos que manifestam particularidades interligadas e que no conjunto são princípios gerais, ou seja, os períodos são denominados como usos do território e são refletidos tanto no tempo, quanto no espaço.

Assim, pode-se referenciar as mudanças nos usos do solo como períodos diferentes no território, nas quais, o processo econômico é uma categoria de análises na transformação do vale do rio San Pedro.

Por outro lado, é importante entender como o Estado se relaciona com os atores do vale do rio San Pedro interpretando o imaginário individual ou o coletivo articula-se a estruturas sociais que estão caracterizadas pela cultura, política, economia e até a religião, onde a sociedade está ligada dentro de um projeto e atua como dinamizador deste desenvolvimento. No caso da área de estudo, o processo econômico impõe uma nova dinâmica agropecuária e portanto uma nova cultura que transforma as práticas da sociedade que ocupa o território como um poder que produz identidade:

> Toda relação de poder espacialmente mediada é também produtora de identidade, pois controla, distingue, separa e, ao separar, de alguma forma nomeia e classifica os indivíduos e os grupos sociais. E vice-versa: todo processo de identificação social é também uma relação política (COSTA, 2009, p. 89).

Nesse sentido, a economia e a política desempenham um papel-chave dentro de uma estrutura social, constituindo a nova territorialidade. O vale do rio San Pedro é uma área que se constituía de práticas de subsistência com diversos produtos, e, passou a ser de fonte de riqueza individual pelo tipo de dinâmicas atualmente realizadas, com outras práticas, criando monoculturas rurais.

Há 20 anos atrás, no vale do Rio San Pedro, um cenário rural ajustado em um contexto social particular. Atualmente esse contexto mudou e configurou novos aproveitamentos do uso do solo, decorrente das novas práticas dos ocupantes. Hoje, é importante a quantidade de terra e o poder decorrente desta.

A dinâmica social do Vale do Rio San Pedro em seu processo de transformação, deixou vestígios de antigas territorialidades, correspondentes aos usos do solo, que foram transformadas em novos sistemas de produção, portanto, constituem mudanças no território. A produção pecuária bovina e os cultivos ilícitos de folha de coca, que conformam novas territorialidades.

1.3. Metodologia

Esta pesquisa, surge do interesse de abordar uma área pouco estudada nas pesquisas geográficas na Colômbia, relevante nos estudos da colonização na Amazônia. É uma proposta iniciada em 2007 no Departamento de Geografia da Universidade Nacional da Colômbia, quando houve o reconhecimento da área através de saídas de campo na região e análises bibliográficas. O conhecimento feito na época facilitou a construção de questionamentos, que levariam à continuidade de estudos nesta dissertação. A confiança adquirida na comunidade e o conhecimento do terreno formado ao longo de uma relação de pertencimento com o lugar, constituíram condições decisivas para o desenvolvimento da presente pesquisa no vale do Rio San Pedro.

Analisar os processos decorrentes da colonização na região amazônica colombiana, como as transformações nos usos do solo e os fatores pelos quais a fronteira agrícola segue avançando contra a floresta amazônica, convertem-se em temas centrais, desse território sob investigação. A história e o processo de construção territorial, especialmente do *Piemonte* Amazônico, precisam ser examinados a partir de uma metodologia, que abranja os fatos sociais e os impactos em um contexto espacial, sob a idéia de que o espaço nunca é fixo e é composto de movimentos contínuos, produzidos pela mesma sociedade que a constitui, entendendo que esta é parte integral de um conjunto maior, na qual criam-se dinâmicas que abrangem de forma geral e condicionam os movimentos realizados na área.

A forma de identificar as dinâmicas implantadas a partir de uma estrutura abrangente, leva a adotar métodos descritivos sobre da dinâmica econômica e do uso dos solo da região, que expõem em termos gerais o tipo de transformações determinado pelo sector agropecuário. Essa dinâmica reflete as intencionalidades dominantes nas práticas aplicadas no uso do solo e que definem os agentes dessa região.

É importante complementar o método descritivo com análises de relação causal dos indivíduos, que se encontram dentro de um contexto ancorado em uma política de desenvolvimento dominante, e que atinge várias escalas espaciais (KITCHIN e TATE, 2000).

Para interpretar as mudanças de práticas que têm sido aplicadas no território, precisa-se apoiar em um marco conceitual que leve ao entendimento da territorialidade exercida e suas decorrentes transformações. Elucidar as áreas, as redes de comunicação e as relações de poder é procedimento característico da discussão e investigação social da territorialidade (SACK, 1986). A inter-relação dos dados produzidos no contexto espacial onde se localiza o vale do Rio San Pedro, permite identificar as redes criadas pela população na região e os fenômenos que incidem nas mudanças locais, sendo a meta, entender e explicar a territorialidade exercida por atores diversos no período definido de análise da área de estudo 1990 – 2010, por ser neste que ocorreram os fenômenos explicativos da dinâmica espacial recente da região.

A metodologia tem como alvo o espaço rural e o território, procurando-se definir a causalidade dos processos e os regulamentos empíricos das estruturas sociais locais. A proposta é relacionar as fontes de informação quantitativa dos censos agropecuários, a representação espacial por imagens de satélite e os levantamentos qualitativos por entrevistas a moradores da região e, com o intuito de interpretar e explicar o uso da terra e a territorialidade do vale do Rio San Pedro. A informação estatística permite entender o processo mais amplo das mudanças, a análise das imagens de satélite expressam a realidade do uso da terra e os relatos dos moradores complementam com a compreensão da forma de atuação dos agentes locais.

A articulação dessas informações ocorreram a partir das seguintes etapas:

1. Levantamento de informação secundária, referente ao contexto histórico do desenvolvimento espacial da região e dos projetos do governo nacional para promover um processo de colonização do *Piemonte* Amazônico.

2. Descrição da estrutura social e do território, principalmente, das atividades agropecuárias através de informação estatística de volumem de produção e área dos principais produtos da região, como o cultivo de café, cultivos ilícito de coca, quantidade de cabeças de gado e áreas ocupadas por atividade.

3. Análise de duas imagens de satélite uma em 1989 e outra em 2007 representando dois momentos da historia da região, sendo utilizadas na classificação dos usos da terra mais representativos da região.

4. Entrevistas realizadas junto moradores, funcionários de instituições publicas e particulares atuantes na região, permitindo entender as mudanças ocorridas, tanto na forma de implementação de novas práticas rurais como nas mudanças geradas no território a partir dessas práticas.

Após, a obtenção das informações conforme as etapas acima, os dados qualitativos dos relatos históricos dos moradores foram relacionados com os acontecimentos socioeconômicos que caracterizaram o período de 1990 - 2010.

As variáveis em consideração são relacionadas à dinâmica econômica e às práticas que se desenvolvem e conformam os usos do solo, como a pecuária bovina, o cultivo ilícito de coca, o cultivo de café, as atividades de subsistência e as florestas do piemonte. Essa informação é analisada, da classificação do uso da terra a partir das imagens de satélite. Os atores são os moradores que integram o território que é dinamizado pelas práticas sociais. A territorialidade no vale do rio San Pedro será explicada a partir dos limites e controles impostos pelas diversas atividades e práticas sociais de seus moradores que são os atores locais.

Os atores sociais junto com os agentes determinam a dinâmica econômica da região. Dessa forma, eles mudam seu cotidiano e seu entorno espacial, em associação às próprias mudanças da estrutura econômica, através dos mercados de produtos e dos serviços rurais, em uma escala nacional. Portanto, outra variável para a análise do território no vale do Rio San Pedro é a ação dos agentes na área representados por instituições públicas como a Secretaria de Agricultura de Florência e instituições particulares como Nestlé, Fedegan e Comitê departamental de cafeteiros.

1.3.1. Entrevistados

A escolha dos entrevistados foi realizada, tendo-se informações prévias sobre os informantes. Os entrevistados são moradores da região que desempenham diferentes atividades e foram identificados e sugeridos por um funcionário da prefeitura de Florência que tem amplo conhecimento histórico e espacial da área de estudo. Os entrevistados foram

escolhidos pela sua liderança e pelo seu histórico de desempenho junto à comunidade. Segundo relato do funcionário da prefeitura de Florência que trabalha na Secretaria de Agricultura, os entrevistados selecionados fizeram parte de vários dos processos ocorridos na região e representam um relato vivo da historia do lugar. Dessa forma, os entrevistados podem ser agrupados em três categorias, 1) o próprio funcionário da Secretaria de Agricultura da prefeitura de Florência que atua no corregimiento de San Pedro conhecido na região como *Corregidor*, 2) moradores antigos proprietários de sítios e fazendas, além de trabalhadores sem terra, 3) moradores com atividades representativas no comercio da região como no transporte, venda de comida e produtos agrícolas (ver quadro 1).

Os moradores da região, alguns são nascidos em outros locais, que chegaram ao *piemonte*. Assim, seis colonos das década de 1960 e de 1970, outros seis da década de 1980, e mais quatro durante a década de 1990, o restante nasceu na região, sendo no total dezoito entrevistados. Apresenta-se um perfil dos entrevistados e das atividades que desenvolvem, os quais estão distribuídos espacialmente nos povoados de Maracaíbo, Norcasia e Pará, e o entorno rural. Informação levantada em junho de 2010.

(Anexo 1)

Quadro 1: Informantes entrevistados em campo

Moradores antigos	10
Funcionários da prefeitura de Florência	1
Moradores em atividades de comercio	8

A análise do histórico da região foi realizado a partir das respostas dadas pelos entrevistados e resumidas em torno das questões principais da análise espacial da região.

A entrevista, contou de nove questões basicas, criando temas de conversação para aproveitar os relatos de moradores, obtendo-se a historia viva local. Foram indagados os fatos mais importantes para a pesquisa, como as transformações do uso da terra, os deslocamentos da população e as relações de poder com o espaço. Ver o roteiro das questões no anexo.

(Anexo 2)

A Figura 1 apresenta a metodologia proposta, nesta dissertação, que busca estabelecer a territorialidade exercida no Vale do Rio San Pedro. Passando pelas variáveis das atividades, os produtos e os usos, executadas pelos atores durante um período determinado.

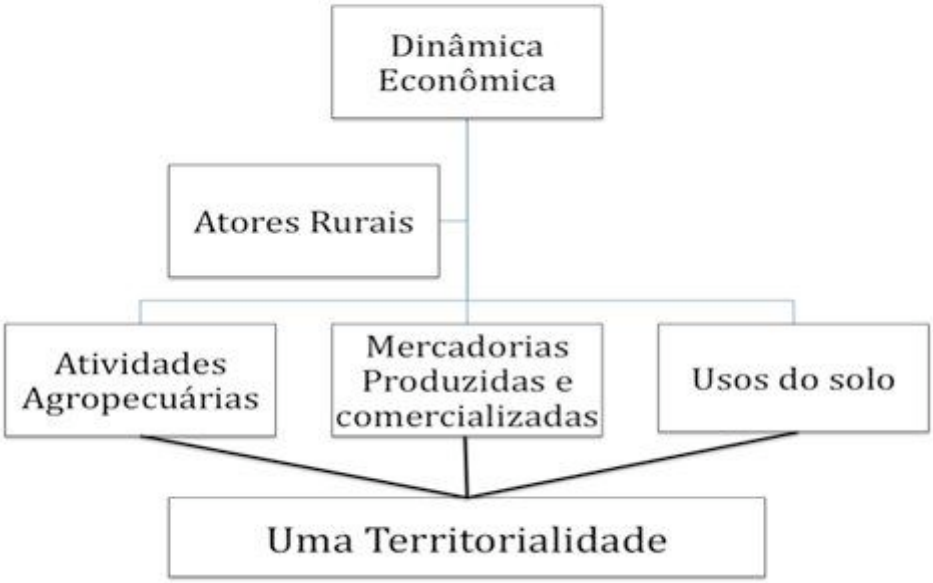


Figura 1: Estrutura da pesquisa

Neste sentido as variáveis são coletadas de dados estatísticos de relatórios de instituições e das associações do setor agropecuário, como:

DANE (*Departamento Nacional de Estaditica*)

FEDEGAN (*Federación nacional de ganaderos*)

ICA (*Instituto Colombiano Agropecuario*)

FEDECAFÉ (*Federación Nacional de Cafeteros*)

UNDOC (*Escritório das Nações Unidas sobre a Droga e o Crime*)

ENA (*Encuesta Nacional Agropecauria*)

SINCHI (*Instituto de Investigaciones Amazonicas*)

ASOHECA (*Asociación de reflorestadores de Caucho de Caquetá*)

No quadro 2, descreve-se as categorias da informação em três variáveis diferentes, a partir dos dados obtidos entre o método qualitativo e o quantitativo, destacando os produtos e as extensões em área.

Quadro 2: Tipo de Informação da Pesquisa

Produtos produzidos	População	Propriedades
Tipos de produtos.	Composição de idades	Extensão dos principais prédios
Variação dos preços quanto compra e venda	Nº proprietários e de trabalhadores	Extensão por atividade

Uma atividade significativa que se desenvolve no Vale do Rio San Pedro e do *piemonte*, é a produção de base da cocaína. Por ser uma atividade ilícita, o levantamento foi realizado com informação secundária, registrada pelo *Escritório das Nações Unidas sobre a Droga e o Crime*, que trabalha no monitoramento, controle e a erradicação dos cultivos de folha de coca. Relatório referente aos preços do extrato de coca na Colômbia, o Peru e a Bolívia.

(Anexo 3)

1.3.2. As Imagens de Satélite

A análise de mudança de cobertura e uso do solo na zona de estudo, fundamenta-se do *modelo de mudança de uso da terra do sistema de informação geográfica* (DRISI TAIGA, 2009), desenvolvido pela universidade de Clark nos EUA. Este compara dois coberturas de uso da terra em duas datas diferentes, com as mesmas classes de uso. O resultado determina o crescimento, a mudança, a transição e a tendência da mudança de cada uso classificado.

O método desenvolve-se a partir das imagens de satélite Lansadt de 1989 e de 2007, as quais tiveram processamento de georreferenciamento e o melhoramento radiométrico, para depois realizar a classificação supervisada da área correspondente, dos municípios de Florência e Montañita.

Este modelo também permite o desdobramento por cada categoria de classificação, criando um mapa por áreas específicas, facilitando a interpretação do avanço ou retrocesso de um uso determinado. Como identificar as áreas e o tamanho de *floresta* transformada em *floresta degradada,* nesse caso das duas datas de 1989 e de 2007.

Informação das imagens:

As imagens de satélite são: TM e ETM, com Phat - Row 08-59, em sistema UTM, Zona 18 N WGS 84

TM: 1989

ETM: 2007

Adquiridas desde o site: Global Land Coverage Facility, Maryland University, USA. http://glcfapp.glcf.umd.edu:8080/esdi/index.jsp, Janeiro de 2010

2. CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PIEMONTE AMAZÔNICO

2.1. Caracterização da região e da área do vale do Rio San Pedro

O vale do Rio San Pedro localiza-se num ambiente, com diferenças marcantes em relação às paisagens mais comuns da Colômbia, como as paisagens das cordilheiras andinas, o litoral caribenho e os grandes vales dos rios Cauca e Magdalena. Essas paisagens refletem processos socioespaciais mais dinâmicos e influentes na história colombiana, principalmente do período colonial espanhol até o início do século XXI. A região amazônica, cenário da área de estudo, apresenta uma transformação relativamente recente, marcada pelo ciclo da borracha e a quinina, sendo antes uma região inóspita, ocupada somente por culturas pré-colombianas.

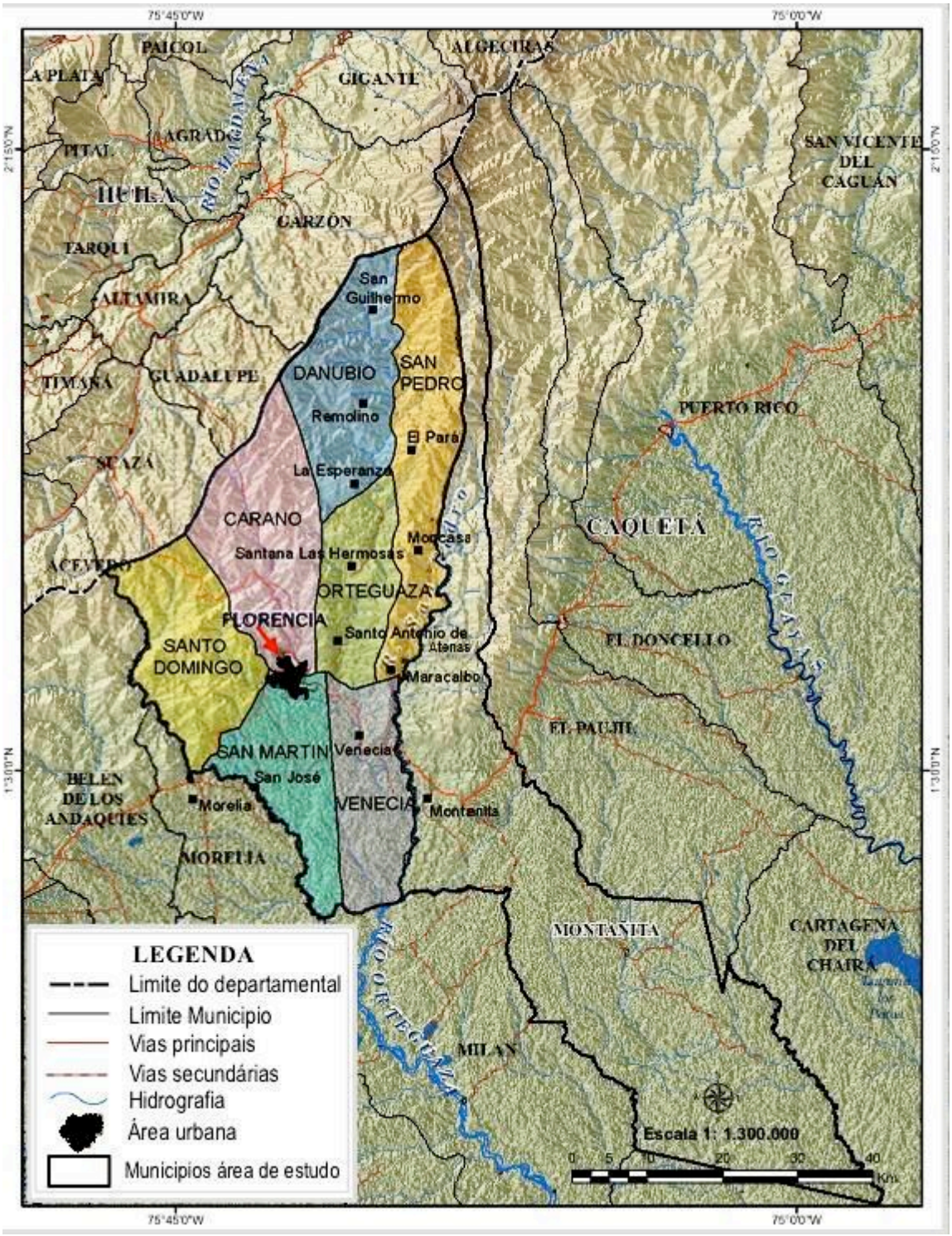
Uma outra característica, que diferencia a paisagem do vale do rio San Pedro é sua localização no *piemonte* amazônico, pois, a particularidade ambiental o diferencia dos outros *piemontes* e ecossistemas de montanha na Colômbia. Essa singularidade o coloca entre as áreas com maior biodiversidade do país, ecossistemas frágeis devido à alta umidade e à exuberante vegetação. Essa característica posiciona o *piemonte* amazônico entre os territórios com maiores conflitos socioambientais da Colômbia pelo fluxo populacional.

Em termos administrativos territoriais, o vale do rio San Pedro localiza-se no município de Florência, cidade capital do *departamento* de Caquetá[6]. Assim, a área de estudo faz parte de uma unidade territorial do município, como uma peça que compõe o espaço rural de Florência, conhecido como *Corregimento*[7]. O rio San Pedro e sua correspondente bacia são os limites territoriais do Corregimento*,* nomeado pela prefeitura de Florência com o mesmo nome do Rio, Corregimento *San Pedro.* Este Corregimento é composto por três povoados, Pará, Norcasia e Maracaíbo, ver o Mapa 1 e o quadro 3.

---

[6] O ordenamento territorial da Colômbia encontra-se sob uma estrutura político-administrativa orientada pela constituição política de 1991, sendo uma república unitária descentralizada com autonomia em suas entidades territoriais. É um Estado central com os três poderes e todos os órgãos de direção administrativa de todo o país que se ampara em seu território e conformado por 32 *departamentos*, e a sua vez de municípios. A Colômbia é um único Estado que abrange todo o território continental e marítimo e se subdivide em entidades territoriais para gerar competências administrativas de tipo local e regional. (Martínez, 2005).

[7] Os municípios estão subdivididos em dois componentes: comunas identificando área urbana e corregimentos na área rural. Essa subdivisão é administrativa, para a gestão de obras públicas e a infraestrutura.



Mapa 1: A divisão territorial de Florência em corregimentos. San Pedro em cor amarelo com os três povoados, Maracaibo, Norcasia e Pará

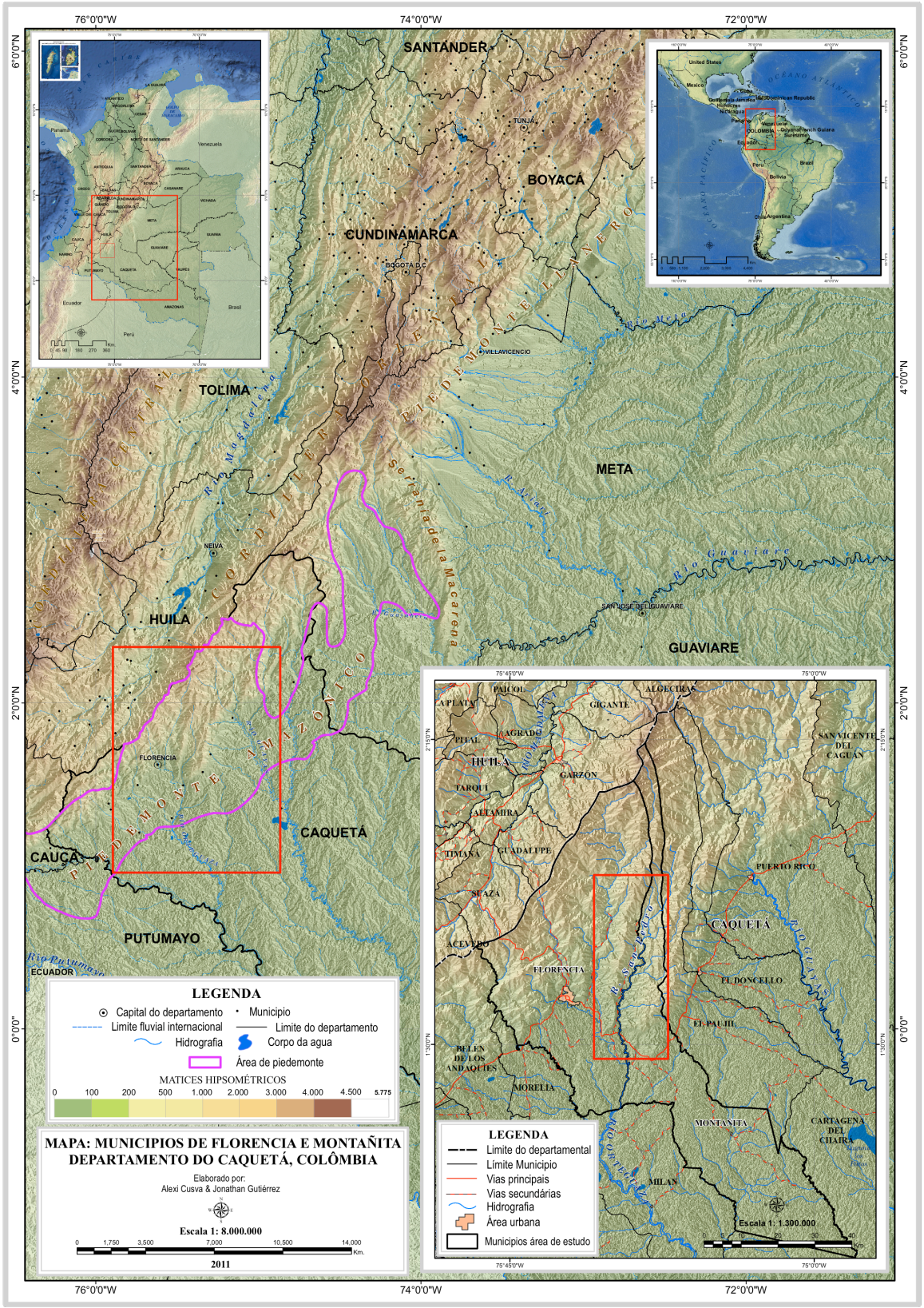
Quadro 3: Principais povoados do corregimento de San Pedro. Fonte (DANE, 2005)

Povoado	Quantidade de moradores	Altura acima do nível do mar
Maracaíbo	726	460 metros
Norcasia	1730	1070 metros
Pará	2604	2530 metros

Fonte: DANE, 2005

A área do corregimiento é de 664 km² (seiscentos e sessenta e quatro quilômetros quadrados). No contexto regional, o rio San Pedro faz parte da bacia do rio Orteguaza, pertencendo, por sua vez, à bacia do rio Caquetá, um dos maiores rios da bacia amazônica, ver mapa 2. Embora esta características de rios navegáveis seja predominante na região amazônica, conhecida como região de várzea, a maior parte dos rios vêm da cordilheira e atravessam o *piemonte,* o primeiro ambiente antes da várzea amazônica.

A várzea é dominada por rios navegáveis e estradas que comunicam os povoados da floresta amazônica; o *piemonte* tem a influência das altas montanhas, onde os rios descem da cordilheira de forma torrencial, como o rio San Pedro. Aliás, nessa área existe a presença de pequenos povoados típicos da área rural, ligados por estradas e caminhos estreitos, na maior parte sem asfalto. Este ambiente montanhoso que é a transição para a várzea é chamado de *piemonte*.



Mapa 2: Municípios de Florência e Montañita, departamento de Caquetá - Colômbia

Para o departamento de Caquetá, os tráfegos fluvial e rodoviário constituem os principais meios de transporte, pelos quais transita, a população rural da região, o que concede ao Caquetá, uma posição importante na concorrência das atividades rurais.

A infraestrutura pública nessa região, é deficiente para as necessidades da população rural, a foto 1 expressa o tipo de transporte usado. Há apenas uma estrada sendo esta sem asfalto. No que se refere à educação, há 19 (dezenove) escolas com 21 (vinte e um) docentes para 826 (oitocentos e vinte e seis) estudantes, em ensino fundamental e médio. Na relação à saúde, há 5 (cinco) postos de saúde com apenas 6 (seis) profissionais de enfermagem para todo o território, segundo a Secretaria de Saúde do município de Florência.[8]

Foto 1: Tipo de transporte da região, Gutierrez J. Junho 2005.

O pouco investimento público do governo departamental e do governo central nestas áreas[9] que é de conflito entre o exercito e as forças revolucionarias da Colômbia (FARC), tem levado a região a um retrocesso social. Além da precária atuação do Estado, há pouca presença de instituições de pesquisa do setor agroindustrial e de instituições públicas governamentais, que convertem a região em territórios isolados no contexto nacional.

A foto 2 apresenta a imagem típica das estradas do *piemonte amazônico*, especialmente na área rural, um exemplo do pequeno desenvolvimento da região e da fraca possibilidade de comercializar os produtos cultivados.

---

[8] Informação fornecida por funcionarios da secretaria de Saúde e de educação do município de Florência – Caquetá, data: 7 de junho de 2010.

[9] O orçamento de investimento no departamento de Caquetá, é de 0,07% do total nacional, segundo o Departamento de Planejamento Nacional, ano 2010.

Foto 2: Estrada principal do vale do rio San Pedro. Gutierrez J, 2010

Por outro lado, a população do vale do rio San Pedro é um povo que historicamente foi obrigado a abandonar seus antigos territórios. Ou seja, é resultado de inúmeras migrações por deslocamento, principalmente forçado, que vem se apresentado desde o período da invasão espanhola, sendo essa a dinâmica mais frequente de ocupação e formação de territórios (FAJARDO, 1997). A população que veio, principalmente, da região andina, na década de 1950, período definido como violento na historia da Colômbia[10]. Atualmente, a população que habita o vale do rio San Pedro, se divide em quatro grupos: pequenos produtores agrícolas, trabalhadores rurais, raspachines[11], guerrilheiros das FARC e latifundiários (JARAMILLO, *et al*, 1986).

2.2. O piemonte

Em termos gerais, o *Piemonte*, em espanhol ou *Piedmont,* em inglês, ou, ainda *piémont* em francês, é um cenário que apresenta fortes dinâmicas humanas, por ter condições ambientais ótimas para o desenvolvimento de uma sociedade. São áreas adjacentes aos sistemas de montanha bem pronunciados, como as cordilheiras, espaço de preferência para a localização de espaços urbanos desde o período de domínio europeu. A formação de algumas cidades tem relação com a proximidade ao ambiente de piemonte, devido à abundância de recursos hídricos e minerais, junto a vantagem geográfica da vizinhança de outras cidades localizadas na cordilheira, característica da ocupação da região andina.

[10] Periodo violento pelo confronto armado entre grupos políticos para dominar povoados e cidades.
[11] População camponesa que trabalha na colheita de folha de coca para a produção da base de cocaina.

É um cenário de contrastes topográficos, ambientais e sociais, que se reflete em sua recente história como território no contexto da Amazônia colombiana. Este cenário, aliás, faz parte de um ambiente de transição climática, presente em todas as partes baixas da Cordilheira dos Andes, mas que no caso colombiano se divide em três ambientes que variam com a altura (páramo, bosque andino e floresta tropical). Este cenário, também, cumpre a função de lugar de transição humana pelo encontro e estabelecimento de processos migratórios que produzem espaços urbanos, formando uma rede de caminhos que cruzam as encostas do grande sistema montanhoso.

A característica do piemonte amazônico, que o diferencia de outros piemontês da região andina, se classifica como uma região afastada do centro da dinâmica social da Colômbia, além de ser uma área conflituosa pelas diversas problemáticas de tipo político e social que atingem atualmente ao pais.

Jimenez e Montoya (2003), no estudo sobre o sistema urbano do piemonte amazônico, definem o contexto social:

> O piemonte é frequentemente definido como lugar de encontro; é uma mistura entre a periferia e o centro; um espaço tão urbano, desenvolvido e "civilizado" como o centro, embora tão rural, atrasado e "selvagem" como a periferia. O piemonte é o limite onde termina a prosperidade do centro e inicia o declive da periferia; no âmbito natural, é a transição entre a montanha e a planície; no âmbito político-administrativo, encontra-se entre o centralismo afastado e, pouco desenvolvimento territorial; no âmbito cultural é uma mistura entre os mestiços da região andina e os índios da região amazônica; no âmbito econômico, está entre a legalidade e a ilegalidade. (p. 85, tradução nossa)[12]

Esses contextos ambientais foram os cenários de diversos processos sociais que geraram transformações no território. Confirmam o argumento do Santos (2003) de que as transformações sociais definem-se como usos relacionados nos processos técnicos, como ocorrem no espaço em questão. Esta área constitui-se como porta de entrada da vasta bacia do rio Amazonas conectada pelos rios que descem da cordilheira, que formam uma rede fluvial de comunicação desde os tempos da exploração da borracha até os dias atuais. Atualmente, o espaço é usado pelos colonos camponeses, os quais continuam consolidando as primeiras cidades localizadas no piemonte.

---

[12] Texto original "El piedemonte es reiteradamente lugar de encuentro; mezcla entre la margen y el centro; un espacio tan urbano, desarrollado y "civilizado!! como el centro, pero también, tan rural, atrasado y "salvaje" como la margen. El piemonte es el intersticio hasta donde se extiende la prosperidad del centro y comienza el atraso de la periferia; en lo natural, es la transición entre la montaña y la llanura; en lo político-administrativo, se encuentra entre el centralismo, el abandono y el incipiente desarrollo territorial; en lo cultural, es una mezcla entre los andes mestizos y la indianidad amazónica; y en lo económico, entre la legalidad y la ilegalidad." (JIMENEZ e MONTOYA, 2003, p. 85)

2.3. As características biofísicas do piemonte

O piemonte é um ambiente muito citado na história dos territórios (DOMÍNGUEZ, 2005), como o primeiro cenário de ocupação ao longo da geografia colombiana, atravessada pela cordilheira dos Andes, sendo o piemonte uma paisagem típica da região andina, onde se concentra a maior parte da população do país. É importante fazer uma descrição física do piemonte do setor amazônico, para ressaltar as características ambientais mais significativas e que o torna importante em termos econômicos.

A paisagem do piemonte apresenta canais hídricos retilíneos de forma torrencial, conforme descreve Flórez.

> A superfície é de forma ondulada que passa a ser uma planície de dissecação aluvial, resultado das encostas convexas da cordilheira. Os materiais depositados no leque aluvial são principalmente de sedimentos carregados pelo fluxo aluvial, que no contraste da topografia acentuada cria canais anastomosados (FLOREZ, 2003, p. 125, tradução nossa)[13].

A característica mais importante do piemonte de Florência reflete-se no pequeno declive do leito dos rios, devido ao contraste topográfico que é de moderado entre a encosta e a planície. Os rios são principalmente retilíneos e torrenciais nas encostas inclinadas e meândricos na planície. Estas características topográficas são adequadas a uma área de produção agrícola, onde as encostas e as planícies possuem abundância de recursos hídricos nas proximidades.

A figura 2 apresenta uma imagem de satélite em visualização 3D, podendo-se apreciar a forma do terreno. Nesta imagem pode ser observada a topografia do vale do rio San Pedro (o vale mais comprido no centro da imagem). Também se pode perceber a topografia de uma das encostas, sendo uma mais íngreme que a outra. A encosta menos íngreme é a área com maior ocupação de pequenas propriedades, (com práticas de produção camponesa familiar em mistura com alguns cultivos ilícitos de coca)[14].

Também é de ressaltar que o rio San Pedro é o eixo central da região na parte média da bacia e pela dinâmica do rio esta área é a zona mais atingida pelas enchentes nos períodos de chuvas fortes, além de ser a zona de melhores condições e solos para a produção agrícola, (IGAC, 1997, p. 39).

---

[13] texto original: "Su superficie es de aspecto ondulado que pasa a un plano disectado aluvial, como resultado de laderas convexas. Los materiales depositados en el abanico aluvial son principalmente sedimentos cargados por los flujos aluviales, que en el contraste topografico acentuado, crea canales trenzados"

[14] Informaçnao levantada em campo através dos moradores da região

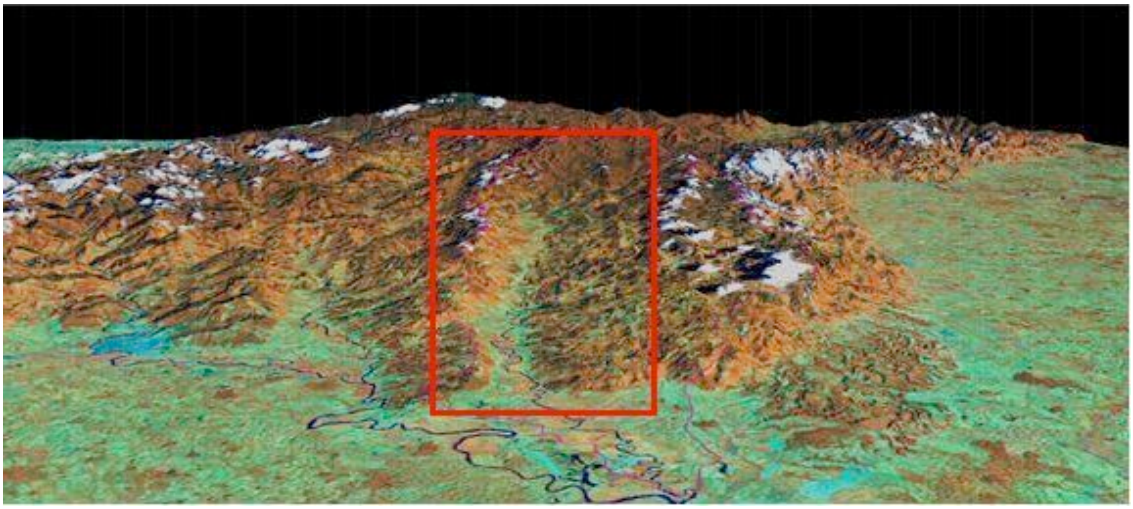


Figura 2: Vale do Rio San Pedro – Florência. Fonte: Leica geosystems, path and row 859 de 1989. RGB 453.

Esse tipo de paisagem apresenta grande quantidade de sedimentos finos e matéria orgânica no leque aluvial, sendo propicio para absorver e manter a água, convertendo-se num ambiente de ótima qualidade para atividades agropecuárias.

> Como forma topográfica, o piemonte oferece condições ambientais que, historicamente tem sido padrão no estabelecimento de cidades médias na Colômbia (FLOREZ, 2003, p. 125, tradução nossa).

Na Foto 3 se observam as características mais significativas do piemonte amazônico, como a exuberância da vegetação e o declive do sistema montanhoso, sendo área de transição entre a cordilheira e a planície.

Foto 3: Paisagem do vale do rio San Pedro. Fonte: Gutierrez, 2009.

As condições bio-climáticas, principalmente da parte oriental da cordilheira, apresentam alta pluviosidade, entre os 3000 e 4000 mm ao ano e, junto à alta temperatura, 25ºC na média anual, o que representa uma umidade do ar de 88% (oitenta e oito) na média pela evaporação, que é diferencial do setor do *piemonte amazônico* com o piemonte da bacia

do rio Orinoco, um pouco mais seco (ver mapa 3), embora esses dois ambientes estejam localizados na encosta leste da cordilheira oriental da Colômbia (IGAC, 1993).

No mapa se pode ver a região do piemonte leste da cordilheira oriental, onde se marca a divisão a partir da nascente na cordilheira das bacias do rio Orinoco e do rio Amazonas, sendo a primeira uma região mais seca e com vegetação diferente à vegetação presente na várzea amazônica.

As condições ambientais no piemonte amazônico se manifestam com exuberante vegetação, presente nas colinas, leques, encostas, montanhas médias e planícies em dissecação, que representam a transição biológica do sistema andino montanhoso à floresta amazônica, caracterizado por vegetação frondosa e alta em seu estado natural (DOMÍNGUEZ, 1985).

A riqueza de oferta de recursos naturais, especialmente hídricos, constitui um aspeto fundamental para as atividades extrativas e agropecuárias, ao contrário da várzea amazônica, onde as atividades se desenvolvem em áreas maiores pela baixa qualidade dos solos, fator determinante para localização do sistema urbano no limite do piemonte e da várzea, área de abundância maior em oferta de recursos naturais.

Mapa 3: Localização geral departamento do Caquetá, Colômbia

2.4. A espacialidade no vale do Rio San Pedro

Para o caso do piemonte amazônico colombiano, a população camponesa é influenciada pela dinâmica da modernização, devido ao continuo processo de adaptação às dinâmicas agropecuárias impostas no setor rural, além da população ser formada na cultura moderna de uso racional do solo, com o domínio absoluto sobre a natureza. Este tipo de camponeses que migraram da região andina foram os que se espalharam pelo piemonte, conformando o território mais desenvolvido da região amazônica.

O território constituído nesse espaço, também é resultado das ações administrativas do Estado, em uma primeira fase, para fomentar o desenvolvimento com atividades extrativas em uma região inicialmente ocupada por comunidades indígenas e, em um segundo momento, por tentar dar solução ao problema de deslocamento forçado da população camponesa da região central do país, que gerou processos de colonização através de projetos de desenvolvimento agropecuário. Nessa relação do Estado através de instituições públicas com os colonos camponeses, se fomentou as formas e métodos de desenvolver práticas que transformaram o vale do rio San Pedro em um território. Um fenômeno que se apresenta em vários espaços onde o Estado intervém e orienta as ações dos camponeses, como o caso da criação de unidades de conservação e modernização no meio rural no Estado de Minas Gerais no Brasil, que reflete a relação das instituições públicas com os camponeses na construção de um território:

> Se supõe que os camponeses estarão aí para adaptar estas instituições modernas ao seu modo de vida, tanto quanto adaptam seu modo de vida a estas instituições (PRAÇA, 2009, p. 43)

As instituições são entendidas como agentes políticos de desenvolvimento, portanto, as práticas e os usos do território se podem explicar a partir de como a modernização (A empresa e o Estado) intervém além de influir na mudança cultural da sociedade camponesa.

No quadro 4 apresenta-se uma classificação de atores que atuam no espaço rural, estabelecendo-se as relações entre as dinâmicas rurais frequentemente práticadas. Segundo Marquez (2008) e Kalmanovitz & López (2006), existem três tipos de atores no espaço agropecuário colombiano que atuam em diversas dinâmicas, e, nesse caso tomamos suas classificações e acrescentamos as características espaciais como a pouca densidade populacional, próximos a áreas de reserva natural, exploração intensiva de recursos naturais, espaços de lazer, moradia e produção (agrícola e mineração), continua relação campo cidade. Impactos espaciais quanto à relação estabelecida com os agentes. Pretende-se com isto

elucidar as formas de uso do espaço que levam a entender a territorialidade exercida de diferentes atores, a partir do geral para um caso especifico, como o vale do rio San Pedro.

Quadro 4: Principais características dos atores rurais no piemonte amazônico.

Atores	Dinâmica
Camponeses (moradores e trabalhadores rurais)	• Cultivos de subsistência • Unidade de produção familiar • Pequenas comunidades rurais • Mão de obra da agroindústria
Pequenos produtores	• Atividades agropecuárias (mista: pecuária - agrícola) • Pequenas cooperativas de comercialização
Empresários agrícolas	• Agroindústria • Produção para mercados globais

Quadro elaborado a partir da informação do Marquez (2008) e Kalmanovitz & López (2006) quanto as práticas desenvolvidas pelos diferentes atores rurais na Colômbia.

É de ressaltar no quadro, que os atores estão ligados com certas dinâmicas econômicas, mas as formas de atuação espacial não estão determinas pela dinâmica dominante, o que indica que o espaço é composto de movimentos constates dos diversos atores que interatuam em certas dinâmicas e produto dos processos históricos da questão rural na Colômbia. Cada ator tem seu papel em uma dinâmica, mas no espaço interaje com outros atores.

No espaço rural existem divisões sociais, como se apresenta no quadro 4, mas as dinâmicas do conjunto da sociedade que atua no espaço é resultado de uma estrutura que abrange todas as dinâmicas e que é produto de políticas de desenvolvimento, constituindo estruturas sociais que orientam as formas de intervir no espaço e influenciam as práticas exercidas pelos atores.

A região do piemonte amazônico teve um processo de ocupação recente, diferenciado de outras regiões da Colômbia, como já foi explicado. É resultado de dois períodos sociais importantes; o período extrativista, principalmente da borracha e a quinina e, o segundo de colonização de terras devolutas de forma espontânea e dirigida. Processos que incentivaram a ocupação da região amazônica, orientado pelo Estado ou de forma espontânea por camponeses migrantes, sendo o piemonte de Caquetá o alvo do desenvolvimento inicial.

Portanto é importante abordar o tema dos moradores deste espaço, para entender as transformações ocorridas neste território.

Assim como a população que habita outros espaços rurais da Colômbia, os moradores do *piemonte amazônico* constituem uma população heterogênea quanto sua origem étnica. O camponês colonizador desta região vindo de diversos lugares da Colômbia, não se misturou com os povos indígenas que estavam presentes na região, nos processos migratórios da região central, compostos de famílias de camponeses que procuravam espaços para ocupar e estabelecer propriedade rural (DOMÍNGUEZ, 1985).

2.5. Os colonos – camponeses

Em termos gerais, os colonos eram e ainda são analfabetos ou tem baixo nível de escolaridade, mas o contato direto com o meio, deu-lhes conhecimentos empíricos de como se desenvolver e construir seu próprio território de forma coletiva ou comunitária (ACERO, 1984). Todos os municípios do piemonte têm origem na colonização, com assentamentos comunitários e núcleos de organização, o qual conformou os diversos territórios do piemonte.

A origem da população camponesa na região amazônica colombiana está ligada aos diversos processos extrativos ocorridos desde o inicio do século XX, resultado da pouca presença de trabalhadores, que levou ao Estado junto a empresários das atividades conduzirem camponeses de outras regiões para trabalhar na extração de recursos naturais. A fraca presença de moradores na região, antes da colonização recente, é resultado da exploração de escravos indígenas para obter ouro durante o período da Nova Granada (nome da Colômbia no século XIX), mas o processo de exploração esgotou primeiro os homens antes mesmo do recurso em si (DOMINGUEZ, 2005).

A relação dos camponeses do piemonte com a montanha tem origem no tipo de migrantes que ocuparam este espaço, que explica o pouco conhecimento que tinham da várzea amazônica. As pessoas que chegaram a essa região vieram principalmente de cenários montanhosos das cordilheiras colombianas (DOMÍNGUEZ, 2005; FAJARDO, 2002). Os percursos dos diversos períodos da colonização, mostram a relação permanente das atividades desenvolvidas no ambiente do piemonte, o que explica os conflitos decorrentes entre os colonos camponeses e o entorno onde se estabeleceram, devido ao uso de práticas culturais de ambientes diferentes ao piemonte amazônico, um ecossistema mais exuberante, aliás, muito frágil pelas condições já explicadas.

A colonização nessa região da Colômbia, ocorreu nos períodos mais convulsionados do século XX, no primeiro momento como produto da combinação de atividades extrativas (borracha e quinina) e depois do conflito entre partidos políticos e do problema da estrutura agrária com o fortalecimento do latifúndio e, por último, o boom econômico impulsionado pela produção de coca. Nesses processos de chegada de novos ocupantes na região, o piemonte se converteu em porta de entrada e cenário dos primeiros estabelecimentos constituídos pelos colonos que cruzaram a cordilheira.

Foi formada uma rede de caminhos e trilhas pela cordilheira que comunicou as régioes Andina e Amazônica. Camponeses que fugiram dos conflitos acontecidos em seus lugares de origem encontraram na montanha rumo à várzea amazônica condições para desenvolver assentamentos e roças, da mesma forma como faziam na região andina, executando práticas típicas de desmatamento com queimada, limites entre propriedades e a implementação de lavoura em sistema de subsistência (ACERO, 1984, p. 67).

O ato de formar propriedade desses novos habitantes no piemonte, foi a partir da auto organização familiar e, junto a outras famílias, criaram arranjos comunitários para estabelecer, no primeiro momento, limites entre as propriedades. Após, vem o período de ruptura com a agricultura familiar e comunitária, com a implementação do modelo de desenvolvimento agroindustrial de substituição de importações e acumulação capitalista (MACHADO et AL, 2006; CORTÉS, 2004). O modelo passou de uma agricultura tradicional para um de tipo industrial, que fomentou a acumulação capitalista através da extensão da terra e do aumento da produção, constituindo uma territorialidade dominada pela extensão da propriedade com a criação de gado. Esta atividade tornou-se um parâmetro determinante na produção agropecuária do Caquetá, consequência da péssima qualidade dos solos para desenvolver agricultura produtiva no piemonte (BRÜCHER, 1974).

Entretanto, a fraqueza organizativa dos colonos para construir infra-estrutura e dispor de serviços sociais básicos como saúde e educação, além de pouco conhecimento da produção e comercialização em um sistema agropecuário como o proposto na década de 1950 (CORTÉS, 2004), colocou essa região como foco de problemas sociais e ambientais. Em contexto fomentou a criação de políticas públicas para inserir a população em um outro sistema produtivo na área de piemonte. Assim, sendo o Estado através do Instituto

colombiano para a reforma agrária (INCORA)[15] e apoiado pelo Banco Mundial incentivou a colonização com projetos produtivos via acumulação capitalista para dar desenvolvimento à região durante a década de 1970 (MARSH, 1983).

A colonização dirigida pelo Estado gerou novas territorialidades ao instituir junto aos colonos camponeses uma nova divisão social decorrente das dinâmicas impostas, e alguns deles conseguiram se inserir no modelo proposto pelo INCORA tornando-se em pecuaristas. Outro grupo de camponeses não teve a possibilidade de se inserir, devido a limitações econômicas do INCORA ao abranger uma região muito extensa, além da falta de planejamento e de organização. Portanto, os camponeses que ficaram fora do plano de desenvolvimento pelos problemas citados, foram atingidos pelo endividamento com agencias bancárias que fomentavam o desenvolvimento da região (URIBE, 1992 e ARTUNDUAGA, 1986). Essa situação resultou na consolidação do latifúndio pecuário e no deslocamento da população endividada para áreas mais afastadas, dessa maneira ampliando a fronteira agrícola no piemonte e na várzea.

O conceito de fronteira agrícola nesse caso da Colômbia pode-se relacionar com o processo de colonização da Amazônia Brasileira, que também apresentou características de desenvolvimento promovido pelo Estado e ocupação espontânea de população nordestina. O conceito de centro apontado por Velho (1979), pode explicar a articulação da forma de ocupação acontecida no Caquetá, que como no caso da região norte do Brasil, o piemonte amazônico da Colômbia foi o centro em um processo de colonização que apresentou acontecimentos semelhantes, como as seguintes características:

1. Campo ou roça
2. Predominância da agricultura
3. Trabalho pesado
4. Próximo a natureza incontrolada
5. Isolamento

[15] Instituto Colombiano da Reforma Agraria, formulou nos anos de 1970 a criação de sistemas agropecuarios que se inserem na agroindustria, através de emprestimos camponeses que tivessem propriedades para executar ditos modelos da revolução verde, que neste caso foi a implementacão da atividade pecuaria na região amazonica, ver mais em Brücher, W. (1974). *La colonización de la selva pluvial en el piemonte Amazónico de Colombia. El territorio comprendido entre el río Ariari y el Ecuador*; Marsh, R. R. (1983). *Development strategies in rural Colombia. The case of Caquetá*; Fajardo D.(2002). *Para sembrar la paz hay que aflojar la tierra*.

Características que expressam de forma clara a transformação do espaço e a consolidação de novos territórios. O território sofre mudanças que se manifestam na desterritorializacão das práticas agrícolas de café e subsistência seguidas de re-territorializacão com a criação de gado e cultivos ilícitos, sob dinâmicas agropecuárias dominantes e impactos espaciais, transformando a forma de ocupação de uma sociedade já organizada.

2.6. Os processos da colonização do piemonte amazônico

O aumento da população no piemonte foi resultado da chegada massiva de camponeses na procura de fortuna nas explorações extrativas de borracha, quinina e madeira, ocorridas no inicio do século XX e depois pelo cultivo ilícito da coca (DOMÍNGUEZ, 2005). As vantagens geográficas de localização no piemonte junto à presença de pequenos povoados, significaram nesse espaço a formação de uma nova organização espacial com características de um projeto moderno de exploração de recursos e apoiado em migrações internas de população com práticas culturais de uso racional da terra como o caso da pecuária junto à colonização da região (GOMEZ, 1999).

A rede de caminhos de comunicação entre o piemonte e a região andina, com a presença de rios navegáveis, além da grande oferta de recursos naturais, tornou a parte oeste da Amazônia colombiana o espaço mais dinâmico da região do piemonte de Caquetá.

Apresenta-se de forma mais clara diversas mudanças do piemonte relacionados com os processos históricos da Colômbia, no quadro 5 expressa a relação direta de cada fato histórico e o seu impacto espacial no piemonte, com o intuito de contextualizar os diversos fatos acontecidos no Piemonte Amazônico Colombiano no contexto nacional.

Quadro 5: períodos cronológicos e os impactos espaciais no Piemonte Amazônico Colombiano

Período	Processo histórico do Piemonte Amazônico Colombiano	Impacto espacial	Acontecimentos na Colômbia
De 1850 até 1930	Exploração de recursos naturais, quinina e borracha	Formação de cooperativas de compra de borracha nas beiras dos rios na várzea amazônica, com continua exploração de escravos indígenas.	Construção política do Estado territorial da Colômbia; formulação de varias constituintes; governo centralista e com atenção prioritária na região andina
1930 -	Fortalecimento da	Criação de vários	Processo de

1950	exploração de borracha para o mercado internacional durante e após a segunda guerra mundial.	municípios no piemonte amazônico. Migração interna de trabalhadores para a região amazônica.	industrialização nacional; ampliação da infra-estrutura; inicio da violência (ano 1948).
1950 - 1970	Colonização dirigida pelo Estado, através do INCORA e o desenvolvimento da pecuária bovina	Expansão da fronteira agrícola no piemonte; aumento da população migrante da região andina para área amazônica	Período da violência bipartidista; expansão das instituições estatais com as políticas do desenvolvimento agropecuário.
1970 - 1985	A colonização espontânea; surgimento de cultivos ilícitos; presença e ação de grupos guerrilheiros	Expansão da fronteira agrícola na várzea amazônica; crescimento das áreas com lavoura no piemonte	Incremento da guerra contra as guerrilhas; "boom" do narcotráfico; crescimento sem controle das principais cidades.
1985 – 1991	Aumento da produção de agropecuária; re-territorialização das guerrilhas	Consolidação das áreas produtivas agropecuárias, deslocamentos internos da população cidade – campo.	Primeiros processos de acordos de paz entre guerrilhas e o governo; instabilidade dos preços do café; novo constituição política, inicio das políticas neoliberais.
1991 – 2002	Aumento da produção de coca e da atividade pecuária bovina, fortalecimento das FARC na região amazônica	Deslocamentos internos de população, entre o piemonte e a várzea amazônica.	Implementação de políticas neoliberais na questão agrária; luta armada contra a produção de entorpecentes.
2002 - 2010	Incremento da presença militar na região.	Expansão da pecuária bovina.	Implementação da política militar contra os grupos guerrilheiros.

Com processos de extração de espécies vegetais como a quinina e depois a borracha, o piemonte adquiriu a infra-estrutura dos povoados iniciais de colonização, que levou ao aumento da população na região. Os rios tiveram um papel predominante nesse período, mas sempre sob o intuito da exploração dos recursos naturais:

> Tempo depois, ficou estabelecida a navegação pelos principais rios dos departamentos de Caquetá e Putumayo, que logo se conectavam com o rio Amazonas, que seria a conexão com Manaus, de onde se estabeleciam as pautas de

> comercialização dos produtos derivados da borracha (DOMÍNGUEZ e GOMÉZ, 1990, p. 34, tradução nossa)[16]

O dinamismo econômico inicial que propiciou a exploração do Piemonte, ocorreu no final do século XIX quando a borracha passou a exercer forte atração aos empreendedores e revelou-se de imediato como uma atividade lucrativa, conquistando um destaque nas indústrias da Europa e na América do Norte:

> O uso do vapor na dinâmica industrial, nos meios de transporte na geração de energia, a invenção da bicicleta e o automóvel, acharam nos usos do látex novos usos (DOMINGUEZ; GOMEZ, 1990, p. 79, tradução nossa)[17].

A atividade da borracha gerou um período de ultra-exploração sobre o meio natural, além de extermínio da população indígena e dos trabalhadores imigrantes, pelos poucos benefícios sociais e o mínimo desenvolvimento em infra-estrutura na região.

> Não se fixam, não se materializam na região, mas sua produção gerou visíveis transformações sócio-espaciais e, por conseguintes, dramáticos impactos e conflitos sociais, além de fortes danos ambientais (GOMEZ, 1999, p. 32 tradução nossa)[18].

O ciclo da borracha na Colômbia, também teve consequências diplomáticas relativo ao domínio da produção do látex na região amazônica. Surgiu um conflito pelo controle de extensas áreas pelas empresas seringueiras de origem peruana no território colombiano, ao ponto de ter criado um conflito político-militar entre as duas nações. Este conflito teve dois eventos importantes para a região; 1) estabelecer soberania da Colômbia sobre a fronteira com o Peru na região amazônica e, 2) fortalecer a presença do governo nacional através de infra-estrutura na Amazônia colombiana. Esses dois acontecimentos foram determinantes no processo colonizador no *piemonte amazônico* com a fundação dos primeiros assentamentos, que depois deram lugar ao surgimento dos municípios e impulsionaram a expansão da fronteira agrícola.

A queda do mercado seringueiro de borracha nos anos 1940, pelo surgimento de novos avanços tecnológicos nas plantações do Sudeste Asiático, significou uma estagnação econômica e crises sociais aprofundadas com a achegada de população deslocada da região andina durante a década de 1950 e de 1960 (DOMÍNGUEZ; GOMÉZ, 1990). Nesse contexto

---

[16] Texto original: "Mas adelante quedo establecido la navaegación por los principales ríos del Caquetá y Putumayo, que luego se conectan con el rio Amazonas que seria la conexión con Manaos, donde se establecia las pautas de comercialización de los produtos derivados de la extracción de caucho"

[17] texto original: "La ejecución del vapor en la dinámica industrial, en los medios de transporte, creación de energia, la invención de la bicicleta y el automovil, encontraron nuevos usos en el látex"

[18] texto original: "No se fijan, no se materializan en la región misma, pero su producción sí genera ostensibles transformaciones socio-espaciales y, por su puesto, dramáticos impactos y conflictos sociales, además del drástico daño"

o Estado ficou na obrigação de solucionar os problemas de migração e de desenvolvimento, o que foi baseado através de projetos de reforma agrária ou por processo de colonização.

2.7. A colonização dirigida pelo Estado no piemonte

O processo de colonização mais ativa que teve o oeste do departamento de Caquetá foi o processo dirigido pelo governo central, vista como alternativa à solução ao problema agrário do país. "Foi a incorporação do setor agrícola na construção de uma sociedade do conhecimento" (FAJARDO, 2002, p. 38)[19].

Isso gerou a chegada de novos colonos provenientes da região andina, principalmente dos departamentos do Huila, o Tolima, o Valle del Cauca, a Caldas e a Cundinamarca (ARTUNDUAGA, 1986), vindos com a intenção de obter propriedade e de desenvolver em uma economia promissória, orientada pelo Estado. O impacto no piemonte e na várzea se constituiu na expansão da fronteira agrícola, mas as atuações das instituições públicas não conseguiram atender abranger à grande parte da população, portanto "os colonos se estabeleceram na floresta com iniciativa própria, sem ter obtido nenhum tipo de ajuda ou orientação"(BRÜCHER, 1974, p. 99)[20].

A violência dos anos 1950 na Colômbia e o aprofundamento do modelo capitalista, representado nas grandes extensões de terra para produção agropecuária, geraram uma diáspora da população camponesa, sendo esta a mais significativa da história na Colômbia. A mobilização que procurou colonizar novas áreas agrícolas, ao mesmo tempo que ocorria migração do campo para a cidade, e em um período conhecido na Colômbia como de violência, representando uma nova ordem territorial no país dominado pelo crescimento desordenado das cidades, embora o alvo das políticas de desenvolvimento fomentaram a industrialização da economia (FAJARDO, 2002).

O governo na época (1972) fomentou a expansão da fronteira agrícola em territórios afastados da área central da Colômbia e, a região amazônica tornou-se um alvo para estabelecer novas áreas de desenvolvimento agrícolas no país. A proposta era para ser subdividido em duas fases, 1) designar propriedades aos colonos com compromisso de criar a

---

[19] Texto original: "Fue la incorporación del sector agrícola en la cosntrucción de una sociedad de conocimiento"
[20] Texto original: "Los colonos se establecieron en los bosques con iniciativa propia, sim tener en cuenta alguna ayuda o rumbo"

lavoura recomendada pela instituição bancaria do Estado, a *Cajá Agrária,* o que disponibilizou recursos financeiros o dinheiro aos colonos camponeses para desenvolver as atividades e 2) através do INCORA, que orientou o processo técnico e formulou novos sistemas de produção, mas o alvo central do INCORA foi desenvolver a pecuária bovina apoiando proprietários com terras propícias para esta atividade (BRÜCHER, 1974; ARTUNDUAGA, 1986; FAJARDO, 1995; DOMINGUEZ, 1985).

> As elites colombianas, opostas de forma violenta a uma reforma agrária efetiva, deram como as únicas alternativas aos camponeses sem terra, contratos de parceria ou colonização em terras marginais (FAJARDO, 2002, p. 48, tradução nossa)[21].

É dizer que com a colonização dirigida pelo governo nacional, criaram fazendas para criação de gado, que foram controladas por empresários fazendeiros na forma de latifúndios

O processo de formar sítios no *piemonte amazônico* foi com desmatamento e queimada da floresta, para abrir espaços e criar lavoura em sistema de subsistência, principalmente com produtos de banana da terra, milho, mandioca, cana, feijão e arroz. Os processos de parceria destes camponeses eram complemento das atividades familiares na propriedade, trabalhando na roça em fazendas de criação de gado, convertendo-os em trabalhadores rurais (ARTUNDUAGA, 1987). Aliás, a produção agrícola no *piemonte amazônico* de tipo agroindústrial, não teria resultados ótimos uma vez que a fertilidade dos solos só resistiria a três períodos de colheita pela precariedade de nutrientes (BRÜCHER, 1974). Essa situação levou a transformar as roças em pastagens e ampliação da pecuária com a compra de terras pelos pecuaristas, porque os camponeses não tinham como investir na atividade pecuária, embora alguns tivessem solicitado empréstimos às agencias do governo para fazer parte da atividade promovida pelos projetos coordenados da Caja Agraria e o INCORA, e projetos apoiados com verbas do Banco Mundial (FAJARDO, 2002).

As causas do endividamento dos camponeses foram a falta de subsídio, sendo obrigados a pedir empréstimos, mas sem a orientação da técnica necessária e a precariedade na comercialização dos produtos.

O alto custo para a implementação da atividade de criação de gado afastou os camponeses e o projeto de colonização dirigida não teve o sucesso esperado, por não abranger outros desenvolvimentos necessários à população colono camponesa, que chegaram ao local

---

[21] Texto original: “Las elites colombianas, opuestas de manera violenta y reiterada a una reforma agraria efectiva, dieron como únicas alternativas a los campesinos sin tierras, contratos de aparcería o las colonizaciones en regiones marginales”

em condições sociais precárias, sem nenhum capital para construir novos sistemas produtivos (FAJARDO, 2002). Também é importante mencionar o problema ambiental gerado por duas situações apresentadas por Fajardo e que não foram tidas em conta no projeto de colonização dirigida:

> Não somente o colono reproduz o imaginário que carrega consigo desde sua origem cultural para adaptar-se a um novo meio natural sem que as instituições que orientaram o processo de colonização, como o INCORA foram em parte responsáveis da reprodução de modelos que posteriormente se definiriam como não apropriados, não viáveis e insustentáveis na Amazônia (GIRALDO, 2000, p. 59, tradução nossa)[22].

Também é importante mencionar, que a colonização do piemonte teve duas dinâmicas de intervenção e transformação do espaço, 1) as frentes de colonização com o desmatamento e queimada da floresta por parte dos colonos para criar agricultura de subsistência, e 2) a transição do uso do solo, dessas frentes de colonização para as pastagens, promovido por pequenos proprietários que tinham capital para investir e converter-se em pecuaristas (GONZÁLEZ, 1998). Essa substituição de atividades foi resultado da queda na produção do primeiro processo de intervenção na floresta, pelas precárias condições dos solos para desenvolver agricultura permanente.

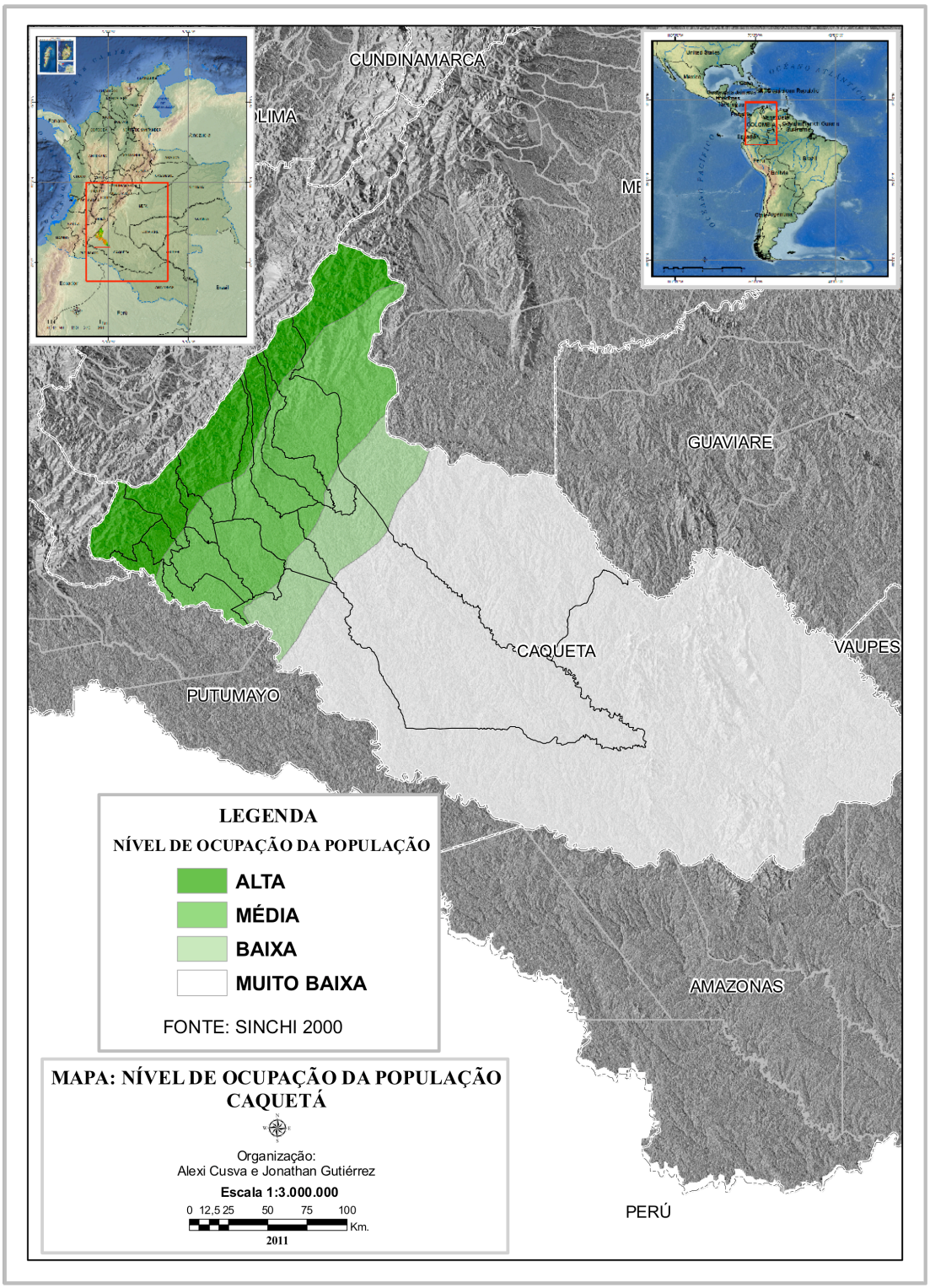
O resultado da transição nos usos do solo gerou uma expulsão da população colono camponês, constituindo novas frentes de colonização nas partes mais altas da encosta do piemonte, além da contínua pressão sobre a fronteira agrícola com a chegada de mais migrantes à região amazônica, conformando novos moradores rurais do departamento. Neste acontecimento dos anos de 1960 e de 1970, o vale do rio San Pedro também foi atingido e de forma mais constante com o arribo de colonos, pela localização próxima a Florência e a presença do rio San Pedro, uma via de comunicação usada pelos colonos entre a parte alta da cordilheira e a foz do rio no rio Orteguaza na várzea amazônica (ARTUNDUAGA, 1987; GIRALDO, 2000; URIBE, 1992).

No Mapa 4 percebe-se os processos de colonização e a expansão dos colonos, mostrando os graus de intervenção na floresta, que serve de exemplo da expansão agrícola no departamento.

---

[22] Texto original: "Que no solamente el colono reproduce el imaginario que lleva consigo desde su origen cultural para adaptarse al nuevo medio natural, sino que las instituciones que orientaron el proceso de colonización, como el INCORA, fueron en parte responsables de la reproducción de modelos que, posteriormente, se definirían como no apropiados, no viables, e insostenibles en la amazonía"

O mapa mostra de forma clara, os níveis de ocupação e o rumo da colonização, em direção a oeste da região de piemonte, onde se encontra o vale do Rio San Pedro, até a área com pouca população a sudeste já sendo a área de floresta amazônica.



Mapa 4: Níveis de ocupação no departamento de Caquetá.

As atividades extrativas e as colonizações espontâneas e dirigidas de camponeses deslocados construíram um território durante os anos de 1970, que refletiu uma situação de conflito social pelas mesmas causas do contexto Nacional, falta de uma reforma agrária abrangente e processo de violência gerados pela expansão do latifúndio (FAJARDO, 2002b). Nesse contexto de deteriorização social da sociedade camponesa, as lutas políticas começam a se manifestar de forma armada, vinculando camponeses marginalizados, e é o inicio das Forças Armadas Revolucionarias da Colômbia (FARC), com alvo de operações no sul do país e nas áreas de colonização (JARAMILLO et al, 1986). A precariedade do desenvolvimento rural e o avanço dos poderes regionais expressos no poder da terra, transformaram o conflito político em uma questão de ordem pública, no qual as forças militares do Estado tem que atuar, aprofundando os conflitos sociais das áreas rurais em um contexto de guerra armada (FAJARDO, 2002; DOMIGUEZ, 2005; JARAMILLO, MORA & CUBIDES, 1986; TOVAR, 1999).

As FARC e o Movimento 19 de Abril (M-19) são os principais grupos guerrilheiros que atuaram no Caquetá nas décadas de 1960, 1970 e 1980, continuando atualmente pelas FARC, o que indica que este grupo definido subversivo no contexto colombiano, foi um ator permanente na região durante os processos de colonização, e que encontrou na Amazônia o alvo de sua luta política, pela relação com a origem do grupo guerrilheiro (FAJARDO, 1993; MOLANO, 2000; JARAMILLO et al, 1986).

2.8. A Colonização no período 1977 -1990[23]

Nos anos de 1970, a colonização refletiu uma significativa transformação no contexto econômico, que passou de uma economia de subsistência para uma de tipo extrativista (TOVAR, 1999), e de grande movimentação de capital, influenciado pelo mercado internacional. Assim, o narcotráfico [produção de coca, popoula, maconha; a sua transformação em entorpecentes e comercialização][24], substituiu as precárias condições de subsistência econômica, grupo indefinido de famílias e pessoas pela instabilidade da extração

[23] Período marcado pelos diferentes pesquisadores sobre esta temática. Ver: Jaramillo, J; Mora, L; Cubides, F. (1986). *Colonización, Coca y Guerrilla.* E em Tovar, H, (1999). *Colombia: Droga, Economía, Guerra y Paz.*
[24] Definiremos este período como o *Boom* da coca, um ciclo imprescindível de exportações, com efeitos na alteração das estruturas sociais internas e nos processos de seleção dos espaços a explorar. Ver mais em Tovar, H, (1999). *Colombia: Droga, Economía, Guerra y Paz.*

dos recursos, o que foi avançando de forma espontânea e sem controle pelo piemonte e pela várzea amazônica.

A economia com base nos cultivos ilícitos, deslocou para um segundo lugar a atividade de pecuária bovina, quanto a capitais movimentados e a camponeses inseridos, colocando a produção de coca em pouco tempo, na atividade econômica mais rentável do Caquetá. Em decorrência surgiram novos valores sociais próximos a uma sociedade de consumo que transformou os contextos sociais, vinculando vários setores da sociedade, ao rompimento do imaginário dos camponeses anteriormente deslocados, as atividades produtivas legalizadas e agora vivendo no setor de ilegalidade . (MOLANO, 2000).

No período da colonização, os colonos tinham a consigna "Deus - trabalho - pátria e família", que foi mudada para a concepção “Deus – coca – e dinheiro”, fortalecendo o individualismo e o poder gerado pelo dinheiro, o que em pouco tempo gerou intervenção e perseguição das autoridades policiais pela ilegalidade da atividade. Formou-se um contexto de violência entre poderes e interesses particulares, misturando todos os atores sociais, principalmente colonos camponeses do Caquetá (MOLANO, 2000; URIBE, 1992).

No contexto de crescimento do narcotráfico e especialmente da produção de coca, o conflito militar entre as guerrilhas, principalmente o M-19, contra o exército colombiano no final dos anos 1970 e principio de 1980, colocou a região do piemonte amazônico em estado de guerra, aprofundo a situação dos moradores das áreas rurais onde se localizavam os confrontos. Assim, nos anos 1980 a falta de controle político pelo Estado no departamento de Caquetá, e a precariedade de infra-estrutura, somado ao problema rural decorrente das colonizações pouco planejadas, já comentadas, incrementou o problema social que se manifesta com novas migrações internas, no caso agora do campo para a cidade, conseqüência da guerra entre exercito e guerrilha, além da pobreza econômica dos camponeses.

Esse deslocamento da população camponesa se dirigiu principalmente à periferia da cidade de Florência, uma situação que atingiu também outras regiões do país pela expansão do conflito armado, mas outro resultado do conflito foi o surgimento de novas frentes de colonização na região amazônica, vinculando departamentos como o Putumayo e o Guaviare que junto ao de Caquetá (GIRALDO, 2000), foram cenários das maiores produções de coca onde surgiu um novo ator no contexto rural, os camponeses trabalhadores dos cultivos de

coca[25], os produtores de coca tornam-se responsáveis pela expansão da fronteira agrícola na Amazônia colombiana, como a prática de uma atividade ilegal e clandestina no espaço rural (MOLANO, 2000; JARAMILLO et al, 1986; URIBE, 1992),

[25] Na Colômbia se conhce este ator como raspachin, pessoa que raspa mata de coca. A maior parte deles são jovens entre 15 a 30 anos de idade, que não tem propriedade alguma e estão em contínuo movimento nas diversas zonas de produção de coca do país.

3. A DINÂMICA ECONÔMICA E SEUS IMPACTOS NO *PIEMONTE AMAZÔNICO*.

3.1. A produção do Espaço e a Dinâmica Rural

Ao longo do século XX os processos sociais têm sido diversos e, ao mesmo tempo, transformadores das dinâmicas mais relevantes dentro de uma estrutura territorial. O dinamismo político desse século foi fortemente agitado ao ponto de atingir, em curtos períodos, todos os espaços ocupados pelo homem, racionalizados e definidos como territórios pelas características implantadas de dominação e controle (COSTA, 2009). A fragmentação, os limites, o controle e a diferenciação espacial são os traços que marcam o mundo atualmente ancorado em uma produção espacial de formas, objetos, fluxos e estruturas materializadas pela dinâmica econômica capitalista.

A produção do espaço constitui o processo pelo qual a sociedade cria as formas e os atores que o controlam. Dessa maneira, o espaço passa a definir-se como o território onde um coletivo exerce poder sobre as ações e os objetos (SANTOS, 1996). Os objetos produzidos são o resultado da racionalização da natureza quando o ser humano, pela ação da divisão social do trabalho, modifica e exerce controle através dos mesmos objetos criados no espaço, constituindo o processo social pelo qual a sociedade se organiza no território:

> Toda atividade produtiva é definida menos por fatores invariáveis ou constantes do que por incessantes movimentos de ida e volta, entre temporalidade [sucessão, concatenação] e espacialidade [simultaneidade, sincronia] (LEFEBVRE, p. 71, 1991, tradução nossa)[26]

As atividades sociais não se afasta do conhecimento, pois além de ser uma produção, orienta conceitos pelos quais criam-se os objetos. Assim a atuação social e a produção em conjunto são definidos por Henri Lefebvre (1991) como um processo de interação contínua entre a sociedade e os conceitos ideológicos, pela forma como se organizam e se constituem as relações sociais na história, sendo assim uma abstração da realidade.

Desta forma, a realidade desenvolve-se no espaço sob um projeto ideológico, o qual controla as relações sociais constituídas no contexto político, para se converter na dinâmica econômica que domina os métodos de produção no espaço. Os objetos e os fluxos criados no cenário econômico, transformam as dinâmicas culturais da sociedade, através da estrutura

[26] Texto original: "All productive activity is defined less by invariable or constant factors than by the incessant to-and-from between temporality (sucession, concatenation) and spatiality (simultanity, synchronicity)"

construída em uma relação econômica, sendo a principal dinamizadora da sociedade em uma relação indissociável (COSTA, 2009).

O processo econômico de troca de bens de consumo por capital estabelece relações de domínio e controle, seja pelo produto produzido seja pela quantidade de capital disponível, criando uma dependência na movimentação entre indivíduos ou grupos sociais dentro das estruturas que o capital domina:

> O mecanismo de mercado tem de preencher o vazio existente entre o trabalho e as necessidades, e a análise destas deve levar em consideração as dinâmicas capitalistas (ALTVATER, p. 170, 2005)

A sociedade se organiza entorno dos padrões que estabelecem a dinâmica econômica que domina o espaço através da interação social de trabalho e a produção de mercadorias para satisfazer o homem (ALTVATER, 2005). Nesse sentido, a questão rural surge como recorte espacial com características particulares. Assim, a forma como se administram os recursos naturais no sistema capitalista para transformá-los em mercadorias, fazendo com que as relações espaciais rurais adquiram uma representação singular, faz com que sujeitos misturem práticas tradicionais com modernas, sendo o moderno a forma de relacionamento econômico entre os indivíduos, através dos fluxos criados dentro do sistema socioeconômico. Isso é representado pelo mercado agropecuário e a infraestrutura criada no campo. Por outro lado, as tradições são as relações definidas como uma continuidade do passado, que se manifestam na relação da natureza com a cultura da sociedade (HOBSBAWN, 2002).

Com base nesses dois padrões culturais, o processo econômico no espaço rural reflete-se em várias categorias definindo práticas desenvolvidas pela sociedade que habita e controla um determinado espaço. Dessa forma, cria-se a atividade agrária, pecuária, florestal, turística, de mineração e de áreas de preservação ambiental, constituindo-se em uma classificação de atividades frequentemente desenvolvidas no espaço rural que expressam formas de relação entre a sociedade e a natureza no contexto econômico.

Portanto, a dinâmica econômica no espaço rural caracteriza-se pela forma como se administram e transformam os recursos naturais, seja via produção agrícola, extrativa ou de lazer, dentro de um encadeamento ideológico que orienta a transformação dos recursos naturais, formando uma dinâmica social especifica do local. O conceito do desenvolvimento adquire importância nos principais processos de transformação social “a partir do momento em que surge a preocupação em imprimir uma direção às atividades humanas” (VIANNA ET AL, 1976, p. 93).

O desenvolvimento rural abrange os processos econômicos que atuam no contexto cotidiano da sociedade rural, abordando as diversas atividades que se desenvolvem no espaço rural (VIANNA ET AL, 1976). A atividade agrária é uma aproximação ao processo industrial de produção, com foco nas relações econômicas e suas correspondentes transformações, que atualmente desenvolvem-se no sistema capitalista de produção. Oliveira (2007) acrescenta "que não esta apenas circunscrito à produção imediata, mas também à circulação de mercadorias"(p. 20). Os fluxos entre a cidade e o campo, ancora-se sob o modelo de desenvolvimento que é criado no interior da política pública para o setor, sendo estes orientadores do processo de produção.

Sendo assim, o *piemonte amazônico* precisa ser interpretado de forma abrangente, e o conceito do desenvolvimento rural aproxima-se a abordagem das transformações sociais que acontecem no espaço. Portanto, é importante definir a diferença entre desenvolvimento agrário, desenvolvimento rural e modernização agricola, a fim de orientar a descrição da dinâmica econômica desenvolvida no Vale do Rio San Pedro. Assim, os três conceitos são diferenciados da seguinte forma:

> Modernização agrária, desenvolvimento agrário e desenvolvimento rural colocam-se em níveis crescentes de abrangência. O de modernização restringe-se apenas às características inerentes ao processo de produção agrícola; o desenvolvimento agrário incorpora a modernização agrária e os aspectos institucionais a ela vinculados; o desenvolvimento rural é o mais abrangente, pois leva em conta também as condições sociais do meio rural (VIANNA et al, 1976, p. 95)

As dinâmicas sociais do espaço rural, não estão apenas orientadas pelo contexto histórico e pela organização da paisagem rural. Os modelos econômicos implantados no setor rural, via políticas públicas de escala nacional ou regional, também orientam as dinâmicas sociais do espaço rural, que quebram o sistema tradicional do campo com base na produção diversificada da lavoura de subsistência familiar.

O contexto social articula-se com o padrão imposto no sistema econômico de produção agropecuária, que incide no espaço rural ao influenciar os produtos que devem ser produzidos e também na constituição de um novo uso do solo. Além disso, acentua-se a divisão social do trabalho, as formas de emprego da população que depende da produção local. Portanto, existe uma divisão social no campo: proprietário, trabalhador assalariado e força familiar (OLIVEIRA, 2007, p. 33). É importante esclarecer, que a produção camponesa subdivide-se em vários elementos estruturais, que estão presentes nas relações dos trabalhadores rurais da Amazônia colombiana. Assim, os conceitos elaborados por OLIVEIRA (2007) complementam a informação resumida no quadro 5. Porém, existe uma

distinção entre a produção capitalista e a produção camponesa, sendo a primeira a movimentação do capital, e a segunda, definida pela conversão de mercadorias em dinheiro para adquirir outras mercadorias necessárias.

O quadro 5, é a definição das relações de trabalho dos camponeses no sistema de subsistência econômica, de grande parte da população que habita o piemonte amazônico, sendo esta uma caracterização usada no sistema rural brasileiro, mas que claramente tem o mesmo significado que o caso colombiano. As formas de apropriação da terra e as formas de emprego rural.

Quadro 6: Elementos estruturais de produção camponesa

Elementos	Características
A força de trabalho familiar	É o motor do processo de trabalho na unidade camponesa
A ajuda mútua	A prática que eles empregam para suprir, em determinados momentos, a força de trabalho familiar.
A parceria	Elemento de produção camponesa decorrente da ausência de condições financeiras do camponês para empregar trabalhadores em sua propriedade. Assim, ao contratar um parceiro, ele divide os custos e ganhos.
O trabalho acessório	Meio através do qual o camponês transforma-se periodicamente em trabalhador assalariado, recebendo, via de regra, por período de trabalho.
A jornada de trabalho assalariada	Aparece na unidade de produção camponesa como complemento da força de trabalho familiar em momentos críticos do ciclo agrícola, nos quais as tarefas exigem rapidez e muita mão-de-obra.
Socialização do camponês	Elemento importante na produção pela qual as crianças são iniciadas desde pequenas como personagens da divisão social do trabalho no interior da unidade produtiva.
Propriedade da terra	Propriedade familiar, privada para muitos, porém diferente da propriedade privada capitalista. Na propriedade familiar se estabelece uma propriedade direta com os instrumentos de trabalho, porem não é instrumento de exploração.
Propriedade dos meios de produção	Exceto a terra, na maioria dos casos os meios de produção são em parte adquiridos, tanto por mercadorias, quanto produzidos pelos próprios camponeses.
Jornada de trabalho	Elemento de produção camponesa. Neste caso há rigidez de horário diário como na produção capitalista: a jornada de trabalho do camponês varia conforme a época do ano e segundo os produtos cultivados.

Fonte: (OLIVEIRA, 2007)

É importante entender os diversos elementos estruturais na produção camponesa para interpretar as relações sociais no piemonte, tendo em vista que os atuais camponeses da Amazônia colombiana, tem o mesmo origem dos colonos que migrou na região, convertendo-

se também em camponeses. No entanto, eles são historicamente conhecidos como colonos, devido aos conflitos territoriais nas áreas de recente ocupação moderna (GÓMEZ, 1991). Desta maneira, a produção camponesa pode ser explicada a partir de várias dinâmicas no vale do Rio San Pedro, por ter uma característica socioeconômica específica dos habitantes que ocupam este território.

3.2. Caracterização das dinâmicas econômicas no piemonte amazônico

As atividades econômicas no departamento de Caquetá são resultantes do processo histórico de ocupação territorial nos últimos 50 anos. Neste período, ocorreu uma sucessão de processos que atingiram inicialmente a região do piemonte e em seguida se espalhou pela várzea amazônica, criando cenários sob sistemas de propriedade familiar em grandes extensões de terra, resultado de um processo com recente ocupação de terras devolutas (URIBE, 1992). Terras devolutas são aquelas consideradas sem títulos de propriedade, estabelecidas a partir da produção camponesa de parceria e conveniências coletivas, formando em termos de desenvolvimento, atividades de subsistência assim como ocorreu durante a colonização da Amazônia brasileira (MUSUMECI, 1988, p. 54).

Os períodos da colonização da Amazônia colombiana, descritos no segundo capítulo deste trabalho, abordam os impactos na paisagem rural mais significativos, principalmente na região do piemonte. Os processos fizeram parte de uma dinâmica econômica, que acorreu no inicio do século XX, com a atividade seringueira e a exploração de madeira, que são atividades classificadas como extrativistas. O extrativismo definido por Zarate (2001) para o caso especifico da Amazônia colombiana sustenta-se na escala temporal da ocorrência dos ciclos econômicos e produtivos, os quais se encaixam em modelos de desenvolvimento de produção industrial dos países mais desenvolvidos (LEAL e RESTREPO, 2003). Segundo Zarate o extrativismo define-se como de extermínio ou depredação:

> O extrativismo por aniquilamento ou depredação acontece quando a obtenção do recurso econômico implica à extinção do mesmo, ou quando a velocidade de regeneração é inferior que à velocidade de extração (ZARATE, 2001, p. 26, tradução nossa)[27]

[27] Texto original: "El extractivismo por aniquilamiento o depredación ocurre cuando la obtención del recurso económico implica la extensión del mismo o cuando la velocidad de regeneración es inferior a la velocidad de extracción."

Portanto, são processos de desenvolvimento que criaram novos usos do solo, em períodos definidos até o esgotamento do recurso ou perda das vantagens econômicas em relação a outros mercados.

É importante ressaltar a capacidade econômica dos diversos projetos agrícolas ou extrativistas da região, pois, embora haja pobreza dos solos e fragilidade do ecossistema do piemonte, mantém-se uma projeção econômica.

Além da questão ambiental ser fortemente impactada pelas atividades, o tema social também é atingido pelos processos extrativos de aniquilamento, quando a população em um sistema produtivo fica dependente do recurso, "se desloca junto com os trabalhadores assalariados que extraem o recurso nos períodos das crises" (DOMINGUEZ; GOMEZ, 1990, p. 10)[28]. Os deslocamentos populacionais constituem-se em crescimentos temporais. Porém, o impacto da extração do recurso, via mercado internacional ou investimento particular, além do desenvolvimento local, não existe no interior da estrutura econômica no modelo extrativista. Portanto, as áreas atingidas ficam pouco habitadas após a queda da atividade. A abertura de mercados, a inovação produtiva, melhorias no entorno, educação e infra-estrutura na região, não fazem parte dos modelos de desenvolvimento extrativista, pois neste processo somente necessitam-se dos *braços fortes* para trabalhar e o recurso natural para explorar indiscriminadamente (ZARATE, 2001).

Dessa forma, os processos produtivos da borracha, quinina e a exploração de madeira no Caquetá, caracterizaram-se por ciclos temporais curtos e com poucas transformações sociais no território (URIBE, 1992). Embora tenha ocorrido um mínimo legado de desenvolvimento social, permaneceu nas localidades um forte impacto espacial que se reflete na paisagem rural, como é o caso da existência da propriedade fundiária e a contínua expansão da fronteira agrícola no piemonte. O desenvolvimento das atividades econômicas no espaço rural, configurou-se nas dinâmicas sociais, que atualmente a população camponesa prática, além do uso do solo que marcam processos expressos na escala temporal e espacial. Portanto, é importante descrever as atividades econômicas que se desenvolvem no piemonte, no intuito de se entender a atual estrutura territorial, em especial no Vale do Rio San Pedro.

Nesse sentido, inicia-se com a descrição da atividade pecuária bovina, por sua importância econômica e histórica no departamento do Caquetá, dominando 27% (vinte e sete) da área como se observa no gráfico 1, havendo manutenção de apenas 1% (um) de área

[28] Texto original: "migra junto con los extractores en los periodos de crisis."

em agricultura e o predomínio amplo de floresta com 72% (setenta e dois) de áreas. Dessa forma é possível destacar a pecuária como uma importante atividade econômica na região. Em seguida, é apresentada a atividade leiteira relacionada com a pecuária, que se vem destacando com importante crescimento. Outra atividade abordada é o cultivo de coca [atividade ilegal] para produção de cocaína, que é uma importante atividade econômica na região, envolvendo um grande setor da população rural do Caquetá. Por último, está a agricultura como atividade excedente, na qual se destaca o cultivo do café, sendo este produto uma tradição com sua origem na região andina colombiana.

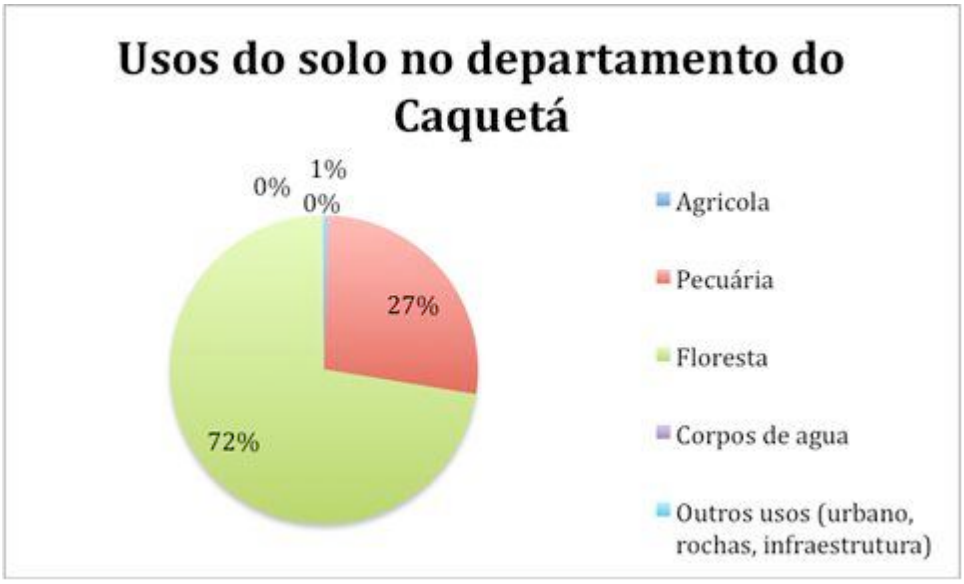


Gráfico 1: Usos do solos no Caquetá Fonte (DANE, 2005)

3.3. A Atividade pecuária

A atividade pecuária no piemonte da Amazônia Colombiana faz parte dos processos econômicos mais significativos do setor agropecuário, atividade que resulta do poder econômico e territorial desde a invasão espanhola no século XVII, e se manifesta pelo domínio territorial atuantes do uso de terra com a pecuária bovina em todo o espaço rural (MURGUEITO, 1999). As formas de produção e o uso do solo na pecuária são os fatores espaciais que se presentes manifestam em escalas local e nacional, pelo uso extensivo e o poder territorial que representa, sendo o *piemonte amazônico* um exemplo de referência na Colômbia

A pecuária bovina na Colômbia é muito significativa ao ponto de representar uma faixa exclusiva do setor produtivo agroindustrial do país, além de dominar grandes extensões de terra em todas as regiões e ecossistemas do país. Faz parte também das principais inserções

econômicas em todas as regiões do país (FEDEGAN, 2011). Embora seja representada no contexto nacional, a pecuária bovina apresenta sérios problemas de desequilíbrio na divisão territorial que implicam em conflitos sócio-ambientais:

> Para a criação de gado há 19 (dezenove) 19 milhões de hectares aptos ao uso e, se utilizam 40 (quarenta) milhões para este propósito, dos quais apenas cinco (5) milhões possuem pastagens melhoradas, enquanto que os 35 (trinta e cinco) milhões restantes são explorados de maneira extensiva. Assim, no total, 45% (quarenta e cinco) dos solos do país destinam-se à uso inadequada (FAJARDO, 2002, p. 28, tradução nossa)[29]

Trata-se de um conflito territorial antigo que tem se acentuado no espaço rural de forma progressiva, sem qualquer transformação quanto a uma reforma agrária, embora exista resistência de vários grupos sociais para manter a diversidade na produção e o uso do solo mais harmônico com o ecossistema, tendo como exemplo o uso adotado pelas comunidades indígenas e os pequenos produtores camponeses.

O modelo de desenvolvimento aplicado no sector agrário conduziu à concentração da terra e à produção extensiva, com o propósito de fortalecer a produção agroindustrial (CORTÉS, 2004). Portanto, é importante caracterizar em que modelo de desenvolvimento se manifesta a atividade pecuária bovina na região, e em especial no *piemonte amazônico*.

Segundo Murgueitio (1999), a pecuária bovina na Colômbia caracteriza-se por duas práticas econômicas importantes, sendo uma delas os negócios secundários da pecuária e a outra referente aos negócios derivados diretamente dos animais que definem a espacialidade da pecuária e os conflitos decorrentes de políticas públicas para a agroindústria. Assim, foi resumido no quadro 6, a caracterização geral da pecuária bovina na Colômbia, e os aspetos mais representativos destas duas atividades foram mencionadas acima. É possível identificar no *piemonte amazônico*, de forma clara a análise feita por Murgueitio, baseado em condições históricas atuantes no piemonte.

---

[29] Texto original: "Para la ganadería hay diecinueve millones de hectáreas aptas y se utilizam cuarenta millones para este fin, de las cuales sólo cinco millones tienen pastos mejorados, mientras que el resto, treinta y cinco millones, se explotan de manera extensiva. Asi, en conjunto, el 45% de los suelos del país se destina a usos inadecuados"

Quadro 7: O negocio da pecuária

<table>
<tr><th>Práticas
Inserção econômica</th><th colspan="2">Os negócios derivados diretamente dos animais</th><th colspan="2">Os negócios secundários oriundos da pecuária</th></tr>
<tr><td>Tipos de Renda</td><td colspan="2">Variação na produtividade por área, nível nutricional, produção do leite e capacidade de renovação da pastagem</td><td colspan="2">Compra e venda de terras estimuladas pela renda gerada pela infra-estrutura, expansão urbana ou lavagem de dinheiro</td></tr>
<tr><td>Lucratividade</td><td colspan="2">Variação genética dos animais e das pastagens</td><td colspan="2">Estratégia de ocupação do território com fins econômicos, poder político, bem como o prestígio social na região</td></tr>
<tr><td colspan="5">Aspetos sócio-ambientais das duas práticas econômicas</td></tr>
<tr><td>Impacto ambiental de irreversível a renovação parcial</td><td>Atores sociais: empresários da pecuária e o agronegócio, pequenos produtores, colonos camponeses e indígenas</td><td>Emprego a partir de uma pessoa por cada 200 hectares até duas para 1 hectare</td><td>Associação a partir do ingresso na luta armada até organizações comunitárias</td><td>Atividade que gera desigualdade social</td></tr>
</table>

Fonte: (MURGEITIO, 1999)

A importância da análise social e espacial da pecuária, realizada por Murgueitio, aproxima-se do entendimento do fenômeno da pecuária no Caquetá, sendo a principal atividade econômica do departamento, apresentando variáveis que posicionam a criação bovina do Caquetá, dentre as mais representativas do país (DANE, 2009). As variáveis que ressaltam no quadro 6 junto aos tipos de ocupação e a relação com o poder territorial, geram as causas dos conflitos sociais na região (GOBERNACIÓN DEL CAQUETÁ, 2009). Caquetá é representativa pela participação na economia Nacional, ocupando como o terceiro lugar como produtor de carne na Colômbia (IBARRA, 2006). No gráfico 2 é apresentada a quantidade do rebanho bovino e de hectares nos departamentos que possuem mais de 50.000 cabeças, além do tamanho médio das propriedades com pecuária bovina.

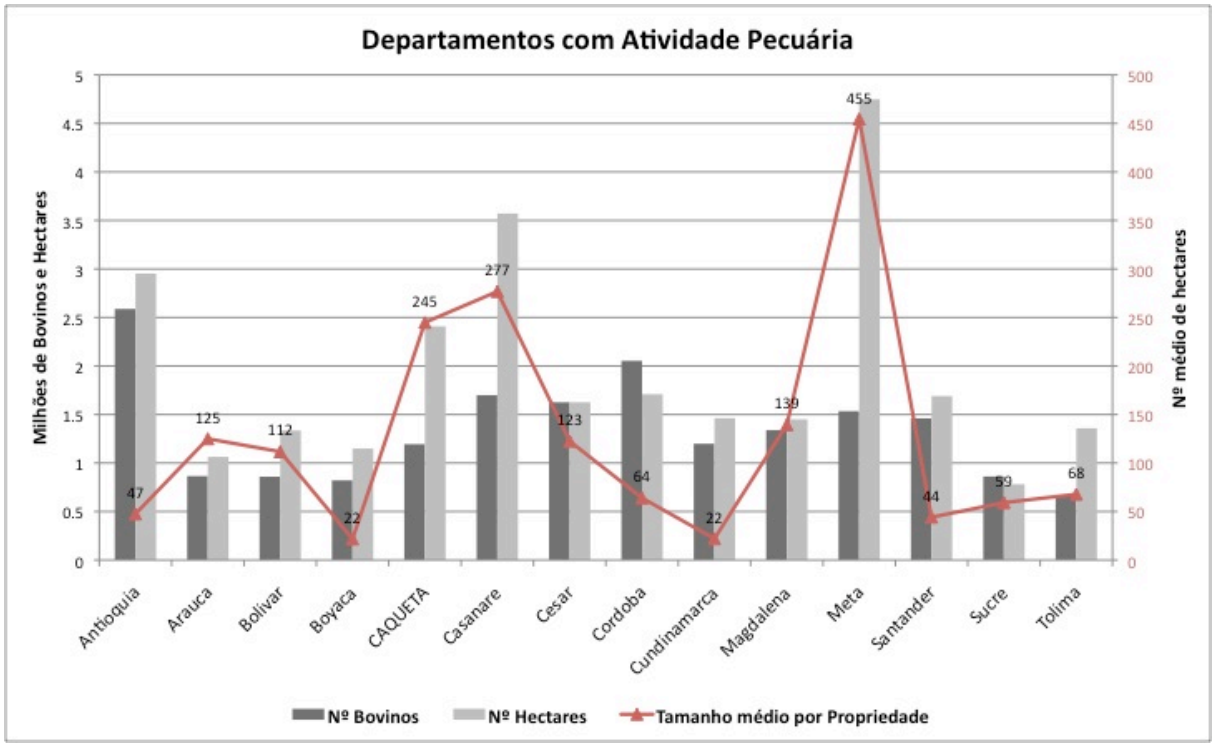


Gráfico 2: Departamentos com pecuária. (FEDEGAN, 2011; DANE, 2009)

O gráfico expressa de forma clara a importância da pecuária bovina no Caquetá dentro do contexto nacional, com quase 2,5 milhões de cabeças e mais de um milhão de hectares. Segundo o relatório regional de gestão econômica da consultora Araujo Ibarra (2006) Caquetá é muito representativo e abastece outras regiões do país. Contudo, um dado importante do gráfico é o tamanho médio das propriedades na pecuária bovina, que indica o caráter extensivo da produção, sendo que Caquetá tem a terceira posição no país com média de 245 (duzentos e quarenta e cinco) hectares por propriedade. Os dados reforçam o argumento do domínio territorial da atividade na região, comparados com outros departamentos de tradição histórica na atividade pecuária, como é o caso de Córdoba e do Sucre, com área média por propriedade de 64 hectares 59 hectares respectivamente.

De fato, o latifúndio relaciona-se com o conceito dos negócios de origem secundária da pecuária desenvolvidos por Murgueitio (1999), que se manifesta no poder territorial da atividade, com ênfase na renda provinda da compra e venda das terras. O latifúndio é resultado de políticas de desenvolvimento combinadas com processos políticos, que no caso colombiano está relacionado com o conflito político-militar que o país tem sofrido (FAJARDO, 2002b; TOVAR, 1999; JARAMILLO et al. 1986). Em resposta a esses conflitos, a expansão das propriedades tornou-se manifestações de poderes locais na busca de obter rendimentos econômicos, gerando informalidade na população. Quanto à relação entre a concentração de terra e a população camponesa, Fajardo (2002a) sugere:

> Os setores dominantes do país, frente à magnitude do território e ao reduzido numero relativamente dos habitantes, tem resultado na restrição ao acesso à terra e aos mercados de população geral. (Camponeses mestiços, afro descendentes e indígenas). Esta política tem limitado as possibilidades de estabilização destas comunidades nas áreas tradicionais de assentamento campesino, afetadas pela redução de suas parcelas de terra [*minifundização*], da perda de solos, água e biodiversidade, resultado das condições tecnológicas precárias das explorações e na expansão do latifúndio, que não gera nem produção nem emprego, forçando-os a constituírem-se em mão-de-obra itinerante nos mercados de trabalho "circulares" [campo-cidade]. (FAJARDO, 2002a, p.10, tradução nossa)[30]

A concentração de terra na Colômbia pode ser explicada com base em Oliveira (2007), como uma transição do feudalismo ao capitalismo, pelo crescimento da atividade industrial na cidade. Porém, no caso colombiano, esse processo tem sido aprofundado pela presença dos grupos insurgentes de esquerda e direita, que exercem controle territorial e, em algumas áreas em associação com o narcotráfico (FAJARDO, 2002a). Dessa forma, a atividade da pecuária bovina de tipo extensivo, converte-se no problema social mais significativo do espaço rural colombiano, e sendo Caquetá muito representativo pelo contexto histórico da população camponesa e alvo político da guerrilha das FARC com importante presença na região de estudo (JARAMILLO ET AL, 1986). A pobreza rural junto aos camponeses sem emprego são causas históricas da luta política das FARC (Forças Armas Revolucionarias da Colômbia) que tem ocorrido desde a década de 1950, sendo uma reprodução de vários grupos armados de esquerda [FARC, M-19 e ELN] e de direita como as AUC [Autodefesas Unidas da Colômbia], que aprofundaram o conflito, sem haver ainda uma solução definitiva ao problema de original (FAJARDO, 2002; JARAMILLO ET AL, 1986; URIBE, 1992)

Segundo Fajardo (2002b), o conflito territorial gerado pelo latifúndio é resultado do ordenamento territorial imposto desde a era de colônia espanhola sob a dinâmica dos mercados externos e, que atualmente, são manifestações de "forças econômicas e políticas dispostas a preservar o *status quo*." (p. 39). Os latifundiários representam a fraqueza do Estado nos territórios abandonados, que vai contra os colonos, ocupantes de fato. O latifúndio se estabeleceu como ordenador do território, somado às condições de orientação política do país que também incidem nesse tipo de controle territorial. Segundo Fajardo:

---

[30] Texto original:"los sectores dominantes del país, ante la magnitud del territorio y el número relativamente reducido de sus habitantes han optado por restringir el acceso a la tierra y a los mercados a la población rural (campesinos mestizos, afrodescendientes e indígenas). Esta política ha limitado las posibilidades de estabilización de estas comunidades en las áreas tradicionales de asentamiento campesino, afectadas por la reducción de sus parcelas [microfundización], la pérdida de suelos , aguas y biodiversidad, derivadas de las condiciones tecnológicas precarias de las explotaciones y por la expansión del latifundio, que no genera ni producción ni empleo, forzándolos a constituirse en mano de obra itinerante en mercados laborales "circulares" (campo-ciudad)."

> As condições da política macroeconômica para a produção agrícola e pecuária, principalmente as taxas de juros e de cambio e, em conjunto com a proteção oferecida pelo Estado ao setor financeiro, tem levado à concentração da propriedade e as decorrentes rendas monopolizadas da terra para gerar uma agricultura não competitiva, separada de sistemas eficientes no interior do processo agroindustrial e comercial. (FAJARDO, 2002a, p. 40, tradução nossa)[31]

No caso do departamento do Caquetá, a importante participação da atividade pecuária bovina é decorrente do abandono do Estado nos territórios conhecidos como devolutos (FAJARDO ET AL, 1997). O processo de apropriação e concentração de terras pelos latifundiários levou ao domínio dessa atividade, e que recentemente se agravou com o conflito político-militar que a região tem sofrido. As terras com os melhores solos para a pecuária ficaram nas mãos de poucos proprietários, levando à expansão da fronteira agrícola forçada pelos camponeses deslocados.

Para mostrar a distribuição do uso do solo na pecuária bovina no Caquetá, o gráfico 3 registra os hectares usados na pecuária bovina, de cada departamento. Assim, é possível perceber a porcentagem de uso na atividade e a quantidade de hectares usados, gerando um indicador importante no contexto dos departamentos com grande domínio da pecuária. Caquetá é o maior departamento em área na Colômbia um dos maiores departamentos do país, mas tem porcentagem de uso baixo com relação a sua extensão territorial. O outro aspeto para destacar no presente trabalho é a importância da presença da floresta amazônica no departamento, como é possível constatar no gráfico 1. Além disso, evidencia-se a extensão de terra para a pecuária bovina, com utilização dominante no uso dos solos e na vocação agrícola.

---

[31] Texto original: "Las condiciones de la política macroeconómica para la producción agrícola y pecuaria, en particular, las tasas de interés y cambiarias, y en conjunto, la sobreprotección brindada por el Estado al sector finaciero, han confluido con la concentración de la propiedad y las consiguientes rentas monopólicas de la tierra, para generar una agricultura no competitiva, desligada de sistemas eficientes de procesamiento agroindustrial y comercialización."

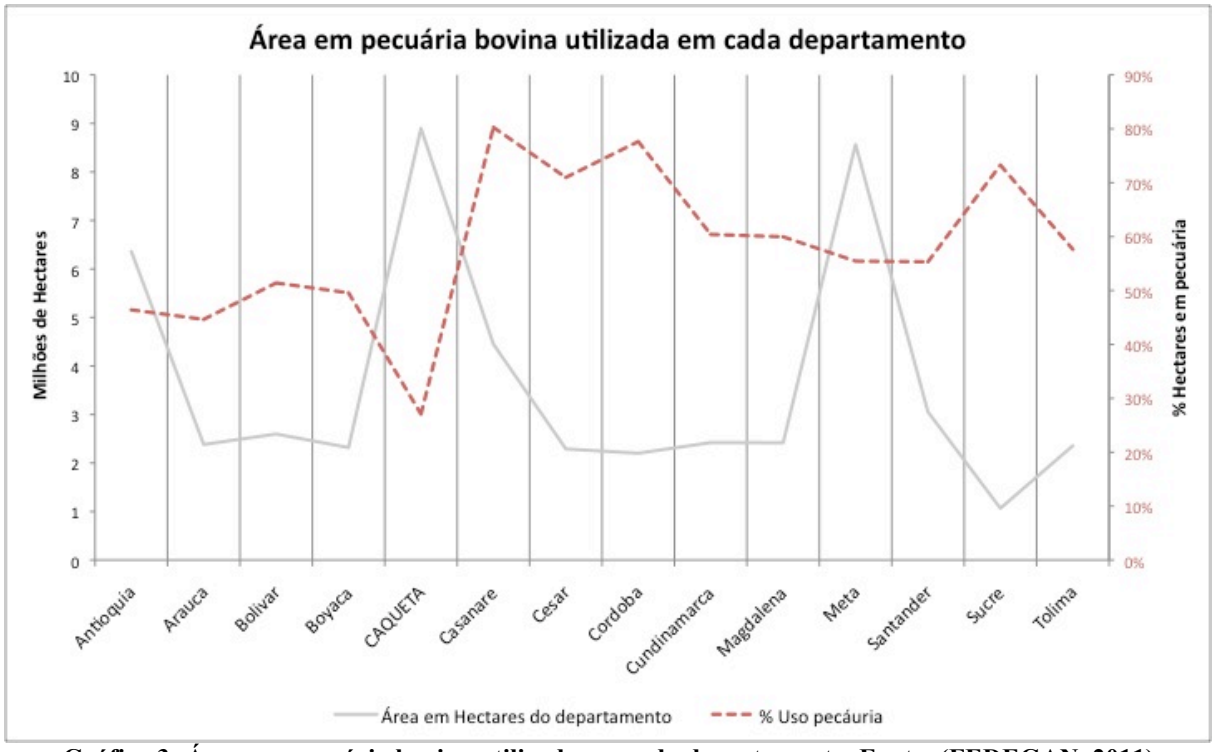
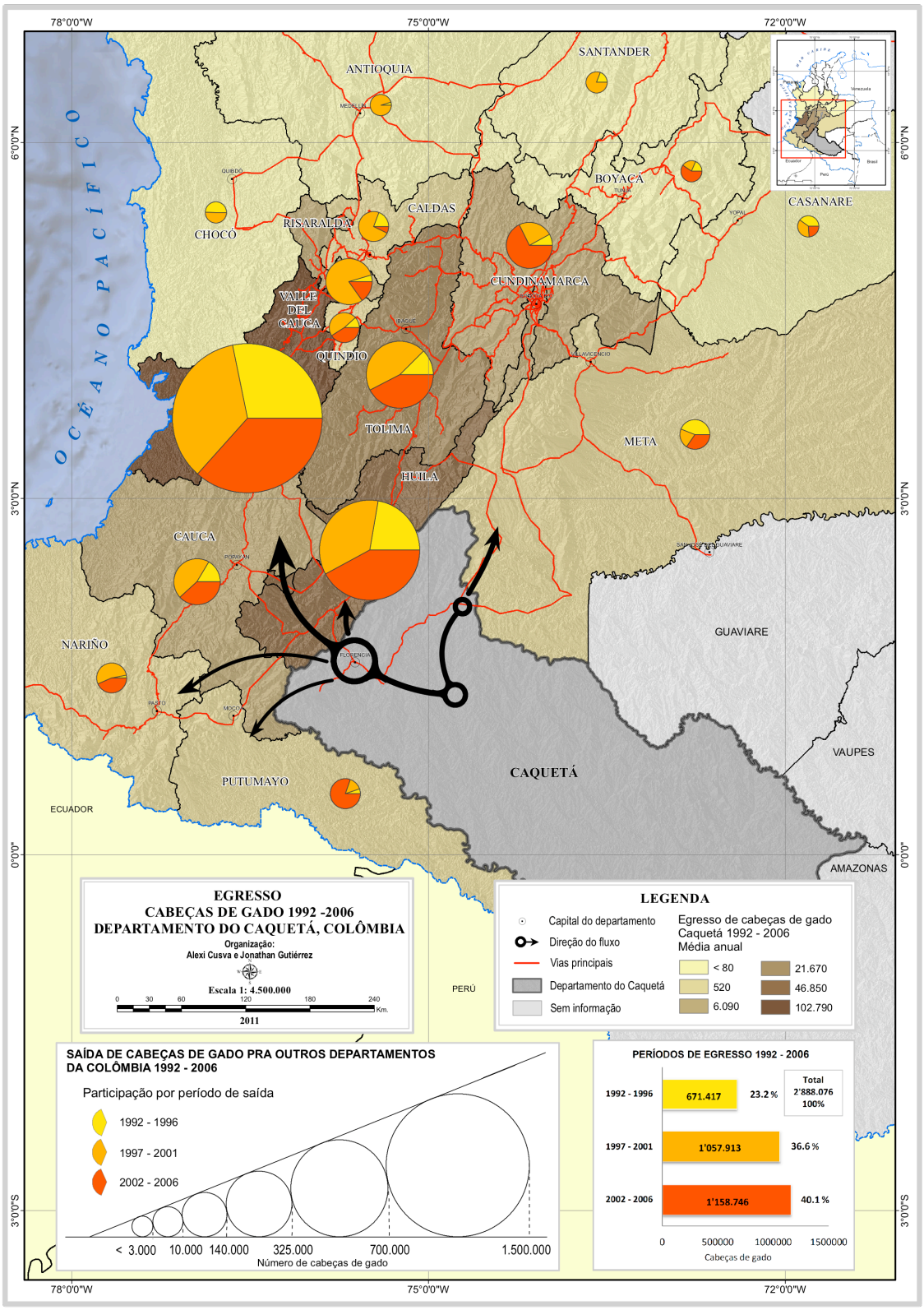


Gráfico 3: Área em pecuária bovina utilizada em cada departamento. Fonte: (FEDEGAN, 2011)

Para representar o domínio da pecuária bovina no Caquetá e a influência que tem no país, foram analisados dados do ICA (Instituto Colombiano Agropecuário), que registra os animais direcionados a matadouros, por departamentos do país. O mapa 5 representa os fluxos e a quantidade de animais de Caquetá, enviados para outros departamentos. Caquetá se estabelece como um dos principais fornecedores de carne bovina no sul da Colômbia, em três períodos distintos das duas últimas décadas (1992 – 1996; 1997 – 2001; 2002 – 2006)



Mapa 5: Saídas de rebanho bovino do Caquetá

No mapa 5, é representativo do crescimento da pecuária bovina no Caquetá com forte significado no mercado nacional, principalmente no período 2001 – 2006, quando houve incremento de numero de animais enviados para três departamentos do centro do país, sendo eles: o Valle de Cauca, a Cundinamarca e o Huila; e, localizados no sul, o Meta, o Nariño, o Putumayo, a Tolima e o Cauca. Com o aumento de 16,9% (dezesseis ponto nove) em dez anos, a pecuária do Caquetá passou a dominar e a representar a terceira posição na produção de carne no país (IBARRA, 2006).

A pecuária bovina no Caquetá divide-se em dois tipos de produção, devido às condições ambientais da região, principalmente aos tipos de solos, que não oferecem condições ideais para um bom desenvolvimento das pastagens, que é mais lento e as gramíneas de melhor rendimento são para a pecuária de leite ou corte, além de necessitar de mais tempo para se desenvolver. Portanto, a falta de inovação tecnológica associada ao processo mais longo de renovação das pastagens, criam condições de produção extensiva nesta região (URIBE, 1992). Diante dessas circunstâncias, o sistema mais desenvolvido na região amazônica é do duplo-propósito [produção de leite e carne em conjunto], com o intuito de complementar duas atividades dentro da pecuária bovina, que isoladas neste ambiente, não conseguem os rendimentos desejados, principalmente para os produtores que ainda não estão inseridos em uma produção pecuarista industrial (FINAGRO, 2009). O segundo sistema de pecuária bovina usado na região é o de corte [produção de carne], embora haja uma produção extensiva com alternância das áreas de pastagens.

Segundo o plano de desenvolvimento do Caquetá 2010-2011, o sistema de duplo-propósito ocorre em 60% (sessenta) das fazendas com pecuária, em áreas de 250 (duzentos e cinquenta) hectares em média, o que fortalece a produção de leite neste sistema (GOVERNACIÓN DEL CAQUETÁ, 2009). Assim, se configura um fator importante no domínio da pecuária na região do piemonte, pela possibilidade da diversificação da produção. No quadro 7 é apresentado o tamanho e o número de propriedades relacionado ao número de bovinos, no município de Florência. Os dados foram obtidos pela FEDEGAN com sede em Florência, para o ano de 2007, indicando que o 69.2% (sessenta e nove ponto dois) do rebanho do município localiza-se em 54.6% (cinquenta e quatro ponto seis) das propriedades com uma extensão entre 26 (vinte e seis) e 500 (quinhentos) hectares, sendo um reflexo da diversidade na pecuária bovina por ter duplo propósito, diferente das fazendas com grandes extensões, chamadas de latifúndio [>1000 hectares], que mantêm o padrão da pecuária de corte e sendo mais rentável pelos baixos custos de operação (MURGUEITIO, 1999).

Quadro 8: Características das propriedades com pecuária em Florência

Tamanho em hectares	Propriedades	Bovinos
< 10	176	984
11-25	241	5016
26-50	226	8394
51-100	165	11006
101-250	92	13646
251-500	38	13242
501-1000	12	7847
>1000	4	5737
total	954	66872

Fonte: (GOVERNACIÓN DEL CAQUETÁ, 2009)

No caso do vale do rio San Pedro, a pecuária bovina domina grande parte de seu território, sendo ligada a outras atividades que se desenvolvem na área, como é o caso da pequena agricultura de subsistência. A pecuária é a principal atividade econômica, com o sistema de duplo propósito e bovinos de raças crioulas (raças de cruzamentos e adaptações as condições físicas da Colômbia). Por outro lado, o sistema de produção em conjunto com as pastagens e os bovinos introduzidos na região, explicam a origem do contexto histórico de ocupação desta região, porque a pecuária foi resultado da colonização recente do Caquetá (GIRALDO, 2000).

A ocupação, que é resultado da colonização, dirigida pelo Governo Nacional na década de 1970 criou a estrutura industrial da pecuária bovina na região, através do projeto orientado pela fazenda *Larandia*, propriedade de mais de 40.000 hectares, liderada pelo empresário Oliverio Lara[32], com orientação técnica do INCORA (Instituto Colombiano da Reforma Agrária), como política de ocupar as terras livres do *piemonte amazônico*. O vale do rio San Pedro ficou como alvo desse processo de formação de fazendas com pecuária bovina, próximo às margens do rio, além da estrada principal que liga o norte de Caquetá com Florência. (ARTUNDUAGA, 1987).

Assim, o processo de expansão da pecuária atingiu a parte mais baixa do vale e logo depois continuaria subindo pelas margens do rio San Pedro, até chegar onde atualmente é a parte mais alta da bacia, com a inserção dos camponeses em uma dinâmica alternativa de subsistência.

As vantagens da pecuária no período foram interessantes para os camponeses que possuíam terras, principalmente por fatores de operação, tais como a pouca mão-de-obra, a

[32] Oliverio Lara, foi comerciante de mercadorias importadas na colombia, entre elas o Jeep Willis, de alta difussão no mercado colombiano na decada do 1950 e de 1960. Depois passou a ser um dos maiores fazendeiros da colombia com a propriedade Larandia em Florencia-Caquetá (ver ARTUNDUAGA, 1987)

fácil comercialização do produto, incremento na renda e na poupança de investimento, mas que em seguida teria desencadeado endividamento dos camponeses com o setor financeiro, para construir a infra-estrutura necessária dos estabelecimentos para pecuária (ARTUNDUAGA, 1987).

As terras devolutas no vale do rio San Pedro, foram apropriadas e legalizadas pelo INCORA, para incentivar a atividade pecuária e, além disso, tentar solucionar o problema dos novos camponeses que chegaram na região. Segundo Marsh (1983), a primeira ação dos colonos camponeses na região do piemonte foi desmatar e em seguida criar pastagens para introduzir o gado, fazendo parte das sugestões do Banco Mundial, que disponibilizou verba para desenvolver o sistema de empréstimo para os novos ocupantes, no marco da revolução verde das décadas de 1960 e de 1970.

O processo iniciou-se com o empréstimo aos camponeses, coordenado pela Cajá Agrária, instituição financeira do Estado e em seguida pelo INCORA dando apoio técnico para a construção da infra-estrutura (ARTUNDUAGA, 1987). Dessa maneira, o Estado conseguiu coordenar a colonização e implantar o modelo de desenvolvimento voltado para monocultura, no caso a criação de gado, sendo Florência o alvo deste modelo com a fazenda *Larandia*, próximo ao vale do rio San Pedro.

3.4. A produção de leite

A economia derivada da produção de leite em Caquetá faz parte do conjunto de atividades que compõe a pecuária bovina, mas é secundaria à criação para corte. Há falta de uma cultura de exploração leiteira junto aos camponeses e os bovinos tem baixa produtividade. (NESTLE, 2005). Porém, a produção de leite mesmo como complemento econômico dentro do sistema de duplo-propósito, representa uma importante fonte de renda para pecuaristas e famílias camponesas, cujos produtores no Caquetá representam mais de 2500 (dois mil e quinhentos) produtores (NESTLE, 2005). A produção do leite foi estimulada como o estabelecimento de uma unidade industrial da Nestlé de pré-condensação em Florência e depois outra de resfriamento no município de Doncello, uma cidade média de Caquetá.

Segundo a Nestlé, as características encontradas no Caquetá para impulsionar a indústria leiteira foram determinantes na criação da unidade industrial na região, que se

integraria com a matriz da Nestlé na Colômbia, situada no Valle Del Cauca, cumprindo a função de dominar o mercado de lácteos no sul da Colômbia:

> Mais de 1 milhão de hectares em pastagens, solos impróprios para agricultura convencional, pastagens nativas, criação de gado azebuceado para cria, bancos e fundos de pecuaristas locais (NESTLE, 2005, p. 4, tradução nossa)[33]

As características visadas pela Nestlé em relação aos potenciais da indústria leiteira, desde a década de 1970, vem exercendo um papel econômico representativo na maior industria do departamento com a compra de 51% (cinquenta e um) do leite que se produz na região. É uma situação contraditória a uma região que apresenta difíceis condições de infra-estrutura, de falta de práticas industriais de conflito político militar que atinge toda a área rural do departamento.

A produção leiteira na região é a dinâmica mais desenvolvida pelos pequenos produtores e famílias camponesas para subsistência econômica, consequência da estrutura rural constituída para promover a pecuária na região. Houve desenvolvimento com acesso a estradas, além de dispor de solos mais aptos às atividades agropecuárias, resultado das grandes extensões de terra. Contudo os pequenos produtores consideram como desvantagem não disporem de grandes extensões de terra, fator importante para uma pecuária do tipo industrial, mesmo sendo uma atividade de sistema duplo-propósito. No entanto, uma característica importante da dinâmica leiteria nessa região é a facilidade para os produtores para comercializar o produto, resultado da estrutura criada pela Nestlé no intuito de suprir a sua unidade industrial em Florência. A compra é feita diretamente com os fornecedores e o produto é retirado na estrada rural mais próxima da propriedade. Esta situação se diferencia de outros produtos agrícolas que dependem de uma estrutura de comercialização entre compradores e fornecedores. Na foto 4 é possível perceber o estado atual das estradas no vale do rio San Pedro e o tipo transporte que retira a produção de leite na região.

---

[33] Texto original: "Más de 1 millon de hectáreas de praderas, suelos poco aptos para agricultura comercial, pastos nativos, ganaderia de tipo acebuzado para cría, y bancos y fondos ganaderos locales".

Foto 4: Estrada do vale do rio San Pedro. Fonte: Gutierrez, J. 2010.

A produção leiteira no Caquetá representa no contexto Nacional uma porcentagem baixa. No gráfico 4 é mostrada a participação do Caquetá do ano de 1995 até de 2000 segundo o DANE (2009), junto a produção leiteira na Colômbia diferenciada por departamentos. Contudo, a informação não está disponível para todos os anos no caso do Caquetá e por isso, foi escolhido o período entre de 1995 e de 2000 em referência a parte da década de 1990. Esta situação da falta de informação da produção de leite no Caquetá e de fato em Florência limitou a avaliação do crescimento da atividade em relação ao aumento de cabeças de gado durante da década de 2000.

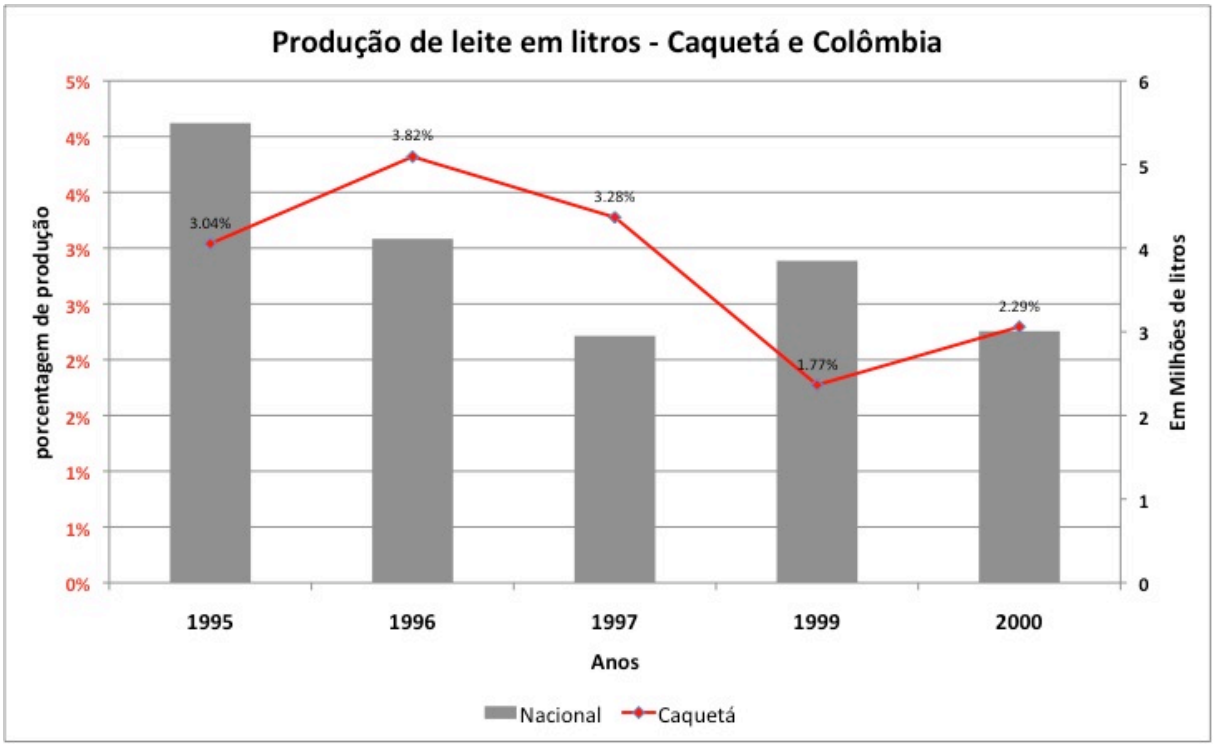


Gráfico 4: Produção de leite em litros – Caquetá e Colômbia. Fonte: (DANE, 2009)

A baixa produção de leite no Caquetá, também é refletida no vale do Rio San Pedro com uma produção média de 3800 (três mil e oitocentos) litros diários de leite por 154

produtores[34]. (cento e cinqüenta e quatro). Portanto, a produção de leite não faz parte de uma escala industrial, e sim de uma economia que se encaixa na subsistência com baixa quantidade de litros produzidos por propriedade, seja de 24.6 litros na média por dia. A produção não gera os recursos esperados pelos produtores, que têm em media um hectare de terra por cabeça de gado.

O fator pelo qual ainda se mantém a produção de leite e com domínio geral no uso solo na região pode ser explicado a partir do aumento dos preços pagos por litro de leite pela Nestlé nos últimos 15 anos. No gráfico 5, são mostrados os preços de leite no município de Florência. Esta informação está disponível nos recibos de pagamento mensal aos produtores desde o ano 1995, além de dispor a quantidade de litros comprados ao fornecedor.

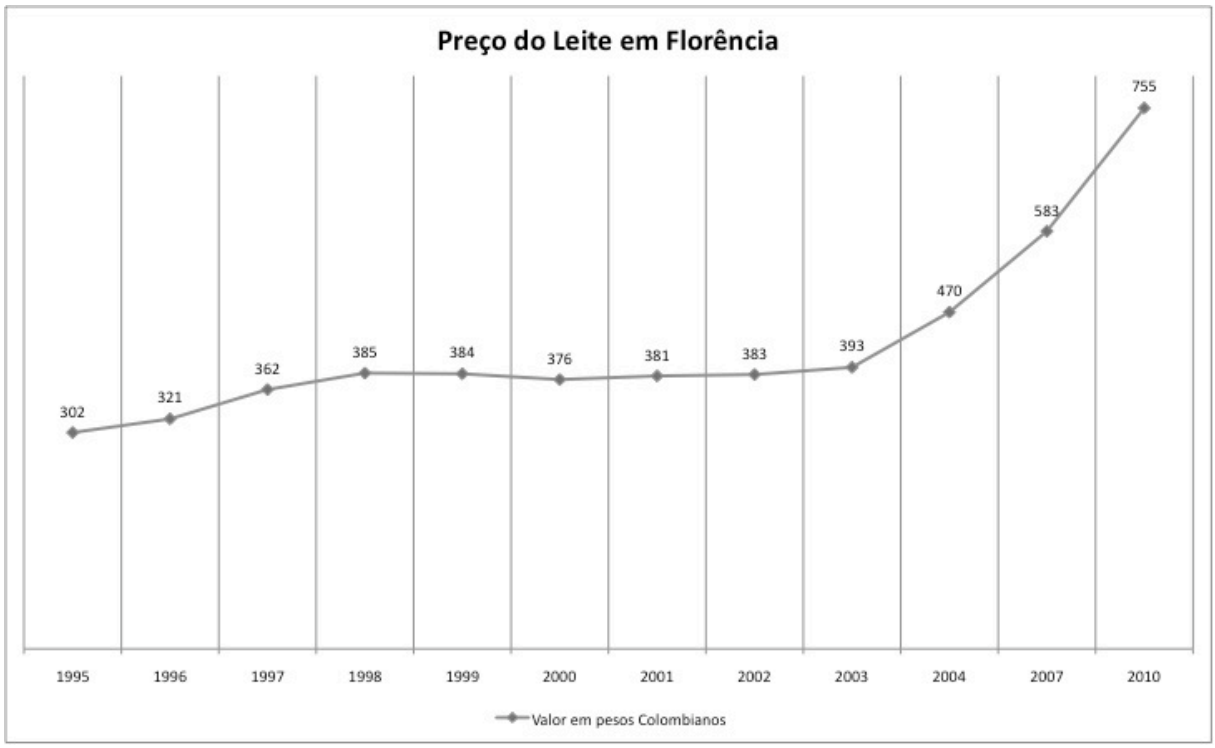


Gráfico 5: Preço do leite em Florência Fonte: (DANE, 2010)

Segundo este levantamento com base nos recibos de pagamento, o preço do leite tem um aumento constante desde o ano de 1995 até o ano de 2010, significando um aumento de 250% (duzentos e cinquenta) em 15 anos. No entanto, neste gráfico verifica-se que este aumento tem sido maior desde o ano de 2004, após um período de estabilidade de 1998 a 2003. Este comportamento é decorrente do fortalecimento da atividade leiteira nos últimos anos da década de 2000.

[34] Informação levantada em campo através do motorista que trabalha para a multinacional Néstle em Florência, sendo ele quem faz o registro diário dos litros producidos por propriedade de todo o vale do rio San Pedro. Data do levantamento 16 de junho de 2010.

3.5. Produção de folha de coca (atividade ilegal)

Durante o processo de colonização e após a avanço dos latifúndios, que contribuindo com a expansão da fronteira agrícola no *piemonte amazônico,* as crises sociais das famílias camponesas se aprofundaram pela alta demanda de terras dos novos ocupantes (FAJARDO, 2002a). Os planos propostos pelo governo através do INCORA no intuito de criar estabelecimentos de pecuária não conseguiram atingir toda a população. Ao contrário, fortaleceram o latifúndio pecuário, posicionando-o como o principal dominador do espaço rural no oeste da Amazônia colombiana.

Entre os conflitos mais relevantes da região encontram-se a pecuária bovina exercida pelo latifúndio, o conflito armado entre guerrilhas e o exercito nacional, a chegada de novos migrantes e a mínima presença do Estado, que são fatores pelos quais a estabilidade social de muitas famílias foi alterada quanto à permanência no local (FAJARDO, 2002; URIBE, 1992; JARAMILLO ET AL, 1985; GIRALDO, 2000; CUBIDES ET AL, 1999; RAMIREZ, 2001). Os problemas surgidos da falta de títulos de propriedades, além de novos moradores na região durante da década de 1970, criaram um ambiente de instabilidade social, política e ambiental.

Famílias sem terra iniciaram, a expansão da fronteira agrícola com a formação de novos sítios para a obtenção da posse da terra, resultado da ausência do Estado em criar programas de desenvolvimento via reforma agrária (FAJARDO, 2002). As trilhas formadas pelos colonos camponeses ao longo da várzea, bem como no piemonte, constituíram a formação de novos sítios e fazendas afastadas das principais cidades, estradas e rios (URIBE, 1995). Isto significou condições precárias para comercializar os produtos produzidos, mesmo da pecuária bovina, que é a atividade com melhor infra-estrutura institucional.

A falta de transporte, a ausência do Estado com suas instituições e a precariedade da infra-estrutura se associam com as condições topográficas do terreno, levando a condições de subsistência dos camponeses. Os terrenos íngremes do piemonte possuem solos de encosta com poucos nutrientes e alto escoamento de água (IGAC, 1995). Essas condições geográficas que levaram a população a criar alternativas de subsistência é um fenomeno em todas as áreas afastadas da região central e do caribe colombiano. Nas alternativas, Tovar destaca o valor do papel desempenhado pela população:

> A Colômbia, com uma alta porcentagem de população marginal, não se parece renunciar a vida e a conquista de ingresso mínimos, diante da ausência de

> oportunidades, se desenvolve, uma grande capacidade criativa de empresas informais (1999, p. 110, tradução nossa)[35]

A capacidade de empreendimento alternativos informal, criou condições para ampliar a fronteira agrícola no piemonte e mesmo na várzea amazônica, nas margens dos rios navegáveis. Outro grupo importante diante o problema agrário da posse da terra migrou para as cidades, estabelecendo novos subúrbios, principalmente nas capitais dos departamentos por meio de *invasões de terrenos*[36] ou formação de favelas. Esta situação gerou problemas sociais de ordem nacional, pelas características geográficas descritas que se manifestaram nas áreas rurais e nas cidades, abrangendo questões econômicas, políticas, culturais e ambientais (FAJARDO, 2002; TOVAR, 1999; KALMANOVITZ ET AL, 2006; URIBE 1995; JARAMILLO ET AL, 1986; DOMINGUEZ, 2005; ARTUNDUAGA, 1987). Dessa forma, as novas fronteiras agrícolas e a expansão das cidades de forma desordenada aumentaram a marginalidade e assim os problemas sociais continuaram sendo explorados pelos grupos armados de esquerda que os assumiram como lutas reivindicativas contra o Estado. Nesse mesmo sentido, o narcotráfico também tem se aproveitado das crises sociais nas áreas marginais, principalmente, na região amazônica. (FAJARDO, 2002).

O cultivo de folha de coca surgiu no período conhecido como "boom da coca", após uma série de tentativas da população em cultivar produtos que ofereceram retornos econômicos constantes. Contudo, as condições descritas anteriormente, deixaram o cenário preparado para a introdução da cultura da coca que se insere na região como nova dinâmica econômica em meados da década de 1970, processo de *boom* que é explicado por Tovar (1999) como "economia de ciclo curto", fazendo referência aos processos anteriores extrativistas, ocorridos na região amazônica, que também marcaram uma estrutura espacial e cultural no território com manifestações negativas, tanto na questão social quanto ambiental. Portanto, a população atraída pelo *boom* da coca, onde o Estado não conseguiu deter com políticas mais abrangentes de desenvolvimento da agricultura, colocou "a cocaína como o primeiro produto de massa para a exportação e é controlado por grupos marginais da sociedade latino-americana"(TOVAR, 1999, p. 57)[37]

---

[35] Texto original: "Colombia con un alto porcentajen de población marginal, que no parece renunciar a la vida y a la conquista de unos ingresos mínimos, ante la ausencia de oportunidades, desarrolla una gran capacidad creativa de empresas informales."

[36] São espaços não planejados urbanisticamente, mas que foram ocupados de forma desordenada conformando bairros informales com carências em serviços públicos domiciliares. Ver (MARTÍNEZ, 2005, p. 178)

[37] Texto original: "La cocaína es el primer producto masivo de exportación que es manejado por grupos marginados de la sociedad latinoamericana"

Esse novo e crescente mercado surgido nos países mais desenvolvidos, encontrou mais uma vez nos países andinos (Colômbia, Peru e Bolívia) as condições mais propícias para desenvolver a produção de cocaína que tornaram o antecedente do cultivo de maconha, na região Caribe Colombiano durante a década de 1960, evoluindo assim para a atividade do narcotráfico e fortalecendo a estrutura econômica e logística destas atividades ilícitas.

A produção de folha de coca, passou a ser uma atividade ilícita no contexto geopolítico que converteu o tráfico na produção, pois o consumo nos países mais desenvolvidos é tratado como assunto de saúde pública, criminalizando o ator mais vulnerável dentro da rede do narcotráfico, que é o produtor camponês da região andina sul-americana e a asiática (TOVAR, 1999, p. 154).

A criminalização da atividade no ano de 1996 deflagrou a desestabilização social dos camponeses produtores, que se enquadravam em um sistema de relações camponesas: trabalho familiar, parcerias, trabalho assalariado e outras formas como citados por Oliveira (2007). Diante da situação do quadro de ilegalidade e alvo da repressão militar, os camponeses também conhecidos na linguagem local como *cocaleros*, levaram à fase mais crítica do conflito desencadeado pela declaração de guerra às drogas pelos EUA (TOVAR, 1999; RAMIREZ, 2001).

Durante o período de 1979 a 1989, a atividade do narcotráfico estive no centro do debate político e social na Colômbia com o fortalecimento das associações entre traficantes. Constituindo-se nos *cartéis de droga*, o narcotráfico substituiu a ausência do poder do Estado por seus poderes regionais, associando-se a outros atores da sociedade: políticos, fazendeiros, empresários, comerciantes, policiais, militares, sacerdotes, artistas, e outros (TOVAR, 1999; FAJARDO, 2002; MOLANO, 2000). Os aumentos constantes nas rendas geradas pelo narcotráfico [produção e envio aos países consumidores], criaram uma economia ilegal paralela como inserção de diferentes setores da sociedade. Assim, o *boom* da coca passou de um contexto local à escala nacional.

O *boom* da coca, especificamente no Caquetá, representou espacialmente a formação de novos povoados ao logo das margens dos rios navegáveis, bem como nas lencostas da região do piemonte. A chegada constante de novos camponeses migrantes trabalhadores para essa atividade ilegal, expandiu a fronteira agrícola, pela forma clandestina em espaços pequenos dentro da floresta (DOMÍNGUEZ, 2005).

Diante desse fenômeno crescente na produção de cocaína e na demanda cada vez maior pela droga nos países desenvolvidos, no inicio da década de 1990, ocorreu uma inversão na questão geopolítica internacional relacionada com o fim da guerra fria, havendo mudança do foco para outra ameaça social em relação aos interesses dos EUA.

> A guerra fria havia chegado a seu fim, mas abria-se a guerra fervente dos alucinógenos. Desde então mudaram os cenários, os atores e as ideologias. Os métodos de difusão e a propaganda seguiram como sendo os mesmos: o rádio, a imprensa, os púlpitos, o cinema, a publicidade, a televisão e os mais sofisticados sistemas de comunicação. Todos eles "através de uma linguagem inapropriada cheia" em associação com "uma campanha orquestrada para a desinfromação e contra-informação", contribuindo para criar um imaginário coletivo (TOVAR, 1999, p. 93, tradução nossa)[38]

A luta contra as drogas colocaria aos países andinos, principalmente a Colômbia, como cenário de guerra contra os alucinógenos, pela presença das principais associações de chefes do narcotráfico que desencadearam o abastecimento de drogas em larga escala nas ruas das cidades da Europa e dos EUA (MOLANO, 2000). Dessa forma o governo se viu obrigado a exercer a força militar contra a produção e exportação de drogas da Colômbia para o mundo, combatendo o cultivo de folha de coca através de pulverização aérea com *glifosato*, fornecido pela DEA[39], sobre as plantações (RAMIREZ, 2001). A repressão aos camponeses produtores de coca, é consequência da ausência de reforma agrária, de mínima presença de instituições públicas, da predominância dos latifúndios sob domínio da pecuária bovina, uma população camponesa em situação marginal e na presença da guerrilha. Alguns fatores colocam o Caquetá como um dos departamentos com os maiores conflitos sociais do país (PASTORAL SOCIAL, 2004).

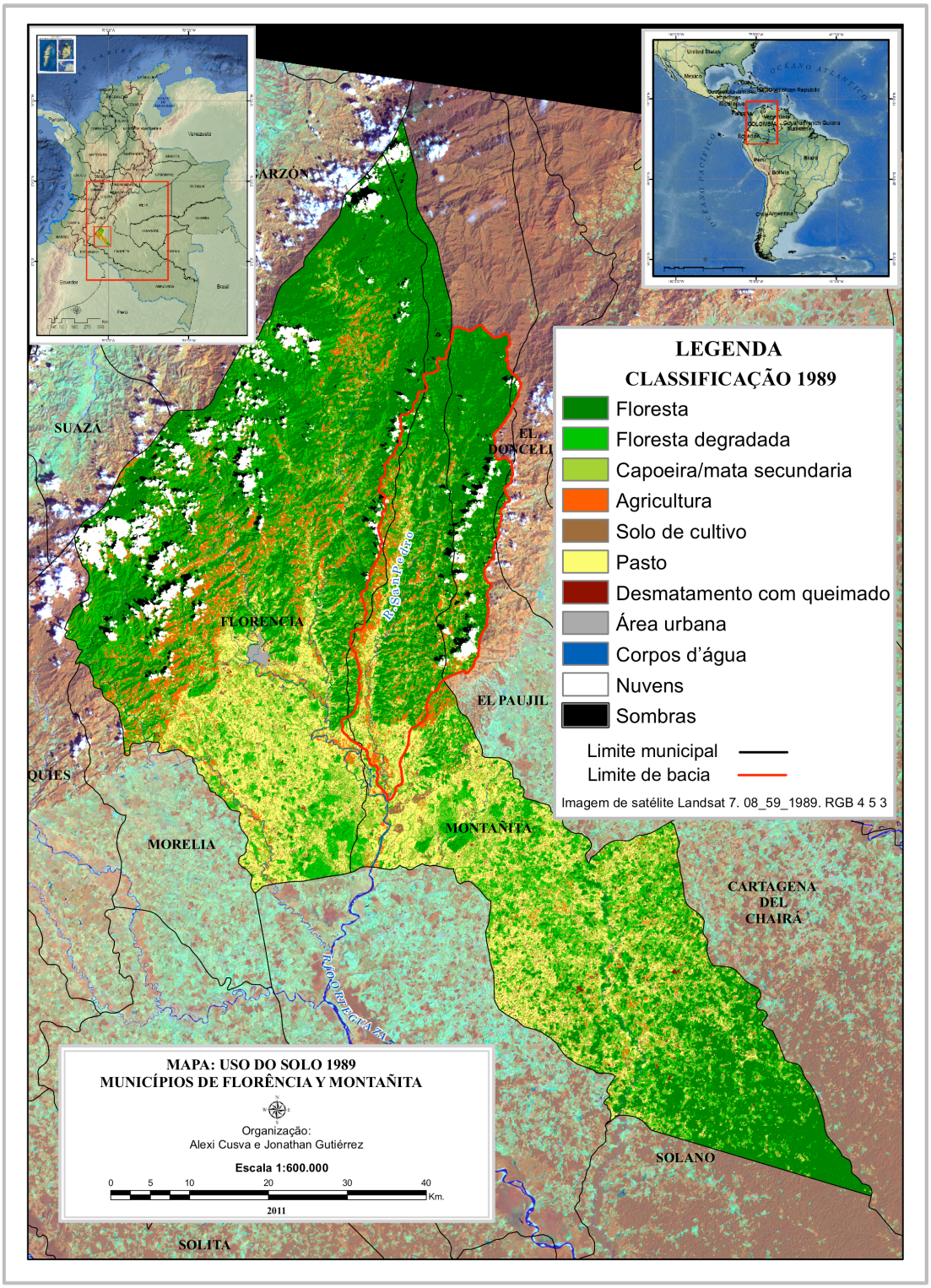
Dentro do contexto de guerra ao narcotráfico, surgiu o confronto entre o exército e as FARC, o que desviou atenção para o problema dos cultivos ilícitos como uma questão de segurança nacional contra os considerados insurgentes e, assim, buscou-se ainda combater os planos subversivos (MOLANO, 2000; FAJARDO, 2002). Nessa ocasião, foram colocados na agenda política do governo nacional o enquadramento dos camponeses inseridos na produção de coca e as FARC no mesmo tipo decrime, ambos como um grupo de atividade ilegal, o que gerou deslocamento da população ampliando a fronteira agrícola a as cidades.

---

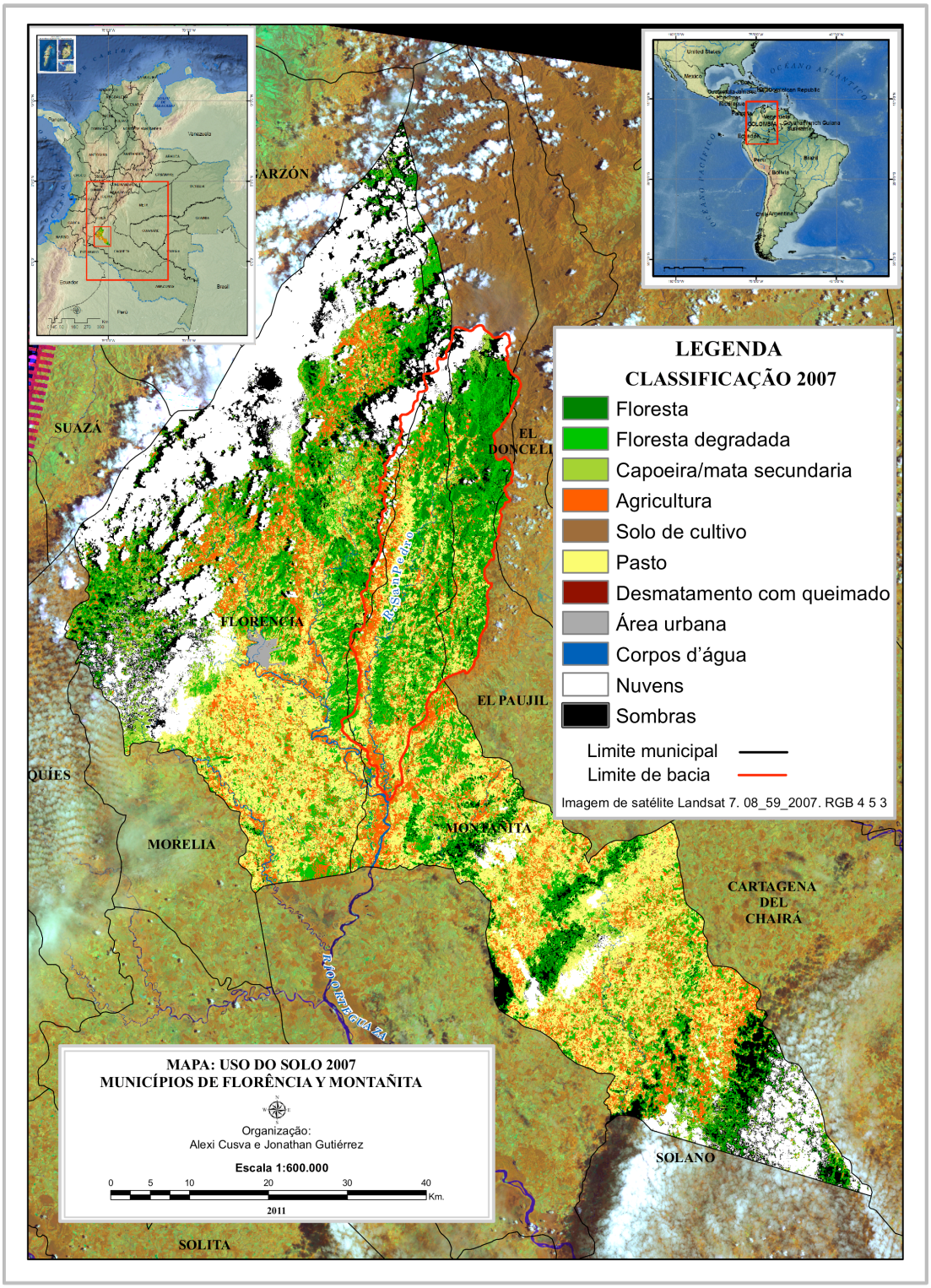
[38] Texto original: La guerra fría había llegado a su fin, pero se abría la guerra hirviente de los alucinógenos. Desde entonces, camabiaron los escenarios, los actores y las ideologias. Los métodos de difusión y propaganda siguieron siendo los mismos: la radio, la prensa, los púlpitos, el cine, la publicidad, la televisión y los más sofisticados sistemas de comunicación. Todos ellos "a través de un lenguaje inapropriado lleno de adjetivaciones" se aliaron "a una campaña orquestada de desinformación y contrainformación, contribuyendo a crear un imaginario colectivo.

[39] Agencia especializada dos EUA que combate o narcotráfico.

Os Mapas 6 e 7 apresentam imagens de satélites dos municípios de Florência e de La Montañita entre anos de 1989 e de 2002, nos quais a classificação dos usos do solo, expressa de forma clara o avanço da fronteira agrícola sobre o piemonte. Em cor laranja apresenta-se o uso agrícola. Porém, a informação gerada não deixa clara a diferença visual dos cultivos lícitos e ilícitos, devido à grande fragmentação das áreas cultivadas na montanha, bem como o avanço dos pastos em cor amarelo claro na várzea e no piemonte.



Mapa 6: Uso do solo 1989, município de Florência e Montañita.



Mapa 7: Usos do solo 2007. Municípios de Florência e Montañita.

A análise espacial do uso do solo como avanço dos cultivos e pastagens nas florestas, expressa no gráfico 6, as hectares que indica a diminuição da área de floresta. Embora tenha havido uma diminuição em áreas de floresta, não é tão significativo em comparação ao período de 13 anos. Isso pode explicar o aspecto clandestino da produção de coca e, a forma de distribuição com cultivos espalhados para confundir as ações policiais.

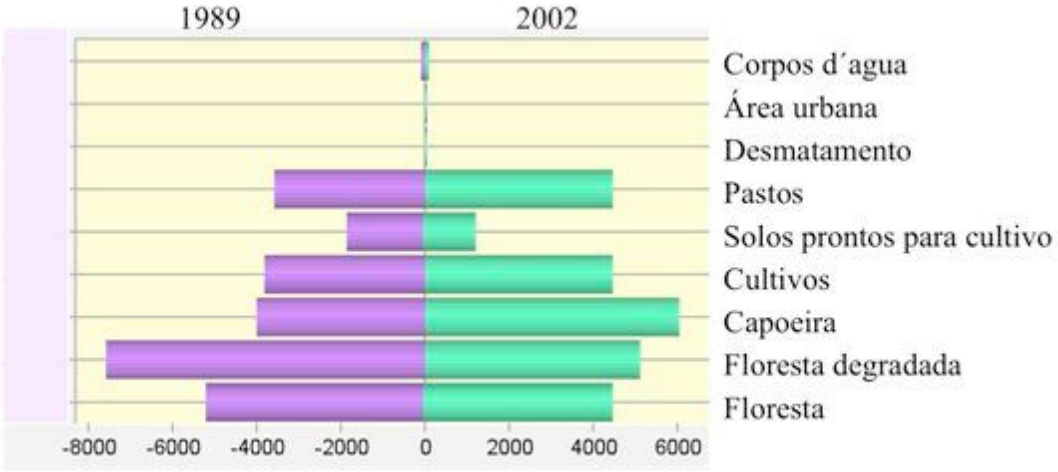


Gráfico 6: Comparação em hectares de cada uso entre os anos 1989 e 2002. Fonte: classificação das imagens de satélite

Com relação aos cultivos ilícitos no Caquetá, o levantamento de dados estatísticos, foi iniciado após uma parceria assinada entre o Governo colombiano e o escritório das Nações Unidas sobre a Droga e o Crime (UNODC), no final da década de 1990 para o monitoramento desses cultivos no país. Portanto, a informação disponível é referente aos anos de 2000 até 2010, período no qual o UNODC desenvolveu inúmeros relatórios quanto à quantidade de hectares e prédios, além da média dos preços da base de coca.

Segundo as análises históricas sobre o comportamento da economia da coca, pode-se definir aumentos exponenciais e quedas súbitas da produção de coca, consequência do crescimento na oferta, do controle policial[40] contra a produção, da queda nos preços, e recentemente, de substituição dos cultivos ilícitos por lícitos (UNDOC, 2006; RAMÍREZ, 2001). Durante a década de 2000, esse comportamento não foi muito diferente segundo os dados da UNDOC. Através do seguinte gráfico 7 é possível perceber de forma clara a instabilidade da produção quanto número de lotes e à área usada com esse propósito nos municípios de Florência e de La Montañita.

[40] Pode-se definir como controle policial as fumigações com glifosato e a perseguisão aos traficantes.

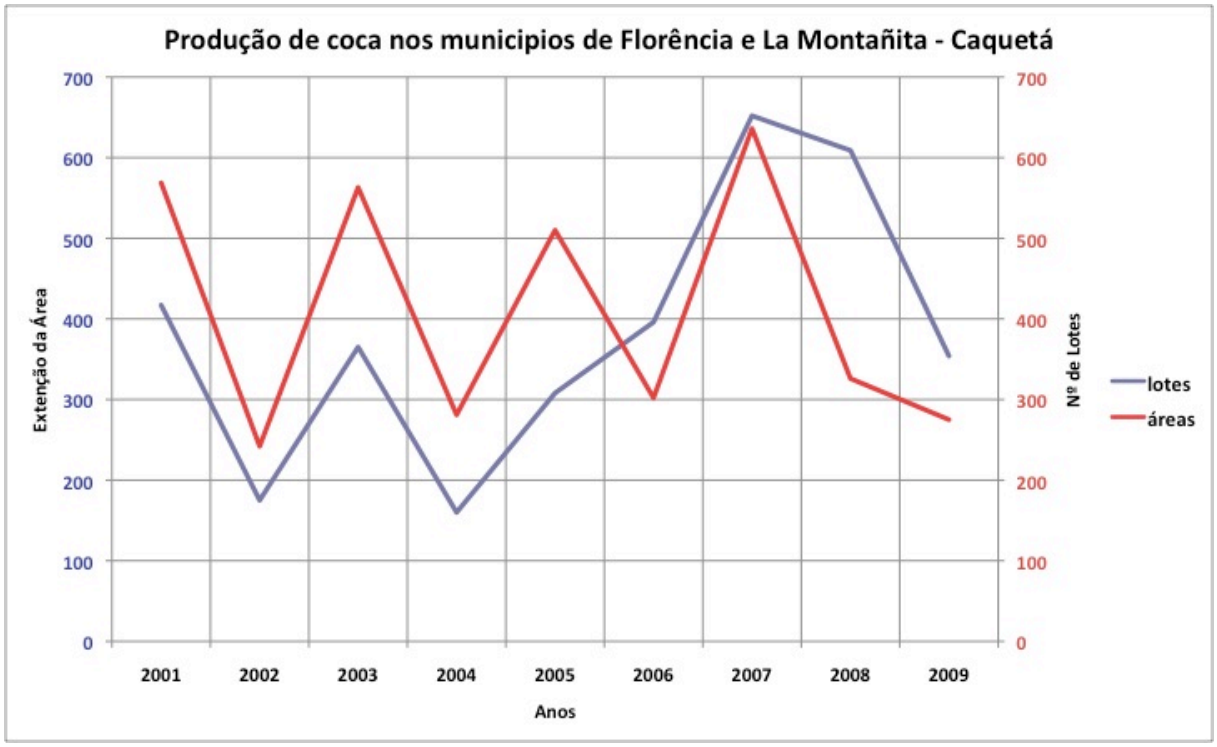


Gráfico 7: Produção de coca nos municípios de Florência e Montañita – Caquetá. Fonte: (UNDOC, 2010)

A quantidade de área representada em hectares tem uma correspondência direta com a quantidade de lotes nos dois municípios. Segundo os dados do gráfico, somente após do ano de 2005 com 300 (trezentos) lotes passou a 650 (seiscentos e cinqüenta) no ano de 2008, e quase 600 hectares em produção de cultivos de coca, e em seguida, tanto em área quanto em número de lotes, os valores diminuíram. Segundo a UNDOC (2010), as operações da Polícia Nacional da Colômbia contra o aumento de cultivos, resultaram na diminuição da produção nos últimos anos da década. Também é importante correlacionar a quantidade de lotes e o tamanho da área em produção, com as imagens de satélite dos anos de 1989 e de 2002, que apresentam a expansão da fronteira agrícola, mas de forma dispersa.

No gráfico 8 os dados de tamanho e a quantidade dos lotes em produção correspondem ao caráter clandestino da produção em detrimento da expansão da fronteira agrícola, pelo aumento na quantidade de lotes pequenos ao interior da mata que estão em constante deslocamento.

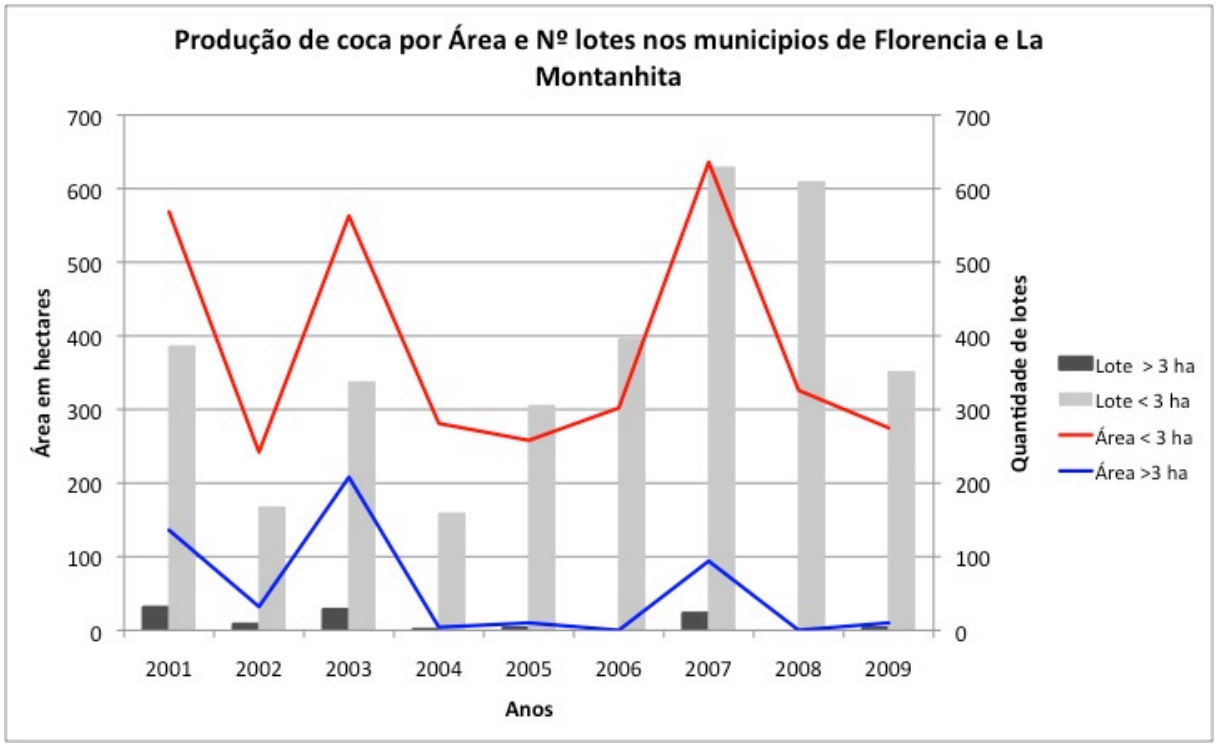


Gráfico 8: Produção de coca por área e Nº de lotes nos municípios de Florência e Montañita. Fonte: (UNDOC, 2010)

As informações fornecidas pela mesma instituição referem-se ao tamanho dos lotes monitorados nos municípios de Florência e de La Montañita e às áreas usadas por estes. Os maiores lotes que têm mais que três 3 hectares são raros e em alguns anos são inexistentes. Por outro lado, os menores que 3 hectares com suas respectivas áreas cultivadas são a maioria e representam uma dinâmica diferente da produção no vale do Rio San Pedro. Existem vários lotes de menor tamanho que apontam a quantidade de pessoas inseridas na atividade, tendo como levantamento de informações feitas pela UNDOC através do uso do sensoriamento remoto e *GPS* em campo. O uso dessas técnicas mostram a dispersão da produção dentro da floresta, como se observa nos mapas 2 e 3. Portanto, pode-se dizer que a quantidade de lotes é proporcional ao número dos trabalhadores, ponto este considerado importante para a compreensão da dinâmica social do vale do Rio San Pedro.

Na questão econômica, o argumento da atividade se sustenta com os preços pagos ao produtor. No anexo 3 mostra como os preços possuem tendência estável. Porém, no final da década de 2000 houve um incremento que explica a participação de vários camponeses do vale do Rio San Pedro nesta atividade.

(Anexo 3)

O relatório referente aos preços indica que a base de coca é o produto mais comercializado pelos camponeses e teve um aumento no inicio da década de 2000, com

pequenas variações. A redução das áreas e lotes pode ser resultado do desmantelamento dos cultivos de coca, que é refletido no aumento do preço no mercado. Por outro lado, o problema agrário impulsionou os camponeses a entrarem e se aperfeiçoarem na produção de coca gerando posteriormente uma divisão social do trabalho nesse ramo aumentado a complexidade da estrutura do narcotráfico (FAJARDO, 2002b; TOVAR, 1999).

3.6. A produção de Café no *piemonte amazônico*

A produção de café na Colômbia é considerada uma das principais divisas econômicas, além de pertencer a uma cultura típica do meio rural do país. Sua forte presença é vista pela importância que das associações que compõe a Federação Nacional de Produtores de Café (Federación Nacional de Cafeteros de Colombia) na tomada de decisões nas assembléias, que vão muito além das agremiações e incidem em determinações políticas e econômicas das regiões e do país (KALMANOVITZ ET AL, 2006). As condições geográficas presentes na região andina, na faixa do trópico equatorial, são consideradas como as mais adequadas para a produção do café arábica, considerada como a variedade que produz os grãos de melhor sabor e, portanto, de maior demanda internacional (GUHL, 2004). Esse tipo de grão, preferido pelos produtores colombianos, foi melhorado e tendo havido o desenvolvimento de outras variantes representativas, como a *Típica*, o *Borbon,* e mais recentemente a *Caturra,* todos mais resistentes a pragas e doenças que afetam o café

A produção de café representa parte dos principais produtos de exportação da Colômbia (Gráfico 9). No decorrer da história econômica do país, durante o século XX, converteu-se no protagonista do desenvolvimento da região andina, com profundas mudanças na paisagem que retratam o território construído, tornando-se a atividade rural mais importante na mobilização social do país (GUHL, 2004). A economia do café teve o seu maior crescimento na década de 1970, influenciado por fatores tais como: as geadas acontecidas no Brasil que reduziram a produção mundial de café e a difusão de novas sementes e técnicas do cultivo na lavoura cafeeira colombiana, que intensificaram a produção e a participação no mercado internacional (KALMANOVITZ ET AL, 2006).

O crescimento da cafeicultura representou o menor uso de área cultivada, porém com melhores rendimentos, bem como o aumento dos preços após a crise brasileira, que significou na década de 1980 o aumento do número de produtores. O gráfico 10 apresenta a variação da produção do ano de 1975 até de 2010. A informação foi obtida através do acervo da

Federação Nacional de Cafeicultores quanto a produção mensal de sacas de café no país é que expressa o oscilação da produção. É clara a ampliação da produção desde 1975 com a introdução de novas técnicas e a competitividade do café colombiano no mercado mundial.

O crescimento da produção e o aumento dos produtores expandiu-se em várias regiões do país, fortalecendo a cultura rural da região andina quanto às formas de se desenvolver a agricultura. O ambiente andino apresenta solos propícios, com conteúdos de matéria orgânica e cinzas vulcânicas, que os torna os mais aptos a desenvolverem o café arábico de preferência dos produtores colombianos. Portanto, a expansão da área cultivada atingiu os ecossistemas de cordilheira em uma faixa entre os 1000 e 2000 metros de altitude acima do nível do mar, conhecida como área de transição entre o piemonte e as altas montanhas com temperaturas medias de 17º C (GUHL, 2004).

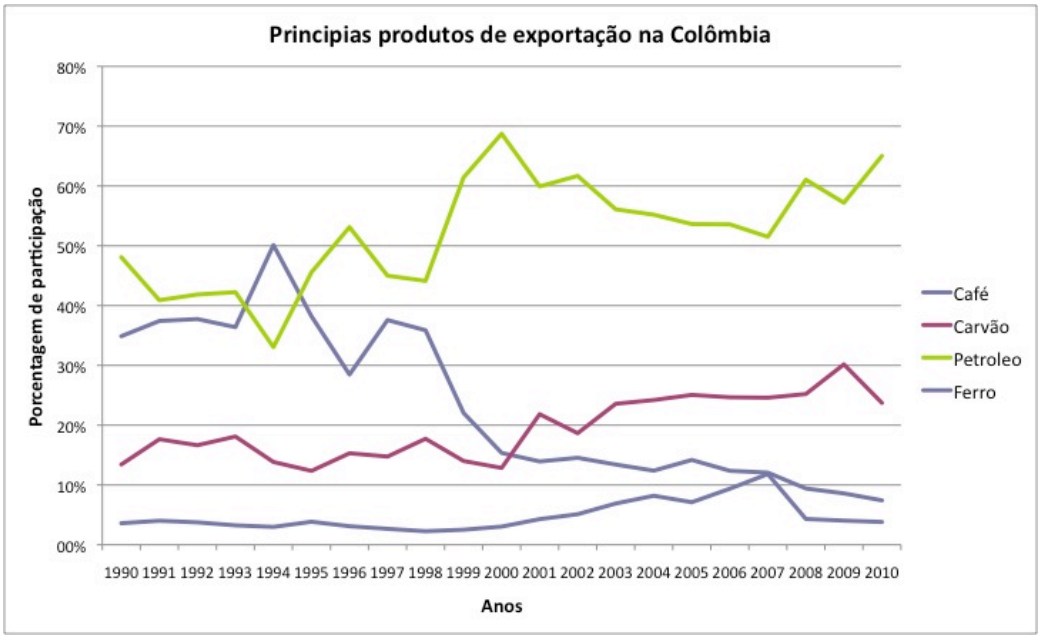


Gráfico 9: Principais produtos de Exportação Fonte: (BANREP, 2010)

Gráfico 10: Produção de Café na Colômbia. Fonte: (FEDECAFE, 2010)

Esse tipo de ambiente está presente na região do *piemonte amazônico*, porém com condições ambientais mais úmidas por estar sob a faixa da confluência intertropical de alta umidade, como é caracterizada a região amazônica. Por outro lado, a cultura do café chegou a essa região através da colonização, quando os colonos camponeses vieram principalmente da região andina, como já foi explicado. Com eles, chegaram também os costumes e as formas de cultivo agrícola, fomentando novas atividades no solo como o café. No entanto, o desenvolvimento da atividade somente se iniciou na década de 1980 com as mesmas limitações dos outros produtos lícitos da agricultura no Caquetá, além da falta de infra-estrutura para comercializar o produto.

No contexto geral, a produção da coca se posicionou como uma atividade ilícita geradora de divisas econômicas superiores àquelas licitas, mas a queda dos preços da cocaína na metade da década de 1980 abriu passos para a introdução do café no piemonte. Entretanto problemas típicos do cultivo de café, doenças, pragas e instabilidade do mercado, não permitiram a sua melhor posição dentro do vale do rio San Pedro.

No quadrado 8, com dados da Federação Nacional de Cafeicultores, observa-se a representatividade do departamento do Caquetá na produção total de café no país, evidenciando atualmente a importância da atividade na região. A informação corresponde ao ano de 2010 referentes à área cultivada, número de produtores, entrada de divisas por exportações e a produção em sacas.

Quadro 9: Produção de Café na Colômbia e no Caquetá, dados de 2010.

Produção de Café na Colômbia e no Caquetá, dados de 2010.		
Itens	**Colômbia**	**Caquetá**
Números de produtores	553.495	1.854
Área cultivada multiplicadas por Mil hectares	914,41	2,8
Entrada de divisas por exportações em milhões de dólares	25.351,2	0,96
Produção multiplicada por Mil sacas de 60 Kg	8.923	46,6

Fonte: (FEDECAFE, 2010)

A produção de café no Caquetá está limitada àqueles municípios que possuem parte do território dentro da cordilheira pelas características explicadas anteriormente quanto às condições ambientais que o cultivo requer. Possuem também paisagens típicas da região andina de encostas e pequenos vales. A produção, que na escala nacional é pouco representativa, também é consequência da falta de atrativo para alguns camponeses com propriedade para desenvolver lavouras de café frente a possibilidade de práticarem uma cultura ilícita (cultivos de coca). No gráfico 11, é possível observar que o município de Florência representa 23% da área cultivada com café no departamento, ficando atrás apenas do município de Puerto Rico.

Embora a produção de café no Caquetá seja baixa, as características da atividade ainda são importantes dentro de uma região que enfrenta limitações na infra-estrutura para a comercialização do produto. E estimulo para se produzir é o mercado internacional, beneficiando 1980 (mil e novecentos e oitenta) famílias com 2.800.000 (dois milhões e oitocentos mil) quilos por ano, com qualidade de exportação, a partir de técnicas agro-ecológicas que confere características exclusivas ao produto. Essa alternativa econômica para os camponeses pode ser explicada a partir da variabilidade dos preços do café no mercado internacional vista no gráfico 12. A dinâmica dos preços expressa um forte acréscimo desde o ano de 2000, após um período de queda constante na década de 1990.

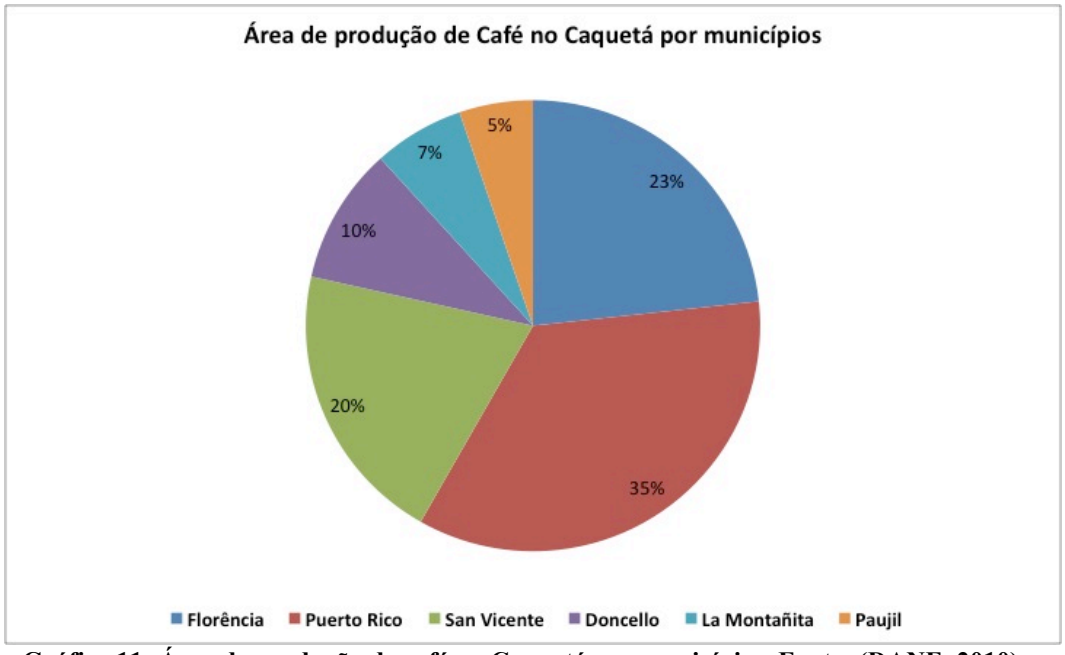


Gráfico 11: Área de produção de café no Caquetá por municípios. Fonte: (DANE, 2010)

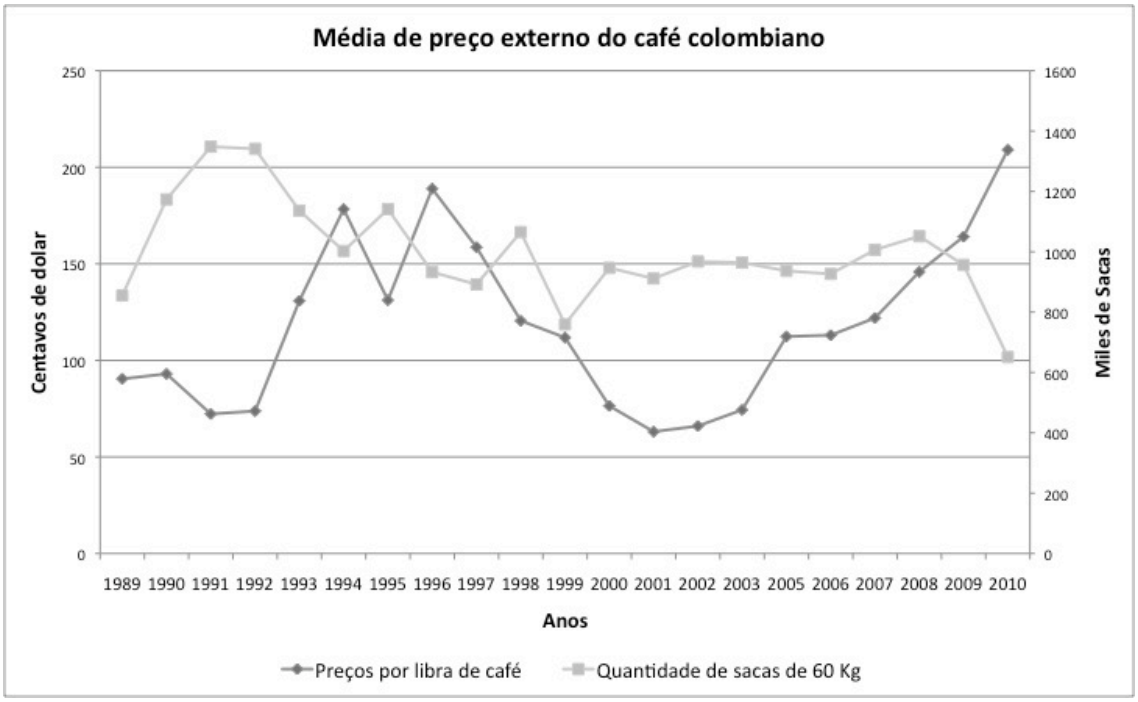


Gráfico 12: Média de preço externo do café colombiano. Fonte (FEDECAFE, 2010)

O comportamento dos dados no gráfico 12, expressam um aumento pronunciado dos preços a partir de 2005, uma tendência relacionada à importância do café orgânico produzido no departamento, que vem se tornado uma alternativa contra os cultivos de coca. Essa proposta econômica para os camponeses no final da década de 2000 expressa uma situação diferente da década de 1990. Na de cada de 1990 houve enorme queda do café com a redução de 100.000 hectares cultivadas com café passa 2800 (dois mil e oitocentos) hectares. Parte

desta redução de área é consequência de doenças e pragas que atingiram a lavouras de café, mas o fator mais determinante foi atração para a produção de coca.

Para o caso do vale do Rio San Pedro, o povoado de Norcasia possui a área de maior produção de café do município de Florência, com 1200 (mil e duzentos) produtores e aproximadamente 600 hectares de cultivo. O gráfico 13 mostra a variação dos produtores de café em Florência. Esta atividade gera 92 (noventa e dois) toneladas por ano, com ingresso de divisas para o ano de 2009 de 315.000 dólares[41](trezentos e quinze e mil).

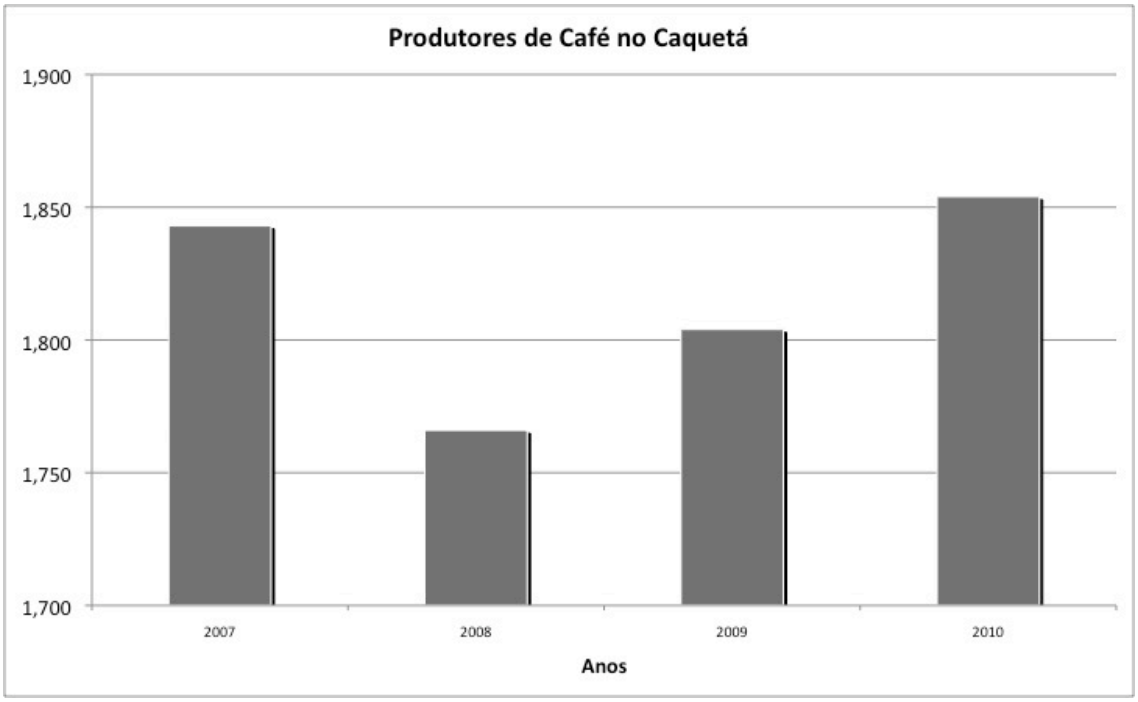


Gráfico 13: Produtores de café no Caquetá. Fonte: (FEDEACAFE, 2010)

3.7. Atividades de subsistência

As relações dos colonos camponeses com o campo, é resultado do processo de ocupação e exploração do entorno rural, por parte de famílias secularmente vinculadas ao uso do território como moradia e de produção de alimentos. A subsistência está relacionada com a forma como os camponeses se auto desenvolvem no contexto econômico, pois houve um processo de separação que também ocorre no Brasil, quanto na Colombia, por compartir ambientes semelhantes na região amazônica, como " ocorre na produção camponesa em função da penetração das relações tipicamente capitalistas no campo" (OLIVEIRA, 2007, p.

[41] Informação levantada em campo na agência dos produtores de café, situado no povoado de Norcasia. Dados fornecidos por a funcionaria que registra a venda de café dos produtores da região. Data: 15 de junho de 2010.

10). A relação com o espaço é fundamental na definição, pela estrutura rural e a extensão da produção por ser um tipo de agricultura.

> A agricultura de subsistência: considerada por alguns autores, como o sistema agrário tradicional, que designa mais de duas de três partes do solo e do trabalho em uma produção destinada para o auto-consumo. No meio da grande diversidade deste tipo de agricultura, observam-se como características comuns, aquelas que tem relação com o atraso técnico no que se desenvolvem em uma grade parte da população camponesa (CORTÉS, 2004, p. 107, tradução nossa)[42].

Integrantes das famílias fazem parte do mercado do trabalho rural em função de parcerias como elemento estrutural de produção camponesa[43]. A forma de apropriação do espaço é caracterizada pela pequena propriedade, que indica pouca participação no setor produtivo agropecuário, ou seja, vende os produtos produzidos no entorno mais próximo, nas comunidades, povoados e mercados locais da região. Como principais problemas de esta atividade e citando o trabalho de Machado (2003, p. 38) os principais aspetos da precariedade do campesinato na Colômbia se apresentam por:

- Falta de conhecimento sobre a participação da atividade na economia.
- A estrutura do Estado para o setor rural não foi desenvolvida para atender atividades subsistência e pequenos produtores camponeses
- As políticas, os empréstimos, a infra-estrutura, a comercialização, as pesquisas, a tecnologia, a reforma agrária e todo o relacionado com o desenvolvimento moderno não atinge esta população.
- O centralismo político e administrativo do Estado colombiano, limita a participação de autoridades publicas municipais em políticas mais abrangentes para atender a atividade.
- A desatualização das políticas sociais executas pelo Estado é evidente nas áreas rurais.
- Discriminação social e participativa do campesinato na comercialização dos produtos.
- Precária vinculação da classe política à realidade do campesinato.
- Políticas macroeconômicas de não inclusão da economia campesina.

Estes problemas são claramente refletidos no piemonte, sendo os camponeses produto de uma colonização, por deslocamento forçado, e fixando na área de forma marginal, embora, o conhecimento tradicional de trabalhar no campo deu à população as ferramentas para produzir de forma de subsistência.

Os produtos que mais se produzem no vale do rio San Pedro e que são vendidos de maneira informal no comércio de Florência, não estão registrados em nenhuma instituição

---

[42] Texto Original: La Agricultura de subsistencia: considerada por unos autores como el sistema agrario tradicional, que consagra más de dos terceras partes del suelo y del trabajo a una producción destinada para el auto consumo. Em medio de la gran diversidad deste tipo de agricultura se observam como rasgos comunes aquellos que tienen que ver con el atraso técnico en que se sume una gran masa de poblacion campesina

[43] Sobre estes elementos estruturais, ver no capítulo 2.

pública nem particular, situação relacionada com aspetos já mencionados, e que excluem as atividades de subsistência do setor econômico rural. Entre os produtos produzidos estão[44]:

- Banana da terra
- Rapadura de cana
- Laranja
- Peixe
- Frango
- Ovos
- Madeira
- Cupuaçu
- Arroz
- Milho

Estes produtos fazem parte da renda agrícola das famílias camponesas, que combinam com os salários, recebidos como trabalhadores das fazendas com pecuária. Portanto, os dados sobre a produção e a área produzida, não foram registrados nesta pesquisa tendo-se registro dos produtos como um dado nominal.

[44] Informação fornecida pelo funcionario da prefeitura que trabalha e recide na área de estudo, desempenhando funções adminstrativas de gestão de obras na região. Entrevista realizada o 15 de junho de 2010.

4. TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS NO VALE DO RIO SAN PEDRO

4.1. Análises das variáveis

A transformação do uso do solo no vale do rio San Pedro, é abordada com base nas práticas desenvolvidas, que podem ser comprovadas a partir de fontes primarias. Assim, os atores sociais da área de estudo que atualmente constituem o território são os encarregados de realizar as práticas agropecuárias na área, embora a dinâmica social seja associada à estrutura econômica dominante executada pelos agentes sociais. Portanto, os imaginários dos atores dependem da maneira como estes se relacionam com o espaço e contextualizam as dinâmicas de seu entorno, refletindo as concepções coletivas ou individuais do território.

A análise das respostas dos entrevistados, é resumidas de forma concreta, com foco nas questões principais da análise espacial da área de estudo. Dos entrevistados, alguns são nascidos na região e outros fora da região, que migrariam ao piemonte. Seis deles chegaram como colonos, nas década de 1960 e de 1970, outros seis na década de 1980 e mais quatro durante a década de 1990, sendo o restante os que nasceram na região, assim o total de dezoito entrevistados. Apresenta-se o perfil dos entrevistados e das atividades que desenvolvem, distribuídos espacialmente nos povoados de Maracaíbo, Norcasia e Pará, e seus entornos rurais correspondentes.

(Anexo 2)

Por outro lado, os ícones, as práticas e as formas de interatuar entre os atores, constituem o marco de referência para explicar o espaço, por isso, quando se juntam os atores e os agentes, é possível definir a estrutura territorial de um espaço. A abordagem teórica nos apresentam o percurso metodológico de como interpretar o território em suas múltiplas dimensiones, chegando próximo ao entendimento dos fenômenos em questão, neste caso, a territorialidade exercida durante um período de tempo definido em um espaço especifico do Piemonte.

O vale do Rio San Pedro como um espaço de ocupação recente, é resultado de fortes impactos sociais que se manifestam em elementos próprios de um período, de atividades econômicas, que imprimiram objetos, formas e práticas, configurando estruturas territoriais, que somente mudam quando seus componentes se reorganizam sob um interesse político ou econômico. As práticas exercidas no espaço são resultado de fenômenos que abrangem, além

de mais de suas fronteiras. O vale do rio San Pedro é parte dos espaços que conformam o piemonte, portanto, a mudança na dinâmica econômica de região expressa-se em múltiplos usos de solo.

Pelos usos do solo, é possível entender a dinâmica econômica, seja no tempo passado como no presente, é a forma de organização da sociedade dessa dinâmica indica a estrutura territorial. No caso do vale do rio San Pedro, nos anos de 1990 e de 2010, ressaltam-se as transformações acontecidas, que também influíram em uma escala maior todo o *piemonte amazônico*.

As dinâmicas econômicas desenvolvidas durante este período de tempo são representadas basicamente pela pecuária bovina de duplo propósito, pecuária leiteira, café, cultivos de coca e economia de subsistência, que expressam processos de estabilidade nas formas de produção, quanto a uso do espaço. Café mantém o mesmo sistema de produção em pequena propriedade, ancorado no mesmo local onde foi implementado pela primeira vez, após os períodos de colonização. No caso da pecuária bovina, o processo de produção se mantém desde o modelo imposto pelo INCORA na década de 1970, caracterizado no uso de extensas áreas de pastagens e com sistema de criação de gado em duplo propósito[45]. Embora, a produção de coca manifesta mudanças importantes na forma de produção, principalmente por ser uma economia de período curto como ressalta Tovar (1999), e tendo forte impacto social e espacial, a coca deve ser analisada em relação a outras práticas pelos seus impactos indiretos havendo "lavagem" de dinheiro associado ao negocio secundário da pecuária. As atividades de subsistência são as mais dinâmicas por inserir grande parte da população camponesa, que atua em condições de informalidade econômica.

4.2. A exploração dos solos no vale do rio San Pedro

As atividades desenvolvidas no período de 1990 – 2010 na área de estudo, foram o resultado dos processos de exploração dos usos do solo, marcados como períodos técnicos[46], construindo objetos fixos na estrutura rural. Atualmente estes objetos se expressam em estradas, povoados, locais comerciais, fazendas, unidades industriais, armazéns de alimentos, entre outros, sendo utilizados em uma nova dinâmica econômica dominante nas atividades rurais.

---

[45] Informação apresentada no capítulo três deste documento.
[46] Conceito definido por Santos e Silveira, ver mais no capitulo 1 deste documento.

Portanto, identificar os usos do solo no período de análise, leva-nos a complementar a informação sobre os avanços e retrocessos das atividades, o que será corroborado com os relatos dos entrevistados. A análise da dinâmica econômica e espacial de cada atividade, é a base estrutural dos fenômenos que ocorreram no piemonte. Pela imagem de satélite do ano 1989 (mapa 8), pode-se observar os principais usos do solo no vale do rio San Pedro.

A imagem de satélite[47] apresentada é um recorte espacial do vale do rio San Pedro, parte do município de La Montañita, sendo a encosta leste área de estudo, mas cujos fatores históricos de ocupação e de domínio do território foram sempre relacionados ao município de Florência. A área principal da imagem abrange 447.165 (quatrocentos e quarenta e sete mil sento e sessenta e cinco) hectares, marcando a área da bacia do rio San Pedro, identificando-se os diferentes usos do solo, produto em uma classificação feita no programa de processamento IDRISI.

Essa classificação gerou 11 (onze) categorias, mas pela pequena escala cartográfica do mapa, somente se consegue interpretar 8 (oito) classes, as mais representativas e que oferecem a possibilidade de analisar o avanço ou retrocesso de áreas cultivadas. O quadro 9 registro-se a extensão em hectares das 8 (oito) categorias, da classificação do processamento, ressaltando o uso agropecuário, (agricultura, solo de cultivo e pastos), com o total de hectares de 13.472, sendo a maior área em agricultura, no mapa de cor laranja, seguido do uso em pastos representado em cor amarelo; e em menor presença o uso em solo de cultivo, que significa solos prontos para lavoura.

A maior área em agricultura e não em pastos mostra uma dinâmica interessante no final da década de 1980, época que predominavam os cultivos de coca no Caquetá (TOVAR, 1999; FAJARDO, 2002). Entretanto não se pode afirmar esta relação por não se dispor de informação da cobertura dos cultivos de coca para este período, além, da refletância espectral capturada pelo satélite sobre os cultivos de coca, ser similar a outros tipos de cultivos, como o milho, a cana, a mandioca, ou mesmo, a banana da terra.

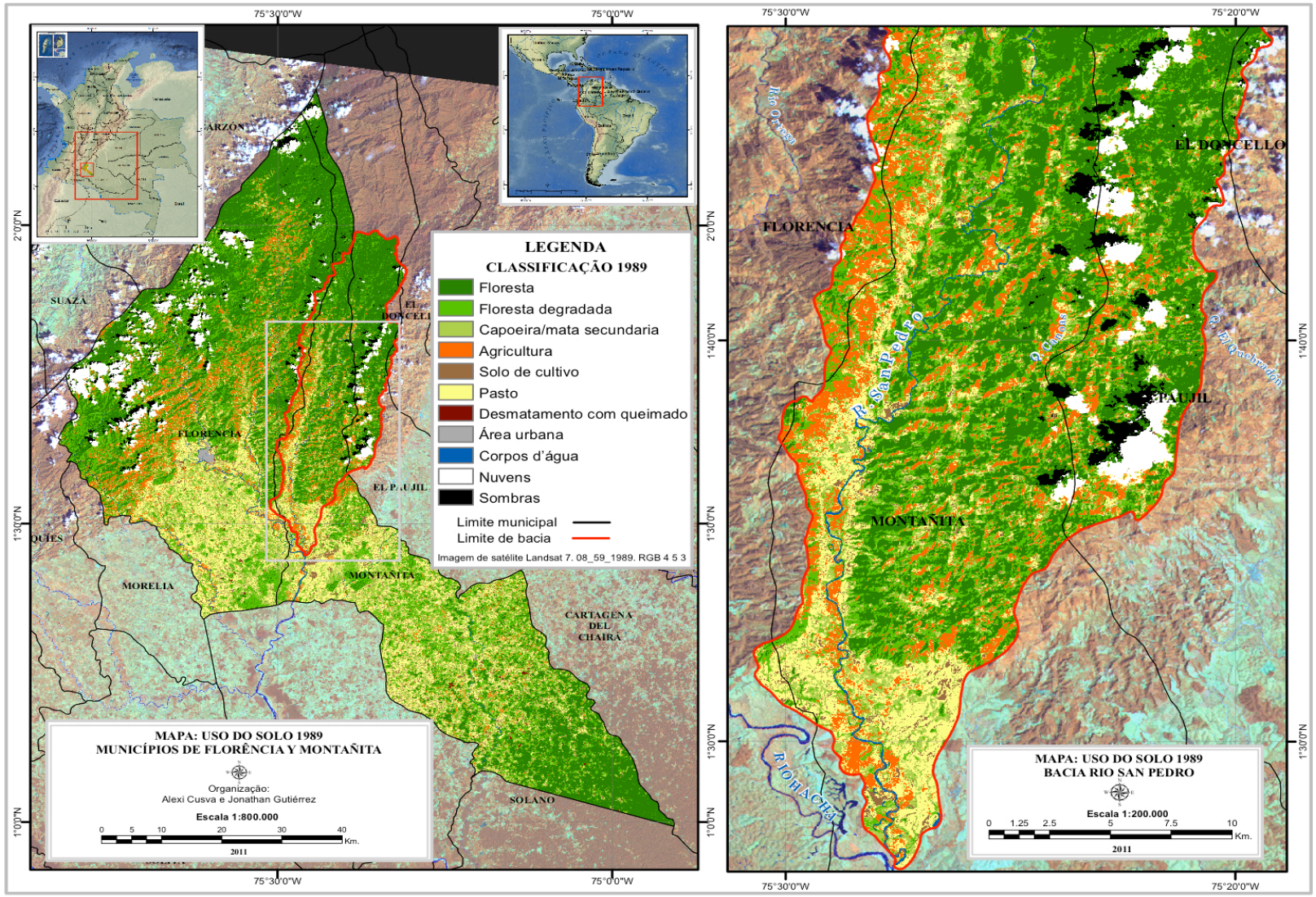
---

[47] Imagem TM, Phat - Row 08-59, sistema UTM Zona 18 N WGS 84. Obtenidas en Global Land Coverage Facility, Maryland University, USA. Através do site na data de 15 de janeiro de 2010. http://glcfapp.glcf.umd.edu:8080/esdi/index.jsp

Quadro 10: Uso do solo. Ano 1989

Definições	Cobertura	Área em hectares
Floresta conservada	Floresta	31.271,63
Bosque com impactos	Floresta degradada	14.945,08
Mato	Capoeira/mata secundaria	6.181,55
Todo tipo de cultivo	Agricultura	7.019,46
Solos prontos para lavoura	Solo de cultivo	1.031,31
Pastagens	Pasto	5.420,31
Rios, lagoas	Corpos d´agua	349,59
	Total	70.285,45

Outro aspeto importante que expressa o mapa é a dispersão espacial das três categorias, sendo a encosta leste do vale, uma área com presença de cultivos dispersos. e com caminhos que ligam com o rio San Pedro, indicando um padrão de propriedades localizadas nas margens das pequenas bacias subsidiarias, aliás, a presença de espaços em meio da encosta com floresta, aponta, a presença de cultivos de coca espalhados de forma clandestina pela montanha. Sendo que a característica padrão da localização de cultivos ilícitos o afastamento das áreas mais desenvolvidas e visíveis, as encostas convertem-se em refúgios dos cultivos de coca, em combinação com atividades de subsistência, que sustenta a alimentação da população residente localmente. Na foto 5 se percebe a forma da paisagem para o ano de 2000, no leste da bacia do rio San Pedro.



Mapa 8: Classificação de imagem. Uso do solo ano 1989.

Foto 5: Paisagem da encosta, leste da bacia do rio San Pedro. Fonte: (Gutierrez, J. 2000)

Como se observa na foto 5, a topografia é composta de pequenos canhões com encostas íngremes, que se pode relacionar com os caminhos traçados na imagem do ano de 1989 (mapa 8), com presença de agricultura nas margens de rios subsidiários do rio San Pedro. A foto 6 é um exemplo de como se desenvolve a agricultura nas encostas em meio da floresta sobre a encosta leste do vale.

Foto 6: Solo pronto para lavoura após desmantelamento de um cultivo de coca. Fonte: (Gutierrez, J. 2005)

Sobre o uso do solo mais práticado no vale do rio San Pedro, o relato de um dos entrevistados que mora na região há 44 anos e tem conhecimento amplo da região por prestar serviço de enfermagem no posto de saúde de Maracaibo, dá evidência do tipo de atividade que se desenvolve no leste do vale. Respondendo à questão sobre as mudanças locais onde o entrevistado faz referência à economia mais dinâmica:

> - toda essa região tinha cultivos de coca há vinte anos, tinha muita gente morando lá. Todo fim de semana esse pessoal descia para Florência para comprar comida e gastar o dinheiro que ganhavam pelo trabalhado no cultivo. Existia muita movimentação de dinheiro. Poucos produziam comida, pois eram os que não gostavam da coca, mas depois os filhos deles ficavam vinculados. Hoje não existe mais essa movimentação, muitos foram para outros locais ou morreram, alguns compraram gado e deixaram a coca.-[48]

[48] Relato de entrevistado Nº 12, sobre as principais mudanças que ela percebeu no inicio da decada de 1990.

Esta informação, sobre o uso do solo no leste do vale foi complementada com um relato de um outro morador, que mora há 37 anos na região e que sempre percorre a área trabalhando na roça de cultivos de coca:

> -Todos os sítios dessa zona eram *cocales*, não tinham nem uma vaca para o leite de todos os dias, como esse povo tinha dinheiro comprava tudo. Faziam muitas festas, todo fim de semana gastavam muito dinheiro. Eu trabalhei nisso naquela época, mas esse dinheiro foi logo embora e eu tive muito, mas os problemas que nunca faltam. A região mudou porque foram cultivar coca em outros locais, aqui o exército e a policia bateu muito, hoje são poucos nessa área que ainda trabalham com isso.-[49]

O avanço dos cultivos de coca, se manifestam no uso do solo, que mostra a quantidade de áreas atingidas com essa atividade. No mapa 8 a categoria laranja se classifica como de agricultura, mas pelos relatos de antigos moradores revertem esta situação, ou melhor, esclarecem o tema sobre o uso do solo, no fim da década de 1980. Situação que se pode argumentar com a revisão bibliográfica, sobre o aumento da produção na segunda metade da de década de 1980[50]. Os dados sobre a produção das atividades agropecuárias na região, não tinham um bom desenvolvimento na época, e os problemas de consolidação do latifúndio pecuário foram aumentado, e deslocando mais pessoas, desta maneira, pressionando a fronteira agrícola.

A presença dos cultivos de coca na encosta leste do vale, também indicam o tamanho da produção, sendo maior o número de pessoas vinculadas nessa atividade da que em outras. Isso pode ser abstraído do comercio dos estabelecimentos com produtos para venda ou de lazer, como os bares que são indicadores do *boom* econômico em uma área predominantemente de atividade rural. A presença de festas, os jogos de sorte, a prostituição, e o comercio em geral é beneficiado pela alta movimentação de renda na população (MOLANO, 2000; RAMIRÉZ, 2001). O documentário *La Ley Del Monte* (1989) apresenta o processo de vinculação dos colonos camponeses na produção de base de coca, tomando o caso da reserva da Macarena e o município de San Vicente del Caguan – Caquetá. Durante o *boom* econômico em período de colonização, a população que trabalhou na coca ficou dependente de uma falsa economia, na qual busca-se um sonho construído pelo progresso, mas na condição de marginalidade creu cenários de desmantelamento social, sem nenhum tipo de controle ou de ordem social.

---

[49] Relato do entrevistado Nº 14, antigo trabalhador de cultivos de coca.
[50] Ver no capítulo tres a dinâmica do narcotrafico nas decadas de 70 e de 80.

A exuberância econômica entre os camponeses da coca, se apresentou no vale do rio San Pedro criando espaços para aproveitar o dinheiro que se movimentava na área, no inicio da década de 1990. O dono do bar localizado em Norcasia, relata a forma como as pessoas gastavam o dinheiro que recebiam com a base de coca vendida aos narcotraficantes da época.

> -O dia domingo, era o dia de compra e venda de coca. Chegavam um pessoal com muita dinheiro e nos bares compravam a mercadoria (extrato de coca), ai todo mundo tinha dinheiro, os bares eram lotados de pessoas bebendo, as lojas ficavam esvaziadas. Era muito bom, eu consegui comprar este bar e uma terra com alguns animais aqui perto com o dinheiro que eu peguei nesse tempo. Toda esta rua eram bares lotados e vinha muita gente.[51]-

O *boom* da coca trouxe para esta região, vários problemas, consequência do ciclo curto da atividade, que não se fixou no espaço, que não produziu nenhum tipo de desenvolvimento de infra-estrutura ou social, que conseguisse construir um progresso sustentável. A foto 7 mostra uma antiga rua de Norcasia, a rua mais movimentada do local.

Foto 7: Rua do povoado de Norcasia, antiga zona de bares na década de 1980 e de 1890. Fonte: (Gutierrez, J, 2010)

Na encosta oeste do vale, a presença de uso do solo em agricultura com cultivos lícitos é maior segundo o mapa 8, contrario à encosta leste que tem mais floresta. A topografia é bem mais pronunciada, observando-se a distancia da encosta entre o rio e o limite da bacia na parte mais alta, indicando uma área íngreme, com uso de pastos. Se percebem de forma clara no mapa 8, a área com o uso de pastos, formando uma trilha que atravessa o vale pelo eixo central. Outro entrevistado que trabalha com a atividade pecuária há mais de 30 anos, é um dos beneficiários dos projetos coordenados pelo INCORA na década de 1970, confirma a presença da criação de gado na área oeste do vale, junto a estrada que comunica os três povoados da região:

> -Nesta área junto à estrada, sempre foi pastagens para pecuária, eu comprei esta terra de um colono que vendia madeira, acho que ele foi dos primeiros em abrir terrenos com desmatamento e queima aqui no Caquetá, ele morreu há muito tempo de velho

[51] Relato do entrevistado Nº 1, dono de um boteco em Norcacia, sendo ali cenario do boom da coca no anos de 1980. Ele pariticipou desse boom que ainda moram na região.

> mesmo. Com esta terra a Cajá Agrária me emprestou dinheiro para comprar os primeiros bichos e depois um pessoal do INCORA vieram me ensinar, como montar um estábulo e produzir em duplo propósito. Lembro que foi na Fazenda Larandia que eu comprei essas primeiras cinco cabeças. Lá saía gado para todo canto, era muito. Isso foi o que mais dominou esta área, Lá na encosta cultivavam comida e coca, em Norcasia havia banana da terra, mandioca, milho e muita produção de café naquela época.-.[52]

A pecuária no ano de 1989, dominava as partes com topografia leve (Foto 8) junto as margens do rio San Pedro, estabelecendo um padrão de uso dominante, partindo da união da foz do rio San Pedro no rio Orteguaza até a parte mais alta da cordilheira oriental. No mapa 8 se percebe claramente essa tendência, indicando o uso de pecuária de forma extensiva pelo tamanho da marca amarela no mapa, misturando pequenos locais com mato e floresta. Outro informante corroborou para explorar a presença desse uso e do tipo de implantação exercido nas margens do rio com tendência a consolidar o latifúndio, no inicio da década de 1990. Uma outra entrevistada chegou para trabalhar em fazendas como faxineira e cozinheira no final da década de 1980.

> Eu ainda era uma criança, tinha doze anos, lembro que nesta região só tinha propriedades muito extensas com gado. Eu já trabalhe em mais de quinze fazendas e todas tinham muito gado. O melhor daquela época eram as festas que faziam aqui em Maracaíbo, mas era só povo de cordilheira que descia os fins de semana, tempo depois isso acabou, a guerrilha, o exercito e outros pessoas estranhas por aí, colocaram a região em tensão.[53]

A criação de gado criou uma estrutura econômica que se complementa com infra-estrutura, a forma de comercialização e apoio técnico e sanitário, fortalecendo a atividade, criando um valor atraente para os camponeses que estavam no negócio da coca. A estabilidade da atividade, comparado com as outras de tipo lícito, baseava-se na dependência dos mercados interno e externo e das ameaças das doenças e pragas que afetam os cultivos tradicionais, colocando em risco o capital investido. Porém, as vantagens da pecuária, também se definem em menor esforço de trabalho e na facilidade de desenvolver, atividade, características que atraem os camponeses, pelo simbolismo do poder e progresso na terra.

---

[52] Relato do entrevistado Nº 5, uma ótima referência da atividade pecuaria na área de estudo.
[53] Relato da entrevistada Nº 10, trabalhadora que junto ao marido dela, cuidam uma propriedade e fazem roça em outras.

Foto 8:Área de pecuária próximo ao povoado de Maracaíbo. Fonte: (Gutierrez, J, 2005)

As limitações ambientais, espacialmente dos solos precários para agricultura na encosta, tem influencia sobre o valor da terra. Segundo o relatório do IGAC (1993), localizando-se no vale do rio San Pedro os melhores solos para agricultura, nas margens do rio, sendo esta a área onde iniciou a pecuária na década de 1990 (foto 9). Assim, há o uso ambiental inadequado nas áreas de encosta onde há a maior densidade e diversidade de práticas agrícolas. Os melhores solos juntos ao rio são reconhecidos localmente:

> -A gente comprou estas terras, após consolidar uma estrutura para trabalhar com pecuária de corte. A partir de empréstimos foi que conseguimos expandir, e meu esposo sabia que para dar certo no negocio, teríamos que trabalhar nestas terras de planícies, perto do rio. Nessas montanhas não há condições para uma ótima criação de gado. Imagina descer gado desde lá até aqui, para depois transportar o gado até Florência. Aqui as terras que tem valor ficam perto do rio, são boas para os bois. Ai tem outros que também investiram e por isso tem gado bonito.-[54]

As encostas que o entrevistado menciona, não prestavam boas condições para desenvolver uma pecuária rentável, segundo indicações do INCORA, que priorizou a colonização das partes mais baixas do piemonte e depois se espalhar na várzea (BRÜCHER, 1974, p. 149), preservando as encostas da montanha. Assim, consolidar a colonização a partir da atividade pecuária em duplo propósito, se converteu no padrão de domínio das melhores terras desta região.

[54] Relato da entrevistada Nº 4, viuva de um antigo pecuarista que chegou à região em procura de progresso.

Foto 9: Pecuária de corte no limite entre o piemonte e a várzea. Fonte: (Gutierrez, J, 2010)

A zona norte e oeste do vale, segundo a classificação do mapa de uso de 1989, apresenta importante presença de cultivos, sendo a área no entorno dos povoados de Pará e de Norcasia, a uma altitude de 2530 metros (dois mil e quinhentos trinta) e de 1070 metros (mil e setenta), tendo condições ambientas mais favoráveis para vários tipos de produtos agrícolas. De outro lado, as áreas de maior ocupação dentro do vale são estes dois povoados. Segundo a informação do funcionário da prefeitura de Florência, que trabalha neste corregimento, a ocupação de esta área com relação a proximidade com a cordilheira, está relacionado com a origem dos colonos, que vieram principalmente da região andina central da Colômbia, e com eles chegaram as tradições culturais, entres essas, as práticas e os produtos agrícolas que desenvolviam na época.

O tamanho das áreas em cor laranja, no mapa 8 mostram a continuidade deste uso, que se pode relacionar com o sistema de subsistência, em mistura com o café, além de cultivos de coca, mas este último teria que se rejeitar, porque a coca não consegue se desenvolver nas condições ambientais presentes na altura superior dos 1000 (mil) metros. Portanto, a produção de coca é somente possível de cultivar no entorno rural do povoado de Maracaíbo, que apresenta as condições necessárias para a planta.

O cultivo do café, na década de 1990, está relacionado com a produção, no contexto nacional, referenciado como um período ótimo na economia cafeicultora, e de importante presença em varias regiões do pais, junto as encostas das cordilheiras. Isto representou ingressos importantes de divisas para os camponeses, o qual se manifestou com a vinculação de mais produtores na atividade (GUHL, 2004). O vale do rio San Pedro neste contexto, também foi atingido pelo aumento na produção, segundo o comitê da cafeicultores do Caquetá, para o ano de 1990 existiam 10.000 hectares de café cultivadas, em todo o departamento. Os preços altos pagados por saca de café, teria influenciado neste processo.

Situação que se manifestou na área de estudo nos povoados de Norcasia e Pará, principalmente no primeiro com maior infra-estrutura, para comercializar o produto naquela época. Este acontecimento foi corroborado por outro entrevistado, produtor antigo de café na região.

> -Na aquela época, toda a zona de Norcasia, quase chegando até Pará, era café. Eu lembro que todos meus vizinhos cultivavam café e misturavam com banana da terra e mandioca. Pagavam por saca até 50.000 pesos[55], o qual era muito bom para nós. Eu por exemplo tive vinte e dois hectares cultivadas e produzia dez e sete sacas mensais.-[56]

A produção do café há vinte anos, mostrava uma atividade muito dinâmica que se manifestou na paisagem de Norcasia e Pará, principalmente na margem oeste do vale, que segundo o relatório do IGAC (1993), apresenta solos com maior quantidade de nutrientes pela forma topográfica, com importante aporte de sedimentos, além de ser composto de muita matéria orgânica e de baixa acidez. Fatores determinantes para criar a lavoura cafeeira nesta zona do vale.

4.3. Estrutura do território no ano de 1989

O território no vale do rio San Pedro, no final da década de 1980, é resultado de agitados processos sociais que atingiram o espaço, configurando uma estrutura baseada em atividades rurais, relacionadas com estruturas econômicas de impacto multi-escalar. As principais atividades desenvolvidas neste território, pertencem a economias de caráter nacional, que estão ligadas aos mercados internacionais, que influem nas formas de produzir e comercializar. As dinâmicas se estruturam a partir de objetos que compõe um espaço, pois estas exercem poder através dos atores que a dinamizam, ou seja, a sociedade é orientada pelos padrões impostos dentro de uma determinada dinâmica econômica (COSTA, 2009).

Como se percebeu, a pecuária bovina, o café, o cultivo de coca e as atividades de subsistência, conformavam o cenário rural da área de estudo, sendo o ponto de entrada para um novo período marcado por estruturas econômicas e políticas, que imprimem mudanças sociais e espaciais. Estruturas que surgiram no inicio da década de 1990, como a nova constituição política, o inicio da política neoliberal no país, a guerra contra o trafico de drogas pressionada pelos EUA e o aprofundamento do conflito político militar.

---

[55] No ano de 1990 um dólar tinha um valor de: 1U$ = $450 pesos. Diario El Tiempo, Bogotá, febrero 4 de 1990.
[56] Relato do entrevistado Nº 6, sobre a produção de café no ano de 1990. Junho de 2010.

O território constituído há vinte anos, se articulava com dinâmicas econômicas, desenvolvidas desde a década de 1970 e com a participação de uma população decorrente de processos migratórios que caracterizaram a colonização. O quadro 10 distingue as atividades e os produtos gerados no ano de 1989, os quais são objetos que compuseram o espaço dentro do contexto social anterior a 1990. Isto expressa a correlação dos objetos com as práticas, e a relevância destes, quanto o poder exercido de uma dinâmica econômica dentro um local.

Quadro 11: Estrutura do território ano de 1989

Atividade econômica	A origem do Contexto social	Objetos criados no espaço
Pecuária bovina	Projetos de desenvolvimentos fomentados pela colonização dirigida.	• Produção extensiva em latifúndio. • Instituições de apoio técnico e comercial
Café	Economias cíclicas de contração e expansão pelo mercado internacional.	• Espaços de compra do produto produzido • Apoio técnico
Cultivos de coca	Alternativa econômica ilegal, de produção camponesa dominada pelo consumo internacional.	• Ampliação dos povoados. • Abertura de pequenos locais comerciais • Expansão da fronteira agrícola
Atividades de subsistência	Introdução de culturas tradicionais de lavoura, chegadas com a colonização.	• Pequenos mercados de produtos.

A territorialidade expressa-se, no poder das áreas e nas relações destas com os objetos, criados por uma dinâmica econômica. Como se mostra no mapa 8, o uso do solo em pastos e a agricultura, exercem controle através do domínio das atividades que se desenvolvem ali.

A pecuária bovina durante este período fez controle nas pastagens e as áreas de planície do vale, pois a localização destas, junto à estrada estabelece conexão com a cidade; os cultivos de coca estabeleceram domínio no uso do solo, nas partes mais afastadas dos povoados, e limitando o acesso de outras atividades nestas área, devido ao ingresso de divisas sendo maior que nas outras atividades: O cultivo de café fomentou relações de poder através dos preços altos, que incentivaram a expansão da produção, levando a vincular a vários pequenos produtores nesta atividade.

> -Eu vim para esta região no ano de 1988, porque em aquela época se ouviu falar muito da possibilidade de trabalhar aqui em San Pedro. E era mesmo, tinha trabalho nas propriedades com pecuária para fazer roça e mexer com o gado leiteiro, também pegando café precisavam de muita gente. Com a coca nunca quis trabalhar mas sei

> que quase todo mundo mexeu em isso, eu preferi ficar com o café, o pago era bom e ficava tranquilo que não estava em algo ilegal.-[57]

Este espaço no ano de 1989, se estruturava entorno das atividades de maior impacto no piemonte como: a pecuária bovina, a cultura cafeeira e os cultivos de coca. O território era controlado por três territorialidades que exerciam poder na população, limitavam áreas e estabeleciam redes com o comercio, ou seja, eram três territorialidades que conformavam o territorio do rio San Pedro. Porém, as disputas por maior controle, estavam sujeitas ao incentivo econômico na população camponesa.

A territorialidade era determinada pelas atividades econômicas que controlavam áreas.

4.4. O território do vale do Rio San Pedro

A estrutura territorial no início da década de 1990, apresentou o domínio de três atividades tradicionais na região do piemonte, como a pecuária bovina, os cultivos de coca e a cultura cafeeira, atividades dependentes de mercados externos e de importante presença na economia da região e do país. Este território construído a partir de vários processos de colonização, no final da década de 80, tinha criado objetos, expressados em povoados, armazéns para compra de café, comercio local como restaurantes, botecos, supermercados e pequenas lojas; elementos utilizados dentro de uma combinação de dinâmicas econômicas, caracterizadas por alta presença de população camponesa e movimentação espontânea de dinheiro.

O abordar a análise de uma mudança nos usos do solo, tem-se que relacionar com o contexto social, econômico e político, encontrando-se neste a sociedade que faz a transformação, portanto, as atividades geradas são resultado de estruturas, mudando a forma das relações entre os objetos e as ações (SANTOS, 2008). Durante estas duas décadas no contexto nacional, aconteceram mudanças importantes, já comentadas, que incidiram nas decisões de caráter político e econômico, como a abertura da economia colombiana aos mercados internacionais e o aprofundamento da guerra pela radicalização das duas partes em conflito. Fenômenos que podem ser estudados, quanto aos impactos gerados no setor rural, e em especifico no *piemonte amazônico*, mas neste caso, pelo objetivo da pesquisa tenta-se

[57] Relato do entrevistado Nº 9, junho de 2010. Morador da área rural de Pará, que atualmente trabalha como assalariado em sitiso com café.

abordar as dinâmicas que atuam no espaço e impactam o território, as quais se desenvolvem dentro de um contexto social.

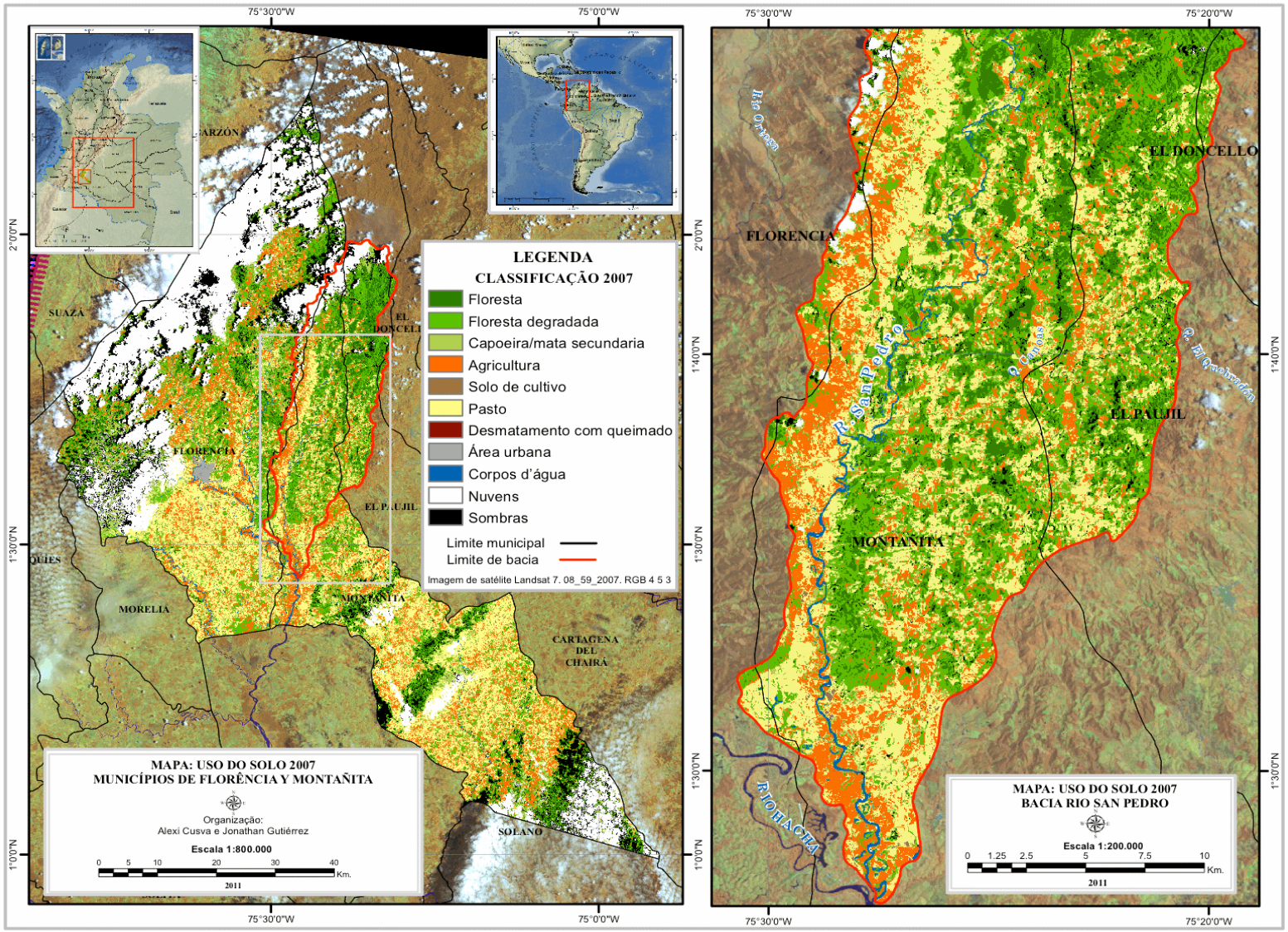
As mudanças serão analisadas a partir da interpretação da imagem de satélite[58], do ano de 2007 com a classificação realizada, sobre sete usos de solo. O processo é complemento do análises feito para o ano de 1989, para comparar as duas datas e encontrar as mudança decorrentes da interpretação. Neste processo, se implementara o desdobramento de mapas por categoria, para quantificar o avanço ou retrocesso de determinado uso, metodologia importante para identificar as maiores mudanças dos usos durante o período de 1989 e de 2007.

O mapa 9 do ano de 2007, conserva as categorias do ano de 1989, com o intuito de encontrar correlação entre os dois mapas, estabelecendo como ponto importante, as categorias de uso de solo em pastos, agricultura, floresta e floresta degradada, pois estes identificam as atividades atuais e permitem analisar as mudanças. Por outro lado, as informações dos atores complementaram a identificação da classificação feita da imagem de satélite, para corroborar as mudanças acontecidas na área de estudo e definir o território atual.

Os relatos dos informantes são essenciais como argumento neste resultado, onde se pode constatar as grande mudanças, referentes a expansão da fronteira agrícola.

O Mapa 9 apresenta um grande aumento em pastos, representado em cor amarelo, sobre as áreas que no ano de 1989 tinham em floresta e floresta degradada. Também é de ressaltar o crescimento da categoria definida como agricultura de cor laranja, especialmente na parte oeste do vale, misturado com as áreas de pastos.

[58] Imagem TM, Phat - Row 08-59, sistema UTM Zona 18 N WGS 84. Obtenidas en Global Land Coverage Facility, Maryland University, USA. Através do site na data de 15 de janeiro de 2010. http://glcfapp.glcf.umd.edu:8080/esdi/index.jsp



Mapa 9: Classificação de imagem. Uso do solo ano de 2007.

No caso da floresta, representada de cor verde escuro, a transformação é bem significativa devido à redução das áreas com este uso, o qual indica um impacto espacial, no ano de 2007, sendo neste caso a floresta degradada, mas o tema mais relevante aqui, é questão ambiental, pelo desmatamento identificado neste análises, assim a expansão da fronteira agrícola em dezoito anos é realmente evidente e preocupante, por se desenvolver na área de encosta do piemonte, um ecossistema muito frágil e difícil de recuperar pela alta diversidade biológica (IGAC, 1993).

A mudança se pode perceber no gráfico 14, na diminuição da floresta é de mais de 26% em 18 anos, levando aumentos em usos como nos pastos e na agricultura, além da floresta degradada, entendendo-se como uma intervenção humana sem desmontar na totalidade dos arvores. Este é resultado do primeiro processo de formação de uma roça, na expansão da fronteira agrícola decorrente da colonização, criando espaços que logo depois serão ocupados na formação de lavouras ou pastagens

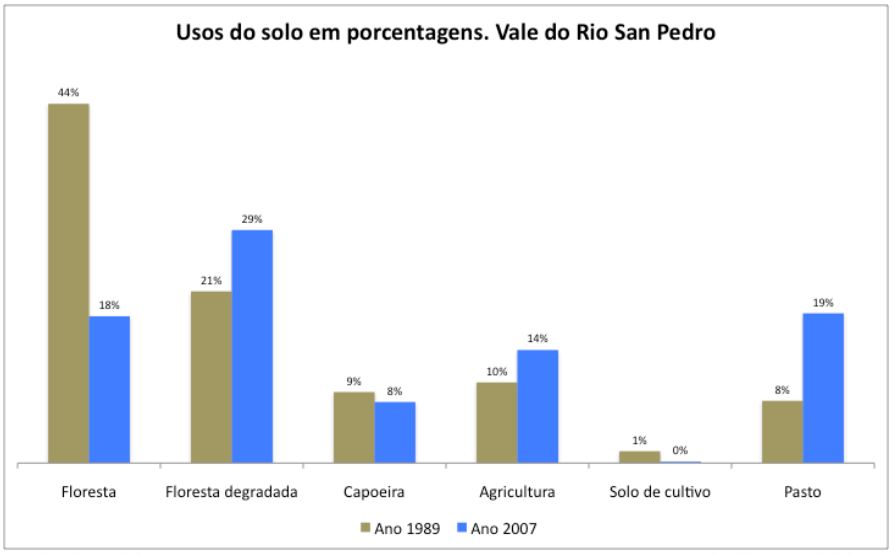


Gráfico 14: Comparação das áreas em hectares do mapa de 1989 e de 2007

Esta significativa queda na porcentagem da floresta, coloca em questão, qual foi atividade que pressionou a transformar a paisagem em outros usos, principalmente na zona leste do vale, onde para o ano de 1989 era maior as áreas de floresta com algumas intervenções de agricultura e floresta degradada. Este processo de mudança em outros usos é corroborado pelo relato de um camponês que nasceu na região e tem amplos conhecimentos do processo ocorrido na encosta leste do vale, o entorno rural do povoado de Maracaíbo, onde ele mora.

> -Quando foi essa loucura da coca, que todo mundo ficou comprometido, as pessoas continuaram colonizando terras para cultivar e no mesmo tempo, extrair madeira.

> Era muito o carregamento de madeira que tiravam da montanha, ai jogavam fogo e abriam roças para novos *cocales*. Eu nunca quis trabalhar com isso, acho um negocio maldito, por isso comprei minhas vacas e cultivei comida. Quando a coca já não era rentável e a policia vinha apreender os cocais, varias pessoas venderam os terrenos ou trocaram por outras propriedades em Florência, e os novos continuaram desmatando para aproveitar a madeira boa que ainda tem essa montanha.-[59]

A queda dos preços da base de coca está relacionado com as políticas de erradicar os cultivos de coca, inseridos nos planos da geopolítica internacional liderada pelos EUA, criando no ano de 2000 o *Plan Colombia*[60]. O objetivo era confrontar de forma militar a produção de drogas no país. Esta política conformou um processo de ações da policia em conjunto com o UNDOC, para fiscalizar os cultivos de drogas no país. As operações da policia nesta região, foram efetuadas através de incursões nas áreas de cultivo, erradicando de forma manual a coca (Foto 10). Desta forma, os preços baixaram porque a comercialização do produto foi deslocada a zonas de maior produção em outros locais do pais, portanto a venda ficou limitada e restrita pela presença militar e de policia. informação relatado pelo proprietário de um sitio na área onde antigamente se produzia coca, hoje ele desenvolve atividades de subsistência.

> -Depois do protesto que os camponeses fizemos no ano de 1996, contra as pulverizações aéreas que estragavam, não somente os cultivos de coca, também causo prejuízo na comida que a gente cultivava. Ai para frente as coisas começaram ser mais difíceis para todo mundo, a guerrilha era quem comprava a mercadoria e quando o exercito entrou na região, já não tinha ninguém que comprasse, isso desestimulou a continuar, a situação estava ficando perigosa e muita gente preferiu ir embora. Os que ficamos por aqui, tiramos madeira e trabalhamos na roça.-[61]

Foto 10: Antiga área de cultivo de coca. (pós-erradicação) Fonte: (Gutierrez, J. 2006)

[59] Relato do entrevistado Nº 13, junho de 2010. Morador de marcaibo que nasceu nesta região.
[60] Projeto financiado desde o ano 2000 pelo governo dos Estados Unidos em convênio com o governo colombiano, para combater e reduzir a produção de narcóticos de forma militar, mas também com implicações políticas na região amazônica, pela conotação geopolítica de combater os grupos insurgentes de esquerda e os governos de outros países, opostos ao ditame de Washington (Álvares, 2001).
[61] Relato do entrevistado Nº 11, junho de 2010. Morador da área rural de Maracaíbo.

O desmatamento provocado por estes acontecimentos, da expansão e contração da coca, gerou o avanço da fronteira agrícola, pelas novas atividades que se realizaram nestas áreas, principalmente na encosta leste do vale.

A análises da mudança do uso do solo, também pode ser explicada a partir da interpretação de áreas especificas, em dois datas diferentes, identificando a troca do uso, seja no avanço ou retrocesso de uso, neste caso da floresta. O gráfico 15 apresenta o aumento e a diminuição em hectares da floresta degradada, em relação aos outros usos representados no mapa 9.

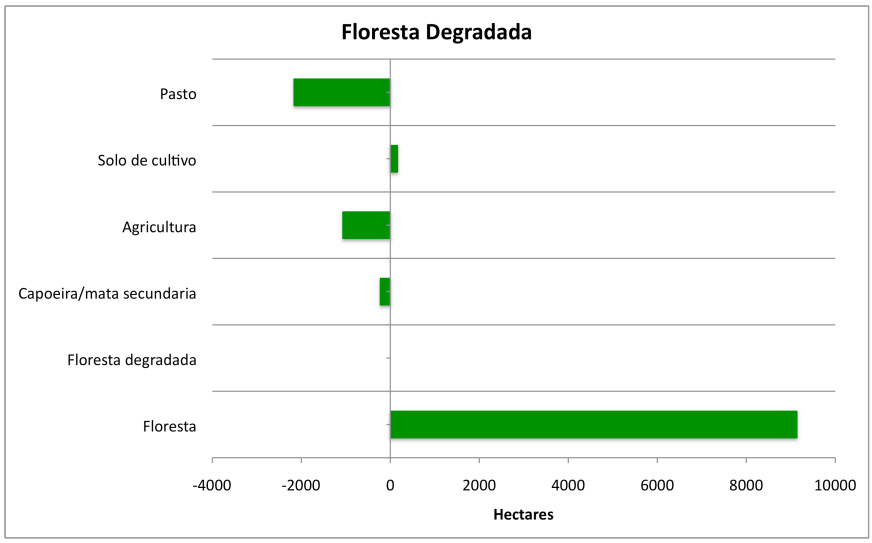


Gráfico 15: Uso de solo floresta degradada, 2007

O aumento em área da floresta degradada, de frente do uso da floresta, expressa quanto foi o que diminuiu, sendo nove mil hectares de floresta, que estavam presente no ano de 1989, portanto esse espaço passou a representar em 2007 nove mil hectares de floresta degradada. O comprovado pelos relatos dos moradores, que explicaram a origem do desmatamento e a decorrente extração de madeira.

Por outro lado, os pastos avançaram de frente à floresta degradada em 2000 hectares, ou seja, os espaços que antes eram floresta degradada no 2007, são utilizados em pastos, como ocorreu com a agricultura, que também avançou em 1000 hectares, segundo o resultado da classificação e posterior comparação dos mapas do uso do solo do vale do rio San Pedro.

No caso da agricultura, o avanço é significativo, de frente à floresta e a floresta degradada. O gráfico 16 mostra como a agricultura aumentou em área e pressionou a expansão da fronteira agrícola, somente na categoria de pastos a agricultura teve transformação. Em termos gerais este uso aumentou em 2823 hectares em 18 anos, sendo um

novo uso em antigos espaços de florestas ou vegetação arbórea, ou seja, os camponeses abriram novos frentes para criação de roças, e conformar sítios de subsistência ou cultivos de coca. Embora, tem uma situação interessante de ressaltar, referente a localização desses novos espaços com agricultura na encosta oeste do vale.

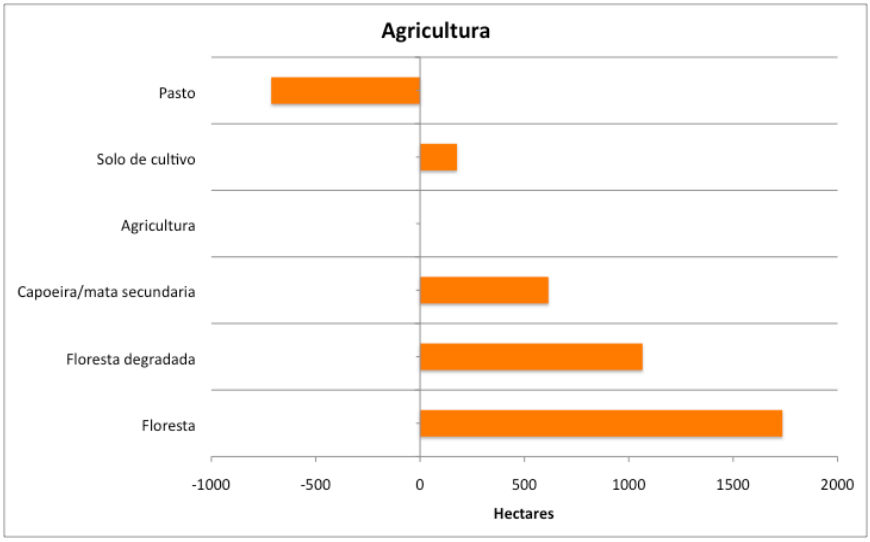


Gráfico 16: Uso do solo em Agricultura, 2007

A diminuição das áreas de florestas, como se percebeu no gráfico 16 e também no mapa 9. A transformação foi sobre as encostas, principalmente na encosta oeste do vale, esta foi altamente atingida pela agricultura, representando uma mudança bem representativa na paisagem e no uso. A agricultura aqui representada, está junto à área de pastagens, formando uma transição de floresta, floresta degradada, agricultura e pastos, sendo uma relação direta com a atividade pecuária, porque mesmo que a agricultura, esta foi atingida pela ampliação das pastagens em mais de 700 hectares.

A informação oferecida pelos entrevistados, sobre o aumento da agricultura nesta área do vale, da claridade sobre a transformação da paisagem neste período, explicando as causas e as áreas atingidas pele mudança no uso. O trabalhador rural que deu o relato, se movimenta em varias propriedades com atividade pecuária de duplo propósito e fazendo roça. Mora em Maracaíbo há mais de dez anos, ele conhece as principais mudanças por participar em estas.

> -Eu cheguei nestas terras sendo ainda um moleque com meu tio que veio para trabalhar em uma propriedade com pecuária, o trabalho era forte, porque tínhamos que fazer muita roça nestas encostas, o patrão decidiu tombar a floresta e cultivar cana, milho e muito capim colonião, para comida das vacas de leite. Varias pessoas aqui estão semeando isso para melhorar a comida do gado. Na propriedade que eu

> trabalho, tem como dez hectares cultivadas e isso é permanente. Aqui todo mundo trabalha com gado e vendendo o leite ao Nestlé.-[62]

O aumento da pecuária foi evidente neste período, a transformação de florestas e agriculturas em pastagens, e em lavouras para melhorar a nutrição do gado, levou a trocar os usos na parte oeste do vale, conformando um cenário de domínio pecuário, o qual se estendeu em todo o território, como se mostra no gráfico 17, sobre a expansão das pastagens e outro usos, ocupando espaços antigamente usados em floresta, agricultura capoeira, floresta degradada e solos de cultivo.

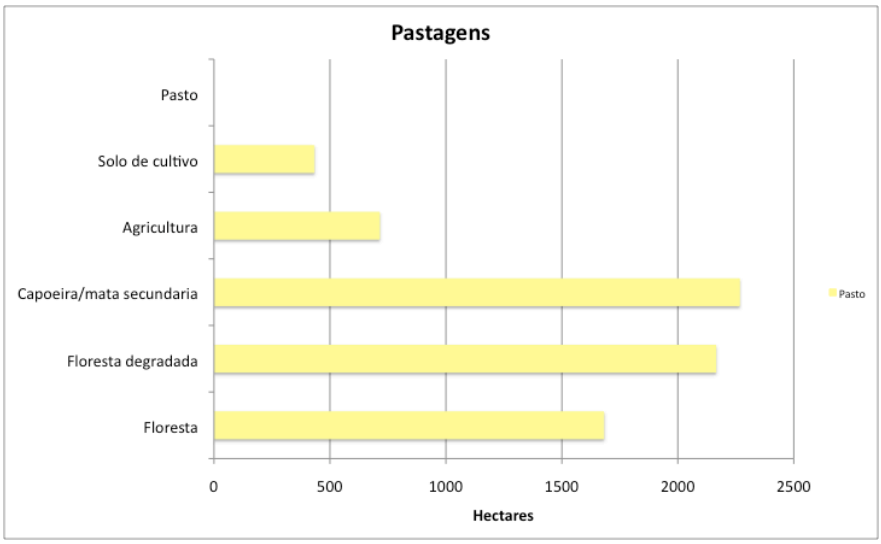


Gráfico 17: Uso de solo em pastagens, 2007

Os pastos ocuparam todos outros usos classificados na imagem de satélite, principalmente de capoeira em mais de 2000 hectares, o que se pode explicar como um processo de adequação de terras para cultivar pasto. Esta situação tem relação com a presença de pastagens na encosta leste do vale, áreas antigamente degradadas que viraram ser zonas de mato, que somado a queda da atividade da coca nesta região, a pecuária tomou posse destes espaços. A foto 11 expressa na paisagem da encosta leste do vale, a presença de grandes áreas de pastagens e de zonas desmatadas, próxima às pastagens consolidadas das margens do rio. O espaço está composto de uma mistura de usos entre florestas, mato, pastagens, desmatamento e poucos cultivos de subsistência, somado à extração de madeira como alternativa de ingresso de divisas para os camponeses. A foto 12 mostra evidencias desta atividade que está gerando impacto nas encostas do vale.

[62] Relato do entrevistado Nº 18, junho 2010. Morador de maracaibo.

Foto 11: Paisagem da encostas leste do vale do rio San Pedro. Fonte: (Gutierrez J, 2010)

Foto 12: Extração de madeira. Fonte: (Gutierrez, J, 2010)

O desmatamento é resultado de uma crise gerada pela queda da atividade da coca, que obrigou à população procurar novas alternativas de subsistência, em cenários naturais com alta oferta de recursos naturais.

A dinâmica extrativa está sempre presente, oferecendo bons preços nos produtos, aproveitando a diminuição do recurso em outros locais, característica da economia de ciclo curto. Sendo a extração de madeira, decorrente dos processos de colonização e da expansão da fronteira agrícola amazônica, constituindo-se na alternativa econômica, para os camponeses que fazem desmatamento, abrindo novos frentes de colonização. Outro dos entrevistados relata seu trabalho na região como comerciante de gado e madeira.

> -Eu cheguei a Maracaíbo para trabalhar no açougue, ai aprendi do negócio e comecei a comprar cabeças de gado que os camponeses tinham para venda, principalmente na parte da montanha que tem muitas propriedades, e para essas pessoas é difícil descer com gado até aqui embaixo, para enviar logo a Florência. Então eu compro uma ou duas cabeças e levo para o matadouro. Geralmente o gado é magro e feio, o que é ruim no econômico, por isso, as vezes trabalho com a motosserra, para extrair madeiras nobres, que são bem pagas. Com meus bichos

> (Cabalos) monto a carga e no povoado envio no caminhão para Florência, ainda tem muita madeira para tirar de lá.-[63]

O desmatamento e a expansão da fronteira agrícola são resultado, do fortalecimento da pecuária bovina no território, sendo uma atividade com maior apoio institucional e mais fácil de trabalhar, pelo caráter extensivo práticado no piemonte, devido aos solos precários em nutrientes. A atividade tem desenvolvido no *piemonte amazônico*, melhores técnicas de produção nas espécies bovinas quanto no tipo de pastagens e junto a infra-estrutura, cria condições favoráveis para expandir o negocio de pecuária. Porém, o uso extensivo da terra consolida um outro processo territorial, a consolidação do latifúndio como poder econômico e portanto, a pecuária bovina é um setor interessante de investimento, principalmente em propriedades com grandes extensões de pastagens (foto 13).

Foto 13: Fazendas pecuárias. Fonte: (Gutierrez, J, 2010)

O negocio da pecuária, já comentado, encontrou nestas terras a possibilidade de consolidar outro tipo de ingresso de divisas, porque a criação de gado é considerado uma economia estável, comparado com outras atividades agropecuárias. O narcotráfico com a geração exagerada de dinheiro, percebeu nesta dinâmica a forma de investir dinheiro e consolidar o poder econômico de alguns de seus atores (MOLANO, 2000), através do latifúndio protege o capital obtido e expressa poder territorial. No Caquetá esta relação da atividade pecuária com o narcotráfico, foi uma constante no contexto rural, segundo Artunduaga, grande parte de fazendas em pecuária, constituídas na década de 70 com a colonização dirigida pelo INCORA, foram adquiridas pelo narcotráfico, entre estas, a fazenda Larandia (1987, p. 178).

A pecuária é uma expressão espacial dos cultivos de coca, na área de estudo foi a atividade que pressionou a expansão da fronteira agrícola, na década de 90, criando as

---

[63] Relato do entrevistado Nº 17, junho de 2010. Morador da área rural de Marcaíbo.

primeiras trilhas nas encostas do vale, principalmente na encosta leste do vale. Assim, estes espaços foram apropriados, após a queda da atividade da coca, pela atividade pecuária, sendo os antigos produtores de coca os novos investidores na pecuária. As condições de comercialização do gado são favoráveis, frente a produtos tradicionais da agricultura, neste sentido a pecuária bovina de duplo propósito, dominou nesta região e setores como o leiteiro está crescendo, quanto aos produtores. O aumento da atividade é relatado por um ator inserido nesta, motorista do caminhão que transporta o leite produzida na região para levar até a unidade Industrial da Nestlé em Florência (foto 14), e também é dono de uma propriedade com pecuária.

> -Muitos dos proprietários das fazendas aqui, antigamente trabalhávamos com a coca, com o tempo começamos a comprar terras, para ter umas cabeças, mas a incursão da policia e o exercito apreendendo os cultivos e erradicando, eu decidi larga os *cocales* e me dedicar com o caminhão e a pecuária, por isso estou mais tranquilo e tenho que trabalhar mais, embora no econômico seja menos favorável, mas era melhor ficar quieto e não mexer mais com coca.-[64]

Foto 14: Transporte contratado pela Nestlé. Fonte: (Gutierrez, J, 2010)

O Café é outra atividade, que foi atingida pela transformação no uso do solo, na área de estudo, embora de ter uma importante participação no início da década de 90, esta atividade teve um concorrente rural que impedia o crescimento, e aproveitava a contração da economia cafeeira. A coca era para os camponeses e os novos ocupantes mais atraente, em termos econômicos. Estas duas atividades tem sistemas parecidos na produção e a colheita, sendo o principal, os trabalhadores necessários em cada período de colheita, mas o ingresso de divisas da coca, colocava em desvantagem ao café.

Esta dinâmica, levou a tomar a decisão, em vários produtores, produzir cultivos de coca em outras áreas, o qual limitou a produção de café, e junto as quedas súbitas no preço,

[64] Relato do entrevistado Nº 15, junho de 2010. Motorista do caminhão que transporta o leite para a Nestlé.

desestimulo em muitos camponeses continuar nesta atividade, porque significava prejuízos econômicos, além do risco permanente das doenças e pragas que afetam a mata do café. Uma pequena produtora de café oferece seu relato, explica porque esta atividade em Norcasia, quase desaparece.

> -O café é bom para trabalhar, mas a coca corrompeu a cabeça de todo mundo, a ambição pelo dinheiro, fez que as pessoas largaram o café, porque tinha mais trabalho, além de aumentar o investimento para proteger a produção, e com o preço que pagavam por quilo, era difícil superar o da coca. Ai, muita gente foi embora, e começar de novo a produção exige dinheiro. Aqui ficamos os que não gostamos da coca, mas na verdade é bem difícil, falta apoio técnico e a infra-estrutura é péssima, só agora esta voltando aumentar, os preços estão bom, tomará que continue assim.-[65]

4.5. Estrutura do território do vale do rio San Pedro no ano 2010

As transformações territoriais do vale do rio San Pedro, revelaram um território rural que é composto de ativas dinâmicas econômicas, as quais colocaram no cenário, as atividades que mudaram os usos do solo em duas décadas, assim, de um território que conformava territorialidades internas, após desta pesquisa, apresentou que atualmente somente uma atividade é dominante, abrangendo as outras. O análises espacial refletiu, a expansão da fronteira agrícola em 18 anos, resultado da combinação de varias atividades, que exerciam poder no inicio da década de 90, o qual expressava o território dominado por quatro atividades com alto dinamismo econômico e social.

Os acontecimentos da década de 1990 e de 2000, quanto a nova constituição politica, a luta contra a produção de droga, a política neoliberal como modelo de desenvolvimento no país e o aprofundamento do conflito político militar, colocaram a Colômbia, viver um período de constantes transformações sociais, que tiveram impacto nas áreas rurais, como o caso do vale do rio San Pedro.

A consolidação da pecuário bovina, como a atividade econômica que estrutura o território na área de estudo, no final da década de 2000. Indica que o fator terra, é fundamental nesta estruturação, devido a necessidade desta atividade se desenvolver em sistema extensivo, ou seja, nem as condições do solo nem a topografia, são limitantes de ocupar espaços pela pecuária. A densidade de cabeças por propriedade, está determinada pela extensão de terra disponível para o uso, formando latifúndios e por outro lado, mudando o uso do solo, seja de floresta, mato, agricultura ou cultivos ilícitos, para obter terras disponíveis.

---

[65] Relato do entrevistado Nº 8, junho de 2010. Produtora de café na área rural do povoado de Norcasia.

A estrutura econômica na que se desenvolve a pecuária é decorrente das políticas tomadas, desde a década de 1970, formulando a ocupação de espaços devolutos, que atualmente é entendido como consolidação de sistemas agro-industriais, via exportação (FAJARDO, 2002a). O projeto neoliberal criou um cenário de alta competitividade entre os mercados, no qual, assumem um papel importante, aquelas atividades que detém vantagens comparativas no mercado e com alta capacidade de produzir em larga escala (JARAMILLO, 1994). A pecuária bovina colombiana é produto de uma tradição agropecuária, formada a partir do século XIX, onde surgiram as estruturas e o conhecimento que atualmente, vários produtores assumem como uma cultura rural e ligada a historia da formação territorial da Colômbia.

Estes componentes como: a historia, o apoio institucional, a infra-estrutura e o rendimento econômico, favorecem na consolidação da pecuária, mas a questão territorial, como domínio do espaço é o determinante na consolidação da pecuária no vale do rio San Pedro. O controle de áreas através do latifúndio e a estabilidade econômica, avançam sobre outros usos, transformando as dinâmicas sociais; as redes do comercio estabelecem conexões com outras escalas, que geram fluxos de conhecimento, apoio técnico e desenvolvimento social, via políticas publicas; os limites constituídos nesta atividade, estão formulados a partir do valor social que representa o gado e o poder territorial que significa a posse da terra.

Contudo, o território do vale do rio San Pedro, sofreu varias transformações territoriais em vinte anos, como resultado de um projeto criado há mais de quarenta anos, de estimulo permanente por parte do Estado, com o intuito de consolidar poderes regionais, através da posse de terras por elites locais (FAJARDO, 1993). Em duas décadas, a pecuária amplio seu domínio espacial, transformou os usos do solo, mudou a paisagem e impôs um padrão de produção, assim o território do rio San Pedro é dominado atualmente pela pecuária bovina, sob uma estrutura econômica de prioridade dos mercados agropecuários.

5. CONCLUSÕES

Fazer conclusões em uma pesquisa de caráter social, é uma das questões mais polemicas, pelos temas que aborda, devido a dificuldade de definir conceitos, leis, regras ou propostas definitivas. Diferente das ciências que tem sua argumentação mais solida a partir do positivismo científico. Isso não é uma situação recorrente nas ciências sociais, pela complexidade das transformações sociais no espaço e na historia, como se esta pudesse criar fatos absolutos. A conclusão neste caso, converte-se em uma discussão teórica que leva conformar uma metodologia de análises, para conseguir explicar um fenômeno social, o que seria, a entrada de novos desdobramentos, para tentar dar solução aos contínuos problemas que surgem na complexidade espaço temporal da sociedade.

Assim, esta pesquisa procurou dar explicação dos processos sociais que ocorreram no vale do rio San Pedro, como um fenômeno que também acontece em uma escala geográfica maior, como é o *piemonte amazônico*, um cenário de recente interes político e de amplo debate nos problemas que atualmente atingem o país, como o narcotráfico e o conflito político militar. A análise deste problema, cria campos de interesse para ser estudados nesta região, e acrescentar o conhecimento de um setor da área rural de Florência pouco estudado e produto de vários contextos sociais.

A transformação do território do vale do rio San Pedro é resultado dos processos de mudança econômica, os quais estão sob controle de estruturas que ultra passam as escalas locais. A opção tomada pela Colômbia, de adotar o modelo de desenvolvimento neoliberal no início da década de 1990, dentro do contexto do confronto militar contra o negocio internacional de entorpecentes. Converteram à região amazônica colombiana, no cenário de disputas territoriais entre os atores que a ocupam.

As atividades econômicas desenvolvidas durante a década de 1980, construíram uma territorialidade compartida entre quatro dinâmicas, como o café, os cultivos ilícitos de coca, a pecuária bovina e as atividades de subsistência camponesa, estabelecendo limites de áreas e controle de pessoas, através da geração de emprego rural em atividades específicas com maiores ingressos em divisas econômicas e excluindo aquelas que não conseguem concorrer nesse contexto. Assim, o território do vale do rio San Pedro passou de um mosaico territorial, para um de domínio espacial em uso do solo em pecuária, depois de vinte anos de transformações econômicas na área de estudo. Esta mistura da estrutura social com a mudança de uso do solo, é a reposta dos territórios atualmente constituídos no *piemonte amazônico*, ou

seja, o território é resultado de períodos sucessivos de desenvolvimentos, que criaram objetos em contextos sociais determinados.

A transformação dos usos do solo de floresta a floresta degradada, e deste a pastagens, ou da agricultura a pastagens; dá evidencia da mudança influída pela pecuária bovina, explicando a importância que tem essas atividades em um contexto social de controle territorial e a produção em larga escala, por parte de alguns produtos agrícolas na Colômbia. A mudança nas atividades econômicas mostram, manifestam-se em impactos ambientais e a transformação cultural dos atores, resultado das trocas espaciais produto das novas territorialidades.

A definição de território em um espaço com profundas transformações, leva a criar novos desdobramentos sobre o processo histórico dos lugares. O conceito aproxima-se a partir de três fases, como o limite de áreas, o controle de pessoas e a comunicação de redes, abordagem proposto por Sack (1986), o que conforma a estrutura do território rural. Convertendo-se na base conceitual da metodologia apropriada para interpretar os territórios, que compõe o *piemonte amazônico*, atingido em pouco tempo por inúmeros processos territoriais.

A importância deste conceito de territorialidade, explicando os fenômenos ocorridos no *piemonte amazônico*, abre o leque de análises de tipo social sobre esta área, e em especifico na espacialidade dos processos que relacionam os usos do solo com as dinâmicas econômicas, através das práticas exercidas pelos atores da área. O conceito de espaço no tema rural colombiano é pouco abordado nas pesquisas, convertendo-se este estudo em um aporte importante no conhecimento deste campo profundamente atingido pela violência e os conflitos territoriais no país.

Por outro lado, descrever os processos acontecidos na região do *piemonte amazônico* de forma espacial, aproxima ao entendimento de vários problemas que na realidade são decorrentes de outros processos, portanto, é uma proposta de abordar de forma holística os fenômenos em questão. A colonização do piemonte, expressou, como acontecimentos sociais e políticos influíram nesse processo, conformando um território que preserva as características espaciais dos antigos espaços ocupados pelos atores, que atualmente compõe o vale do rio San Pedro e o ambiente de piemonte em geral.

Entre os resultados obtidos pela descrição da área estudo e do piemonte, a dinâmica econômica reflete claramente as práticas desenvolvidas pelos ocupantes de um território, e

como estas podem influenciar nas territorialidades. As análises dos preços, a quantidade de produtores, a quantidade produzida, as áreas usadas por atividade, oferecem as bases da estrutura de uma realidade, portanto, complementam o conhecimento de um território. A generalização dos dados é o reconhecimento da escala geográfica na que atua a atividade econômica, sendo a região o cenário composto de vários territórios, que através de características geografias ou redes de comunicação que expressam a multi-territorialidade.

Através dessas características, obtidas da informação levantada, para identificar os problemas do vale do rio San Pedro, desenvolveram-se duas metodologias que complementaram as análises teórico e descritiva da área de estudo, referentes à tema espacial e o qualitativo. Esta pesquisa demonstrou que a análises espacial identifica de forma clara nas mudanças no espaço, e de forma quantitativa argumenta as trocas dos usos do solo. Por outro lado, os relatos dos ocupantes do território evidencia das mudanças, pelas atividades que eles desenvolvem e a forma como percebem as transformações, constituindo uma versão primaria dos fatos acontecidos, ou seja, as entrevistas aos atores forneceu os elementos reais, a partir de questões ligadas aos resultados da análise espacial.

A análise espacial feita a partir das imagens de satélite neste estudo foram importantes, pela identificação das trocas de uso que a sua vez foram quantificadas, porém os relatos dos camponeses explicam o que a imagem de satélite não consegue mostrar, como os processos sociais dessas mudanças. A troca no uso do solo de agricultura para pastagens, é resultado de uma dinâmica econômica que foi implementada por uma população desestimulada em outra atividade econômica, sendo assim um fato espacial não possível de identificar na imagem de satélite.

As ferramentas usadas através de uma metodologia que mostre os limites de área, o controle dos atores e as redes, foram fundamentais para explicar o fenômeno de transformação territorial, ocorrido no vale do rio San Pedro. Território que hoje pode ser explicado através das mudanças identificadas no período de 1990 e de 2010, um conhecimento propicio para abordar uma escala maior, neste caso a região do *piemonte amazônico*, quanto a suas diversas varáveis, atividades e ambientes. Portanto, esta pesquisa converte-se na base teórica e metodológica de um estudo de maior escala.

6. BIBLIOGRAFIA

Acero, H. (1984). *"El Colono", Colonización Del Bosque Humedo*, Dominguez, C. (Org), Bogotá, Banco Popular.

Altvater, E. (2005). "A Teoria marxista e a teoria do crescimento", In: Procópio, Argemiro, *Os excluídos da arca de Noé,* São Paulo: Hucitec, pp. 163 - 192.

Álvares, J. (2001). *Plan Colombia. Ensayos críticos*, Bogotá: Unibiblos, Universidad Nacional.

ARAUJO IBARRA, (2006). "Caquetá: estrutura productiva y productos potenciales. Capítulo 3-9-7", *Quinientos nuevos productos y servicios, para nueve regiones de Colombia, con gran potencial de mercado en Estados Unidos*, Bogotá: Araujo Ibarra. Consultores en negócios internacionales.

Artunduaga, F. B. (1987). *Historia general del Caquetá, Florência*: [1984], Tesorería municipal de Florencia-Lotería del Caquetá-Concejo municipal del Doncello.

BANREP, (2010). *Movimiento financiero año de 2010*, Bogotá, Banco de la Republica.

Brücher, W. (1974). *La colonización de la selva pluvial en el piemonte Amazónico de Colombia. El territorio comprendido entre el río Ariari y el Ecuador*, Bogotá: [1968], Instituto Geográfico Agustín Codazzi.

Castro, I. (2008). "O Problema da Escala", Castro, I. et al (Orgs), *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro: 11ª Ed. [1995], Bertrand, pp. 117 – 140.

Cortés, E. A. (2004). *Sector agropecuario y desarrollo rural. Una mirada integral*, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

Corrêa, R. L. (2010). "Espaço: um conceito-chave da geografia", Castro, I. et al (Orgs), *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro: 13ª Ed. [1995], Bertrand, pp. 15 – 47.

Costa, H. R. (1995), "Gaúchos" no Nordeste: Modernidade, des-territorialização e Identidade, São Paulo: Tese de doutorado, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo.

_____ (2009). *O Mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*, Rio de Janeiro: 4ª Ed. [2004], Bertrand.

Cubides, F. & Domínguez, C. (1999). *Desplazados, migraciones internas y reestructuraciones territoriales*, Bogotá: Centro de estudios sociales, CES.

DANE, (2005). *Encuesta nacional de población*, Bogotá: Dane

_____, (2009). *Encuesta nacional agropecuária*, Bogotá: Dane.

_____, (2010). *Encuesta nacional agropecuária*, Bogotá: Dane.

Delgado, O. (2003). *Debates sobre el espacio en la geografía contemporánea*, Bogotá: Unibiblos.

Di Méo, G. (1991). *l´Homme, la Société, l´Espace*, Paris: Anthropos

Domínguez, C. (1985). *Amazonia Colombiana*, Bogotá: fondo de promoción de la cultura del Banco Popular.

_____ (2005). *Amazonia Colombiana, economía y poblamiento*, Bogotá: Universidad Externado de Colombia.

Domínguez, C. & Gómez, A. (1990). *La economía Extractiva en la amazonia colombiana 1850-1930,* Bogotá: Corporación Araracuara, Fundación Tropenbos.

DRISI TAIGA, (2009). Land Change Modeler (GIS). Tutorial, Boston: Clark University, pp. 248 - 249

ESDI, (2010). *Global Land Coverage Facility, Maryland University,* USA: Lansat 7 ETM, path and row 859, Imagens descarregada desde o site: http://glcfapp.glcf.umd.edu:8080/esdi/index.jsp, data de 15 de janeiro de 2010.

Fajardo, D. (1993). *Espacio y sociedad. Formación de las regiones agrarias en Colombia,* Bogotá: Corporación colombiana para la amazonía-Araracuara.

_____ (2002). "situación y perspectivas del desarrollo rural en el contexto del conflicto colombiano", *Seminário Situación y perspectivas para el desarrollo agrícola y rural en Colombia*, [Julho 2002], Santiago de Chile, FAO.

_____ (2002a). *Para sembrar la paz hay que aflojar la tierra*, Bogotá: Instituto De Estudios Ambientales IDEA.

Fajardo D. & Mondragon, H. & Moreno, O. (1997). *Colonización y estratégias de desarrollo*, Bogotá: IICA & IEPRI.

FEDECAFE. (2010). *Estadisticas anuales*, Bogotá: Federacion de cafeteros.

FEDEGAN. (2011). *Cuadernos Ganaderos, informe de gestión 2010. Un ejercicio de transparência*, Bogotá: Fedegan, primer semestre 2011.

FINAGRO. (2009). Sistema de Información Sectorial, Bogotá, HTTP://portal.fedegan.gov.co, revisado o 25 de julho de 2011.

Flórez, A. (2003). *Colombia: evolución de sus relieves y modelados*, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, RET, Unibiblos.

García Mª D. & Tulla A. & Valdovinos N. (1995). *Geografía Rural*, Madrid: Editorial Síntesis.

Giraldo, M, (2000). *Caquetá: construcción de un territorio Amazónico en el siglo XX*, Bogotá: instituto Amazónico de Investigaciones Científicas SINCHI.

Gobernación Del Caquetá, (2009). *Plan de desarrollo Del departamento Del Cauqetá, Grandes decisiones por un Caquetá productivo*, Florência: Gobernacion Del Caquetá.

Gomes, P. C. (2010). "O Conceito de região e sua discussão", Castro, I. et al (Orgs), *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro: 13ª Ed. [1995], Bertrand, pp. 49 – 76.

Gómez, A. (1991). *Indios, Colonos y Conflictos. Una historia regional de los Llanos Orientales*, Bogotá: Siglo XXI Editores.

_____(1999). "Estructuración socio-espacial de la Amazonia colombiana, siglos XIX-XX", Cubides, F. & Domínguez, C. (Orgs). *Desplazados, migraciones internas y reestructuraciones territoriales*, Bogotá: Centro de estudios sociales, CES.

Gonzáles J. J. (1998). *Amazonia colombiana. Espacio y sociedad*, Bogotá: Centro de Investigación y Educación Popular CINEP.

Guhl, A. (2004). *El café y cambio de paisaje en la zona cafeteracolombiana entre 1970 y 1997*, Cenicafé 55 (1), Bogotá: pp. 29-44.

Hobsbawm, E. (2002), *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

ICA, (2009). *Registro Nacional de vacunación contra la Aftosa y la Brucelosis*, Bogotá: Instituto Colombiano Agropecuario.

IGAC. (1993). *Aspectos ambientales para el ordenamiento territorial del occidente del departamento del Caquetá*, tomo 1, Bogotá: Tercer Mundo Editores.

Jimenez, L. & Montoya, J. (2003) "Organización espacial en el Piemonte amazonico colombiano: Elemento clave para la coheción Nacional y El desarrollo regional." *Cuadernos de Geografía*, XII (1-2), Bogotá: Departamento de Geografía- Universidad Nacional de Colombia.

Jaramillo, J; Mora, L; Cubides, F. (1986). *Colonización, Coca y Guerrilla*, Bogotá: Alianza editorial colombiana.

Jaramillo, C. A. (1994). *Apertura, crisis y Recuperación: La Agricultura Colombiana entre 1990 y 1994*, Bogotá: Tercer Mundo.

Kalmanovitz, S. & López, E. (2006). *La Agricultura Colombiana en el siglo XX*, Bogotá: Fondo de Cultura Economica.

Kitchin, R. & Tate, N. (2000). *Conducting Research in Human Geography. Theory, metodology and pratice*, Harlow: Pearson Education Limited.

Leal, C. & Restrepo, E. (2003). *Unos bosques sembrados de aserrios. Historia de la extracción maderera en El Pacífico colombiano*, Medellin: Editorial Universidad de Antioquia.

Lefebvre, H. (1991). *The Production of Space*, Translated by Nicholson, D., Oxford: Blackwell Publishing.

Ley Del Monte, Produção e direção de Patrícia Castaño e Adelaida Trujillo, London: BBC-Focine e Citurna Ltda., 1989, 1 videocassete.

MADR, (2007), *Encuesta nacional agropecuária*, Bogotá: Ministério de Agricultura y Desarrollo Rural.

Machado, A. (2003). *Ensayos sobre Seguridad Alimentaria*, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Red de desarrollo rural y seguridad alimentaria (RESA).

Machado, A. & Salgado, C. (2006). *Academia, actores sociales y políticas en el sector rural*, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Económicas

Marques, M. I. (2008).”Agricultura e campesinato no mundo e no Brasil: um renovado desafio a reflexão teórica”, *Campesinato. Territórios em disputa*, São Paulo: Expressão Popular.

Marsden, T.; Murdoch, J; Lowe, P; Munton, R; Flynn, A. (1993). “Rural restructuring”, *Constructing the Countryside*, London: University College London press, cap. 1.

Marsh, R. R. (1983). *Development strategies in rural Colombia. The case of Caquetá*, Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications University of California.

Martínez, L. R. (2004*). Intrumentos de ordenameitno territorial y urbano. Conceptos, proceso legal y articulación*, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

Molano, A. (2000). “El Plan Colombia y el conflicto armado”, *Revista Numero*, Bogotá: edición 27, mes Diciembre, pp. 65-69.

Montañez G. (2001). “Razón y Pasión del espacio y el territorio”, Delgado, O; Montañez, G. (Eds*), Espacio y Territorio. Razón, pasión e imaginarios*, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Unibiblos, pp. 15 – 31.

Moreira, R. (2001). “As Categorias Espaciais da Construção Geográfica da Sociedade”, *Geographia*, Niterói: Vol 3 Nº 5, Universidade Federal Fluminense.

Murgueitio, R. E. (1999). *La reconversion ambiental y social de la ganaderia en Colombia*, Medellín: Centro para la investigación en sistemas sostenibles de producción agropecuária - CIPAV

Musumeci, L. (1988). *O mito da terra liberta: colonização “espontânea, campesinato e patronagem na Amazônia oriental*, Rio de Janeiro: ANPOCS

Nestlé (2005). *Libro Caquetá*, Bogotá: Nestlé Colombia.

Oliveira, A. U. (2007). *Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária*, São Paulo: Labur Edições.

Panelli, R. (2006). "Rural society." *The Handbook of Rural Studies*, London: SAGE Publications.

PASTORAL SOCIAL, (2004). “Caquetá: Utopía de paz y desafío de reconciliación”*, Desplazamiento forzado en Colombia,* , Bogotá: RUT Informa.

Praça, H. L. (2009). *Criação de Unidades de conservação e Modernização no Meio Rural: o caso do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais*, Rio de Janeiro: Dissertação (mestrado em geografia) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Raffestin, C. (1993). *Por uma Geografia do Poder*, São Paulo: [1980], Editora Ática.

Ramirez, M. C. (2001). *Entre El Estado y la Guerrilla: Entidad y ciudadanía en el movimiento de los campesinos cocaleros del putumayo*, Bogotá: Instituto Colombiano de Antroplogía y Historia.

Rangel-CH, J (1999). *Colombia, diversidad biótica II*, Bogotá: Instituto de Ciências Naturales – IDEAM.

Robertson, K. G. (2007). "Morfotectónica y dataciones del Fallamiento Activo del Piemonte Llanero, Colombia, Sudamérica", *Cuadernos de Geografia*, Bogotá: Nº 16, Universidad Nacional de Colombia, pp 109 - 120.

Sack, R. D. (1986). *Human Territoriality. Its theory and history*, Cambridge UK: Cambridge University press.

Santos, M. (2008*), A Natureza do Espaço: Técnica, e Tempo, Razão e Emoção*, São Paulo: 4ª Ed. [1996] Editora São Paulo.

Santos, M. & Silveira M. L., (2003). *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*, Rio de Janeiro: 5ª Ed, Redord.

Souza, M. L. (2008), "O Território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento", Castro, I. et al (Orgs), *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro: 11ª Ed. [1995], Bertrand, pp. 77 – 116.

Tovar, H. (1999). *Colombia: Droga, Economía, Guerra y Paz*, 1ª ed., Bogotá: Editorial Planeta colombiana S.A.

UNDOC, (2006). *Informe de precios, Bolívia, Peru y Colombia*, Bogotá: ONU.

_____, (2010). *Censos cultivos colombia*, Bogotá: ONU

Unwin, T. (1995). *El lugar de la geografía*, Madrid: Ediciones Cátedra.

Uribe, G. (1992). *Veníamos con una manotada de ambiciones: un aporte a la historia de la colonización del Caquetá*, Bogotá: programa para la paz Misereor.

Vásquez, J. (2000). *Geografía rural y de la agricultura*, Cali: Universidad de Valle.

Velho, O. (1979). *Capitalismo autoritário e campesinato. Um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*, São Paulo: Difusão Editorial.

Vianna, O. Et al. (1976). "Proposição Metodológica para Estudo de Desenvolvimento Rural no Brasil", *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: Nº 38 (3) jul/set.

Zarate, C. G. (2001). *Extracción de quina: la configuración del espacio andino-amazónico de fines del siglo, XIX*, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia; instituto amazónico de investigaciones (IMANI).

ANEXOS

(Anexo 1)

Informante	Idade	Atividade atual	Ano de chagada	Localização na área de estudo	Origem	Atividade na época de chegada	Tem propriedade
1	59	Dono de boteco	1975	Povoado Norcasia	Campo Alegre-Huila	coca	Sitio com subsistência
2	47	professora	1982	Povoado Norcasia	Florência capital	Funcionário publico magistério	Sitio com subsistência
3	36	Dona de restaurante	1993	Povoado Norcasia	Neiva-Huila	Trabalhadora em fazenda	Casa no Povoado de Norcasia
4	71	Pecuária	1962	Área rural Norcasia	Doradal-Caldas	subsistência	Fazenda pecuária duplo propósito
5	52	Pecuária	1971	Área rural Norcasia	Florência capital	Pecuária duplo propósito	Fazenda pecuarista
6	60	Café	1976	Área rural Norcasia	Campo Alegre-Huila	coca	Sitio com café misturado com subsistência
7	36	Trabalhador rural	Nasceu na região	Área rural Norcasia	-	subsistência	Sitio familiar
8	59	Subsistência e café	1984	Área rural Pará	Pitalito-Huila	subsistência	Sitio com subsistência café
9	38	Trabalhador rural	1988	Área rural Pará	Paujil-Caquetá	Cultivo de café	Não
10	32	Trabalhador rural	1989	Área rural Pará	Suaza-Huila	Trabalhador rural	Não
11	43	subsistência	1991	Área rural Pará	Pereira-Risaralda	coca	Sitio com subsistência
12	62	Funcionária aposentada	1966	Área rural Maracaibo	Doncello-Caquetá	Funcionaria publica em saúde	Sitio com subsistência misturado com coca
13	59	subsistência	Nasceu na região	Área rural Maracaibo	-	subsistência	Sitio com pecuária duplo propósito misturado com banana da terra e milho
14	63	Trabalhador rural	1973	Área rural Maracaibo	Acevedo-Huila	Trabalhador em cultivos de coca	Não
15	64	Motorista e comerciante	1980	Área rural Maracaibo	Belen-Caquetá	coca	Pequeno supermercado e caminhão de carga
16	47	subsistência	1985	Área rural Maracaibo	Ibague-Tolima	Pecuária leiteira	Sitio com Pecuária leiteira
17	39	Comerciante de gado	1998	Área rural Maracaibo	San Vicente-Caquetá	Comerciante de gado	Sitio com pecuária
18	27	Trabalhador rural	1999	Área rural Maracaibo	Suaza-Huila	Trabalhador rural	Não

(Anexo 2)

Questões gerais realizadas aos informantes na área de estudo (questões em português).

1. Há quanto tempo você mora no vale?
2. Tem família? Se fosse sim. Quantas pessoas a compõe e moram com você?
3. Qual foi a primeira atividade econômica na que você participou na zona?
4. O que atividade econômica realiza atualmente?
5. Você ou sua família sempre tem morado no mesmo local dentro do vale do Rio San Pedro?
6. A situação em termos econômicos teve mudanças desde a época que você mora na região?
7. Sabe qual é atividade que gera mais divisas econômicas na área?
8. Além dos aspectos econômicos, você percebeu alguma outra mudança neste período?
9. Qual é atividade econômica mais comum da área?

(Anexo 3)

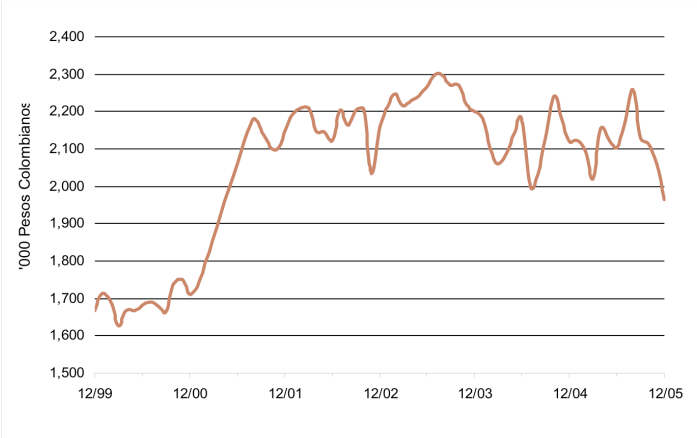
INFORME DE PRECIOS COLOMBIA, PERU Y BOLIVIA 2006[1]

RESUMEN

En general, los precios de la pasta de coca en Colombia han sido notablemente estables durante los últimos cinco años y por un periodo aún más largo esta estabilidad se ha presentado en los precios del clorhidrato de cocaína. Mientras que los precios al mayoreo del clorhidrato de cocaína en pesos colombianos disminuyeron por el segundo año consecutivo, ha sido la primera vez en tres años que esta disminución se reflejo en dólares americanos. Es importante notar que durante los últimos 16 años, el promedio nacional de los precios del clorhidrato de cocaína en dólares americanos se ha mantenido en un rango muy estrecho entre 1,350 y 1,860 dólares americanos por kilogramo. Mientras que la mayor parte del clorhidrato de cocaína de Colombia es destinada a la exportación, los precios de clorhidrato de cocaína en dólares americanos serían un indicador significativo de la dinámica del mercado internacional de drogas ilícitas, por lo que respecta en materia de precios.

En Colombia, el precio promedio anual de pasta de coca (879 dólares americanos por kilogramo) y de clorhidrato de cocaína (1,762 dólares americanos por kilogramo) en el año 2006 disminuyeron en un 2 y 4 por ciento respectivamente comparado con los precios observados en el año 2005. Sin embargo, el promedio anual absorbe un aumento en el precio de un 38%, del precio 14 bajo de cinco años de 1,714,000 pesos colombianos en Enero 2006 a 2,360,000 pesos colombianos en Diciembre 2006. Esto representa el precio promedio mas alto observado desde el inicio del monitoreo de precios en el año 2000. Los cambios de precios mensuales de pasta de coca pueden atribuirse en parte a los esfuerzos de erradicación que conducen a una interrupción del mercado ilícito local en las regiones afectadas.

Figura 1. Promedio de precios en el sitio de producción de pasta de coca en Colombia (miles de pesos colombianos), 2000 a 2006



En Perú, los precios en el sitio de producción de hoja de coca seca al sol disminuyeron de un promedio nacional de 2.9 dólares americanos en el año 2005, a 2.5 dólares americanos en el año 2006. Esta disminución fue observada en todas las regiones de cultivos. El promedio mensual del precio de hoja de coca seca al sol en el sitio de producción en el año 2006 se mantuvo en el rango de entre 2 y 3 dólares americanos por kilogramos, lo cual se ha observado desde el año 2001. Sin embargo, diferencias a nivel de regiones así como estacionalidades se siguen presentando.

---

[1] *Se toma información de los Informes de Monitoreo de Cultivos de Coca de Colombia, Perú y Bolivia, Junio 2007 y del Informe Andino.*